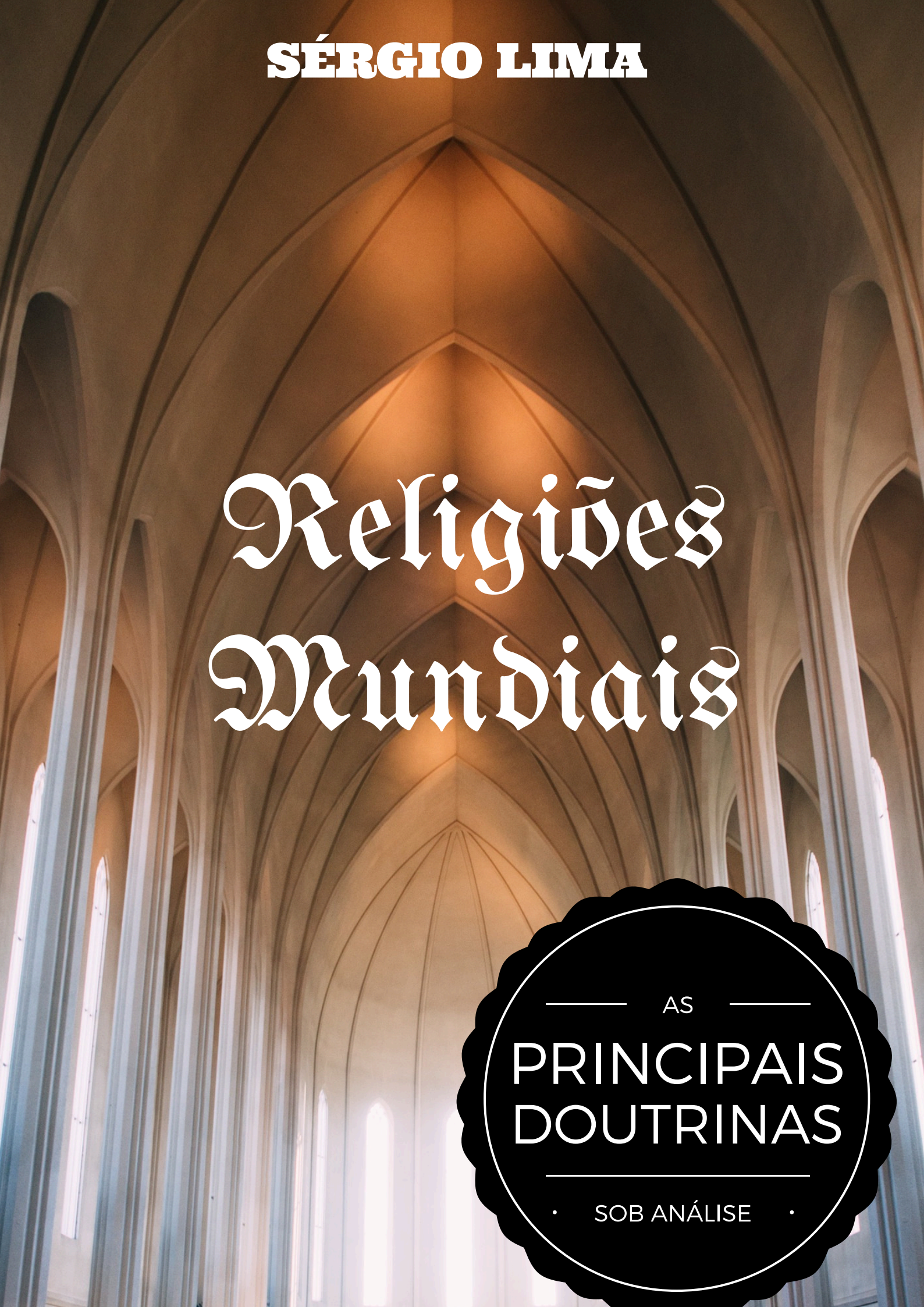

SÉRGIO LIMA
Religiões Mundiais
AS
PRINCIPAIS DOUTRINAS
SOB ANÁLISE

RELIGIÕES MUNDIAIS

DOUTRINAS E PRÁTICAS SOB A ANÁLISE DAS

ESCRITURAS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	**4**
CATOLICISMO ROMANO	**7**
ISLAMISMO	**20**
BUDISMO	**30**
HINDUÍSMO	**40**
JUDAÍSMO	**48**
CONFUCIONISMO	**61**
XINTOÍSMO	**71**
ESPIRITISMO	**81**
MOVIMENTOS SECTÁRIOS	**91**
CRISTIANISMO CONFESSIONAL	**100**

INTRODUÇÃO

As grandes tradições mundiais surgiram de troncos como o abraamismo, o darmismo e o taoismo. O cristianismo, o islamismo e o judaísmo são classificados como *religiões abraâmicas*. O hinduísmo, budismo, sikhismoe e jainismo são classificados como *religiões indianas* (dármicas). A religião tradicional chinesa, confucionismo, taoísmo e xintoísmosão classificados como *religiões da Ásia Oriental* (Taóicas).

Uma coisa é certa. Em qualquer lugar do mundo há uma busca por espiritualidade. Desde os sistemas mais refinados aos sistemas mais rústicos entre povos desconhecidos, sempre há uma pessoa ou um grupo tentando descobrir coisas místicas, mágicas ou espirituais, na busca por algum tipo de religião.

Os principais sistemas religiosos e tradições espirituais do mundo podem ser classificadas em um pequeno grupo de religiões mundiais, mas não há um critério definido para o termo[1]. A busca por uma definição começou no século XVIII, quando tentou-se observar o desenvolvimento educacional das sociedades humanas presentes no mundo.

Segundo o documento chamado *The World Factbook*,[2] elaborado pela CIA em 2012, os sistemas religiosos com maior número de adeptos em relação a população mundial são os seguintes troncos: cristianismo (28%); islamismo (22%); hinduísmo (15%); budismo (8,5%); sem religião (12%) e outros (14,5%). Estudos conduzidos pela Pew Research Center em 2009 mostram que, geralmente, nações mais pobres têm maior proporção de cidadãos que consideram a religião

---

[1] Wilkinson, Philip. O livro Ilustrado das religiões, o fascinante universo das crenças que acompanham o homem através dos tempos. - 1ed- São Paulo: Publifolha 2000; 128p.

[2] O The World Factbook é uma publicação anual da Central Intelligence Agency (CIA) dos Estados Unidos com informações de base, em estilo almanaque, sobre os países do mundo. O livro fornece um resumo de duas a três páginas da demografia, localização, telecomunicações, governo, indústria, capacidade militar etc, de todos os países e territórios do mundo reconhecidos diplomaticamente pelos EUA. Como o *The World Factbook* é preparado pela CIA para o uso do governo federal estadunidense, o estilo, formato, cobertura e conteúdo são elaborados para prover a essa necessidade. Como toda publicação do governo dos Estados Unidos, o conteúdo do *World Factbook* é de domínio público.

muito importante do que em nações ricas. A irreligiosidade e o ateísmo respondem por 14,27% e 3,97% da população mundial, seguidos pelas religiões étnicas indígenas.[3]

Há no mundo muitos outros grupos de crenças religiosas diferentes. Na cultura indiana, as diferentes filosofias religiosas eram tradicionalmente respeitadas como diferenças acadêmicas em busca de uma mesma verdade. No islamismo, o *Alcorão* menciona três categorias diferentes: os muçulmanos, os adeptos do *Livro* e os adoradores de ídolos. Inicialmente , os cristãos tinham uma visão de uma simples dicotomia de crenças mundiais. No século XVIII, foi esclarecido que "heresia" foi um termo criado para se referir ao judaísmo e ao islamismo, além do paganismo, isso criou uma classificação de quatro categoria que gerou obras como *Nazarenus, or Jewish, Gentile, and Mahometan Christianity*, de John Toland, que representou a três religiões abraâmicas como diferentes "nações" ou seitas dentro de uma mesma religião: o "verdadeiro monoteísmo".

Daniel Defoe[4] descreveu as diferenças religiosas da seguinte forma: "A religião é corretamente a adoração dada a Deus, mas isso também é aplicado à adoração de ídolos e de falsas divindades." Na virada do século XIX, entre 1780 e 1810, a linguagem mudou drasticamente: em vez de "religião", que é sinônimo de espiritualidade, os autores começaram a usar o plural "religiões" para se referir ao cristianismo e a outras formas de adoração. Uma das primeiras enciclopédias de Hannah Adams, por exemplo, teve seu nome alterado para *Um Compêndio Alfabético Das Várias Seitas* para *Um Dicionário de Todas as Religiões e Denominações Religiosas*.[5]

No século XIX, cristianismo, judaísmo, islamismo e paganismo foram evidenciados consideravelmente pela obra *Analytical and Comparative View of All Religions Now Extant among Mankind*, de Josias Conder. O trabalho de Conder ainda adere à classificação de quatro categorias, mas ele reúne muito trabalho histórico para criar algo parecido com a nossa imagem ocidental moderna: ele inclui drusos, Yezidis, mandeanos e elamitas em uma lista de grupos possivelmente monoteístas e, sob a categoria final de "politeísmo e panteísmo", ele lista o zoroastrismo, as "seitas reformadas dos vedas, puranas e tantras" da Índia, bem como

---

3 O Pew Research Center (PRC) é um *think tank* localizado em Washington DC que fornece informações sobre questões, atitudes e tendências que estão moldando os EUA e o mundo.

4 Daniel Defoe (Londres, 1660 – Londres, 21 de Abril de 1731) foi um escritor e jornalista inglês, famoso pelo seu livro *Robinson Crusoé*.

5 Joel E. Tishken. "Ethnic vs. Evangelical Religions: Beyond Teaching the World Religion Approach". *The History Teacher* 33.3 (2000)

"idolatria Brahminical", budismo, jainismo, sikhismo, lamaísmo, "religião da China e do Japão" e "superstições iletradas [6]."

O significado moderno da expressão "religião mundial", que coloca os não-cristãos no mesmo nível de cristãos, começou com o Parlamento Mundial de Religiões realizado em 1893 em Chicago, Estados Unidos. O Parlamento impulsionou a criação de uma dúzia de palestras financiadas pelo setor privado com o intuito de informar as pessoas sobre a diversidade da experiência religiosa.[7]

No século XX, a categoria de "religião mundial" foi seriamente questionada, especialmente por traçar paralelos entre culturas muito diferentes, criando assim, uma separação arbitrária entre o religioso e o secular.[8]

No entanto, ainda não foi cunhada expressão mais clara para designar estes movimentos mundiais, derivados de alguns troncos principais, com expressões de fé muito particulares.

Nosso intento é contribuir com o público do nosso tempo com estudos em algumas destas religiões, tendo o confessionalismo cristão histórico como parâmetro fundamental.

---

6 Masuzawa, Tomoko (2005). *The Invention of World Religions*. Chicago University of Chicago Press: [s.n.]

7 Clarke, Peter B. (editor), The Religions of the World: Understanding the Living Faiths, Marshall Editions Limited: USA (1993); pg. 125-127

8 Stephen R. L. Clark. "World Religions and World Orders". *Religious studies* (1990).

CATOLICISMO ROMANO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo veremos algumas ênfases da Igreja Católica Apostólica Romana[9] em seu ramo tradicional, suas tentativas de renovação e seu alcance sincrético com empréstimo de entidades para outros segmentos como Umbanda, Candomblé e Quimbanda. Comecemos pelos primórdios:

O Evangelho conquistou os primeiros cristãos, que ao aceitarem a mensagem, eram batizados e passavam a viver na nova comunidade, perseverando na doutrina dos apóstolos, tendo comunhão uns com os outros, cultuando ao Senhor em nome de Jesus e testemunhando da salvação (At 2.37-4.47; 4.32-35; 9.31).

Jerusalém, Samaria, Antioquia e outras cidades são alcançadas pelos missionários, congregações foram estabelecidas e lideranças foram instituídas. Um dos maiores missionários, Paulo é detido em Roma, e de sua prisão domiciliar escreve para muitas igrejas, orientando como viver a vida cristã segundo as prescrições cristãs.

---

9 Igreja Católica (o termo “católico" é derivado da palavra grega: καθολικός-katholikos), significa "universal", "geral" ou "referente à totalidade", chamada também de Igreja Católica Romana e Igreja Católica Apostólica Romana, é uma instituição com aproximadamente dois mil anos, colocada sob a autoridade suprema visível do Papa, Bispo de Roma e sucessor do apóstolo Pedro. Seu objetivo é a conversão ao ensinamento e à pessoa de Jesus Cristo em vista do Reino de Deus, e concede um papel nesta missão a Maria, a quem intitulou de "Mãe da Igreja", considerando que nem mesmo se deve temer que o incremento do culto, tanto litúrgico como privado, a ela dedicado, possa ofuscar ou diminuir o «culto de adoração, que é prestado ao Verbo Encarnado e do mesmo modo ao Pai e ao Espírito Santo». Para este fim, a Igreja Católica administra os sacramentos e prega o Evangelho de Jesus Cristo. Atua em programas sociais e instituições em todo o mundo, incluindo escolas, universidades, hospitais e abrigos, bem como administra outras instituições de caridade.A Igreja Católica se considera a igreja estabelecida por Deus para salvar todos os homens, embora admita a possibilidade de salvação dos que não a seguem. Esta ideia é visível logo no seu nome: o termo "católico" significa global em grego. Ela elaborou sua doutrina ao longo dos concílios sendo regida pelo Código de Direito Canónico, ela se compõe, além da sua muita bem conhecida hierarquia ascendente que vai do diácono ao Papa, de vários movimentos apostólicos, que comportam notadamente as ordens religiosas, os institutos seculares e uma ampla diversidade de organizações e movimentos de leigos. Ver mais em Pio XII, Humani Generis (Carta encíclica url = http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html), Vaticano. Ver ainda em Franzen, August (1988), Kleine Kirchengeschichte Neubearbeitung, Freiburg: Herder, p. 11. Ver também em Marty, Martin E; Chadwick, Henry; Pelikan, Jaroslav Jan (2000). «Christianity». Encyclopædia Britannica [Enciclopédia britânica] (em inglês) Millennium ed. [S.l.]: Encyclopædia Britannica. “The Roman Catholics in the world outnumber all other Christians combined”.

Para os desviados, correções. Para os desanimados, ânimo novo. Para os perseguidos, segurança. Para os fracos na fé, demonstração da provisão de Deus em qualquer situação.

Após o período apostólico homens como Policarpo, Papias, Irineu e outros continuaram o ministério dos apóstolos. Começaram as grandes perseguições, principalmente por parte do Império Romano, que através de Nero, culpava os cristãos por tudo e condenava-os à revelia, produzia espetáculos para os torturar e tirar-lhes a vida.

O tempo passa e em 313 d.C. o imperador Constantino anuncia sua conversão ao cristianismo com consequências religiosas marcantes para os próximos séculos.

Cessa a perseguição sob o governo de Constantino. A liberdade religiosa é permitida e o cristianismo é reconhecido posteriormente pelo decreto do imperador Teodósio como religião oficial.

A primeiro grande absurdo da nova instituição foi a criação do Papado. O papa é infalível, governador absoluto no céu e na terra, substituto de Cristo e sucessor de Pedro. Todos os outros dogmas derivam desta (equivocada) pressuposição fundamental. Começa a desaparecer o cristianismo autêntico da Igreja Primitiva.

1. ALGUMAS DOUTRINAS ANTIGAS (DOGMAS)

O PAPADO - O texto de Mateus 16.16-18 onde Jesus fala que sobre "esta pedra" estabeleceria sua igreja é o princípio fundamental deste dogma.

Mas, sobre qual pedra Jesus fundamentou a sua igreja? "Tu és Pedro, e sobre esta pedra..." - "esta pedra" é o próprio Jesus com o colegiado apostólico, ou seja, sobre a grande verdade que Pedro proferiu, ele estabeleceria sua igreja.

Pedro é um homem tão sujeito a erros que, quando Jesus anuncia sua morte para breve, Pedro discorda. Então Jesus o repreende severamente: "Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço…". Assim, sempre aconteceu com Pedro. De impulso em impulso, até a negação.

Mas o principal argumento é que o próprio Pedro considera Jesus como a "pedra angular" (At 4.11; 1 Pe 2.4,6,7). Paulo reforça que o fundamento são os apóstolos e os profetas, mas que Jesus é a pedra angular (G1 2.9; Ef 2.20; 1Co 3.11).

Quanto a Pedro ser o primeiro papa a Bíblia nunca afirmou a supremacia dele sobre a igreja. Ao contrário, na primeira reunião dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém, quem dirige a reunião não é ele, e sim Tiago (At 15).

Em outra ocasião, Paulo diz que discutiu com Pedro, pois este deu motivos e se tornou censurável (G1 2.11). Pedro era casado (Mt 8.16,17). Paulo também fala sobre este assunto (lTm 3.1-3). Na verdade, é muito difícil defender o papado de Pedro!

Por isso, a base do dogma sobre o papado não se sustenta.

A EUCARISTIA - O texto de Mateus 26.26-28 em que Jesus toma o pão e afirma: "Este é o meu corpo" e depois toma o cálice e afirma: "Este é o meu sangue", é utilizado para afirmar que o pão se transforma em carne e o vinho em sangue, literalmente. A isso é dado o nome de transubstanciação, mudança de substância, a transformação do pão e do vinho em carne e sangue. Cada vez que a cerimônia é praticada, os elementos se transformam no corpo de Cristo.

Em João 6.63, o próprio Jesus dá à explicação: "...as palavras que eu vos tenho dito são espírito e vida". Paulo diz a Igreja de Corinto para tomarem a ceia "em memória" de Cristo. Em nenhum momento fala de transformação de substância (1 Co 11.24,26). Além disso, não usam pão e vinho, mas os substituíram pela hóstia, que é "abençoada" pelo "sacerdote".

A IDOLATRIA - O culto às imagens é uma prática pagã introduzida na igreja com a conversão do imperador romano Constantino, em 312 d.C. Em decorrência disso, milhares de pessoas se tornaram cristãs sem nunca terem sido regeneradas por Cristo e sem abandonarem as suas práticas pagãs. Esta é uma das causas do desvio da Igreja Romana.

A Bíblia adverte quanto ao culto ou adoração de imagens de escultura (Êx 20.3-5; SI 78.58). No segundo mandamento somos proibidos de fazer e cultuar quaisquer formas imagens.

A SANTIDADE DE MARIA - O texto de Lucas 1.42 onde Isabel diz a Maria: "Bendita és tu entre as mulheres", é utilizado para a justificativa da divinização e consequentemente adoração. É adorada como o Filho, segundo os católicos, porque "intercede" pelos pecadores (1 Tm 2.5 nega esta prática).

Isabel continua: "... de onde me provém que me venha visitar a mãe do meu Senhor?". A senhora não é Maria, mas, simplesmente, a mãe do seu Senhor (Jesus).

O catolicismo nega o relacionamento íntimo dela com José, por isso, afirma que ela não teve outros filhos. No entanto, a Bíblia mostra que José não se deitou com ela até acabar a gravidez (Mt 1.25), mas que depois eles tiveram outros filhos (Mt 12.46- 50).

Para concluir, a Bíblia afirma que "... não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12).

O PURGATÓRIO - O Papa Gregório, aquele que afirmou que as imagens "eram as Escrituras para os ignorantes", inventou a doutrina do purgatório em 593 d.C. É o lugar dos que não obtiveram a devida penitência e, por isso, sofrerão certo castigo por algum tempo.

Isso expandiu o domínio da igreja sobre o povo e os lucros para o clero, que desenvolveu a prática de vender indulgências e rezar missas a fim de livrar a alma dos mortos do purgatório. Esta é é uma prática lucrativa até os dias atuais, rezar pelos mortos e receber dinheiro por isso.

A Bíblia afirma em Isaías 53 que Jesus levou sobre si todos os nossos pecados e nos fez santos. Portanto, nenhuma condenação há contra os eleitos de Deus. A redenção foi cumprida pelo fato de Deus enviar seu Filho (Rm 8.1- 4).

Paulo diz que ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho e que nele temos a remissão de pecados (Cl 1.13,14).

Jesus, na parábola do Rico e de Lázaro afirma que depois que morremos não existe mais nenhuma comunicação com este mundo (Lc 16.27-31). Assim, Bíblia ensina que não há o purgatório.

2. ALGUMAS PRÁTICAS NOVAS (RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA)

Uma nova forma de catolicismo? Um catolicismo livre de dogmas? Sacerdotes com liberdade para contrapor os ensinos históricos?

O catolicismo tolera esta tentativa de renovação. na verdade, é sabido que o clero fundamental não aprova os novos movimentos, mas aceita, por causa da aderência, principalmente, porque o catolicismo perde adeptos em larga escala no mundo.

"Tolerar é aceitar tudo. E respeitar o direito do outro". Este é o espírito da nossa época. Para o mundo de hoje ninguém está errado, todos estão certos. Por isso, "devemos respeitar a opinião de cada um".

Mas, o que dizer dos ensinos de Hitler? Devem ser tolerados? E a exploração que gera fome e violência no mundo, também devem ser toleradas? E os atos terroristas que matam milhares de inocentes?

A Renovação Carismática Católica, quando busca o "batismo do Espírito Santo" e concorda com a "mediação de Maria" para a salvação, distancia-se do ensino principal das Escrituras como um todo. Isso é aceitável? Podemos considerá-los irmãos?

I. O SURGIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

Na década de 1960, dois leigos professores de Teologia da Universidade de Duquesne, na Pensilvânia (Estados Unidos), sentiram o desejo de ser mais espirituais. Depois da leitura de alguns

livros que tratavam do assunto, procuraram, e encontraram, pessoas que teriam recebido o batismo no Espírito Santo e que falavam em línguas.

Desde então, os dois professores, com a promoção de acampamentos, deram início ao movimento, o qual começou a se disseminar dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. Eram reuniões de oração "em busca do Espírito Santo". No decorrer das rezas, muitas coisas pareciam acontecer: alguns gritavam extasiados, outros rolavam pelo assoalho, alguns não paravam de rir.
Foi dessa forma que começou o movimento. Por causa do comportamento semelhante ao dos pentecostais evangélicos, os adeptos passaram a ser chamados

Havia um crescente interesse pela renovação espiritual da Igreja Católica, e foi por esse caminho que o movimento surgiu e se estabeleceu. Com o estigma de "fanáticos" ou "extremistas", os integrantes sentiam orgulho da nova experiência adquirida, pois acreditavam ser "batizados no Espírito Santo" e continuaram na Igreja romana.

Assim o movimento que, em vez de "pentecostal", adotou o termo "carismático" tornou-se a Renovação Carismática Católica, espalhando-se pelo mundo, dentro da Igreja Católica Apostólica Romana.

II. A FINALIDADE DO MOVIMENTO

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica vem buscando o ecumenismo. A explicação para essa atitude está no fato de que há um crescimento espantoso de evangélicos que assusta a cúria romana, uma vez que o êxodo católico é muito grande.

Então, a Renovação Carismática, com um culto mais alegre e participativo, regado a muita música e atrações (incluem-se aqui até artistas populares), tem o objetivo de segurar o católico em sua própria Igreja. Quando o adepto passa a ter orgulho de ser católico, torna-se mais praticante. Então o objetivo é alcançado.

Se a nós, como cristãos, cabe avaliar os movimentos pentecostais, façamos isso "indo" para a Bíblia, analisando cuidadosamente as passagens polêmicas. E esperemos em Deus a oportunidade de defender nossa fé com coerência.

III. SERIA (REALMENTE) UM MOVIMENTO RENOVADOR?

A verdadeira renovação significa um avivamento espiritual. A Bíblia disserta sobre alguns desses avivamentos; dentre eles, destacamos o que aconteceu com o rei Josias.

A Bíblia diz que, com sinceridade, ele invocou o Senhor e, como prova de obediência, combateu toda forma de idolatria, restaurando o templo e mudando seu modo de vida. A partir de então, dava testemunho das grandezas do Senhor, juntamente com todo o povo.

Em 2 Crônicas 34- 35.19, vemos que o arrependimento sincero é um princípio bíblico para a renovação espiritual. No movimento de renovação da Igreja Católica há arrependimento pelo pecado da idolatria? As práticas mundanas são abandonadas? Existe mudança na maneira de viver? A santidade é alvo buscado pelos adeptos?

Até aqui, o movimento não tem mostrado essas características. Então nem poderia ser chamado de Renovação Carismática Católica, pois o que se vê é uma imitação do culto pentecostal, concentrando-se na nova fórmula litúrgica, assemelhada à evangélica, mas que mantém as mesmas práticas romanas. "Trata-se de uma renovação de práticas e de crendices do catolicismo popular, não de renovação bíblica"[10].

Os adeptos do movimento se dizem batizados no Espírito Santo e até falam em línguas estranhas. Mas pensemos juntos: uma das funções do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo 0o 16.14), ou seja, ele é cristocêntrico.

É um absurdo afirmar que o Espírito Santo glorifica a Maria e aos santos. Quando houve o derramamento do Espírito no Novo Testamento, os convertidos testemunharam exclusivamente de Jesus Cristo. Essa é a prática bíblica.

IV. O QUE REALMENTE MUDA?

"A liturgia, a linguagem e a aparência."[11]

- Se a antiga liturgia da Igreja Católica era cansativa por ser carregada de ritualismo e formalidades, a nova liturgia é alegre e dinâmica, com o povo participando dos corinhos (quase todos de origem evangélica), com convidados especiais atraindo e animando o público, entre eles alguns sacerdotes com destacado talento para a animação de espetáculos.
- Se a linguagem erudita usada pelos sacerdotes conservadores não era bem compreendida nem empolgava mais ninguém, a nova linguagem, que é muito mais direta e cotidiana, traz a sensação de simplicidade e praticidade no culto a Deus.

---

10 Glauco Barreira Magalhães Filho. O que é a Renovação Católica Carismática. Defesa da Fé, mar./abr. 1999.

11 Idem, ibidem.

- Se a aparência dos padres indicava um certo afastamento da coletividade, pela sua maneira de vestir e de se comportar na sociedade, os novos padres têm aparência jovem e se identificam muito mais com o povo, pois estão inseridos nas diversas classes.sociais pela mídia, orgulhando-se de ser católicos. Hoje existem slogans como: "Sou feliz por ser católico".

Na Renovação Carismática Católica não existe arrependimento pelo pecado, mas uma tentativa de incutir no antigo adepto, que andava longe das igrejas, a certeza de que ele está na religião certa.

É uma religião que julga ser a verdadeira, mesmo não aceitando Jesus Cristo como o centro de tudo, como o único e suficiente Salvador. Jesus diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).

E na carta aos Hebreus está escrito:

"... muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo! Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados" (Hb 9.14,15).

V. A INTERPRETAÇÃO CARISMÁTICA SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Há uma verdadeira confusão na interpretação do papel do Espírito Santo no mundo. A Renovação Carismática segue os dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana e aceita o papa (que é um homem pecador como todos os outros) como vigário de Cristo na Terra, sem perceber que isso é uma tentativa de usurpação do lugar do Espírito Santo, que é o verdadeiro sucessor de Cristo (Jo 14.16,17).

Ao aceitar os dogmas da Igreja-mãe, o movimento concorda com os ensinamentos contrários ao Espírito Santo. O papa, que é reconhecido pelos católicos como o "Cristo visível na Terra"[12] poderia ser idólatra?

No entanto, vemos o papa andando com a imagem de Nossa Senhora Aparecida nas mãos. Esse é um ensino contrário às Escrituras e abominável aos olhos do Senhor, mas difundido em larga escala pelos católicos romanos carismáticos.

---

12 Harold J. Hahn; S. J. Maria; I. R. Lamego. Sereis batizados no Espírito. n. 38. Amid Defesa da Fé. mar./ abr. 1999

Ao aceitar os dogmas da Igreja-mãe, eles não conseguem perceber que o Espírito dá testemunho de Cristo como o único e suficiente Salvador (At 4.12), e aceitam Maria como assistente e intercessora no processo de salvação, chegando ao cúmulo de a considerar co-redentora.

Ao crer na mediação de Maria, admitem pensar que a Bíblia está errada ao afirmar: "Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos" (1 Tm 2.5-6).

Ao aceitar os dogmas da Igreja-mãe, não percebem que o Espírito Santo rejeita a missa, pois ele ensina que o sacrifício de Cristo foi completamente suficiente. Portanto, a missa, que é considerada uma renovação sacrificial constante, perde totalmente o valor.

Os carismáticos aceitam, também, as encíclicas papais e os dogmas feitos por homens como uma autoridade superior à Bíblia, que foi escrita por inspiração do Espírito Santo de Deus.

Com base nesses dados afirmamos que, para obter a salvação, o participante da Renovação Carismática Católica terá de aceitar a instrução bíblica: "Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele [Jesus Cristo] se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

Se eles não creem em Jesus Cristo como o único mediador entre Deus e os homens, antes creem na mediação de Maria, não entenderam ainda o plano de salvação nem conhecem o verdadeiro testemunho do Espírito Santo.

VI. EM BUSCA DE "ALGO MAIS"

O que os adeptos da Renovação Carismática Católica buscam é o que chamamos de Pentecostes. Esse fato está intimamente ligado com a obra de Jesus em um momento especial da história que não pode ser repetido de forma nenhuma. O dom do Espírito Santo é dado a cada um no momento da conversão, para que esta aconteça.

Em nenhum lugar da Bíblia menciona-se a necessidade de uma segunda bênção, mas fala- se de um constante aperfeiçoamento em busca da plenitude. Isso acontece mediante uma comunhão com Jesus e seus ensinos, a fim de que possamos usufruir os dons que ele nos deu, de forma digna, com o objetivo de fazer o melhor para o crescimento da Igreja do Senhor.

Para muitos, a notar pela frieza com que tratam as coisas de Deus, a religião se resume a deveres a cumprir dentro de um campo intelectual aceitável. Mas, por outro lado, se entendermos que o Senhor tem propósitos especiais para nossa vida, mergulharemos na Bíblia e buscaremos as respostas.

O catolicismo carismático promete à Igreja e a seus membros a fonte da renovação. Mas o Espírito não surge da vida emocional ou espiritual do recebedor, não depende do estado interior da pessoa nem é sujeito a ele. O Espírito Santo vem de cima, de Deus, sobre as pessoas. Por mais que a Igreja Católica Apostólica Romana se esforce em adotar uma versão evangélica para suas missas, apresentando-se como Renovação Carismática, concluímos que, na essência, o ensino permanece o mesmo de séculos atrás.

Oremos ao Senhor, como o Rev. Paulo Anglada, para que "pelo seu Espírito ele use as palavras da Bíblia para a boa instrução, servindo de ocasião para a presença de Deus em graça e em misericórdia".[13]

3. ALGUMAS PRÁTICAS SINCRÉTICAS (UMBANDA, CANDOMBLÉ E QUIMBANDA)

Para entender o grande número de adeptos dessa prática, precisamos voltar no tempo, mais precisamente para a época do Descobrimento do Brasil. Naquele tempo, o Brasil era tomado pelo animismo indígena.

Com a chegada dos portugueses, o catolicismo romano ganhou espaço, uma vez que chegou com os colonizadores. O quadro social religioso do Brasil começava ser modificado.

Como faltava mão de obra, os portugueses lançaram mão dos escravos, que vinham do Continente Africano e traziam sua cultura na bagagem. Daí para frente o que vemos é um sincretismo, envolvendo mistura de fé, ritos, deuses, tradição, superstição...

Neste estudo, queremos destacar as práticas e crenças de parte da cultura africana que chegou ao Brasil (Umbanda, Candomblé e Quimbanda) e que, com o passar do tempo, tornou-se o mais brasileiro dos movimentos.

O que está em discussão não é a cultura em si. Não é o povo africano que está sendo objeto deste estudo, mas o sistema religioso, com as suas implicações doutrinárias.

I. O SINCRETISMO COMO BASE DE SOBREVIVÊNCIA

Foram juntados muitos elementos culturais (deuses africanos, lendas indígenas, santos da Igreja Católica, doutrinas espíritas) para formar uma nova expressão cultural, que adquiriu a forma de religião afro-brasileira.

---

[13] Paulo Anglada. Vox Dei: A Teologia Reformada na Pregação, In: Fides Reformata, Jan-Jun/1999, pág. 148

Perseguidos ao longo dos anos e ridicularizados sob o estigma de macumbeiros, muitas vezes os adeptos das religiões africanas adoravam seus deuses utilizando o nome de um santo católico para fugir da pressão do clero. Assim, prosseguiram espalhando "terreiros" ora de;
Umbanda, ligada à magia branca, ora de Quimbanda, executora da magia negra pelas Américas, aculturando-se por onde passaram.

O mais importante fenômeno de aculturação foi o sincretismo, processo mediante o qual os africanos identificaram suas principais divindades a santos da Igreja Católica, fazendo uma ligação de práticas. Assim, Iansã é Santa Bárbara, Oxalá é o Senhor do Bonfim ou Cristo, e Ogum é São Jorge, apesar de essas correspondências variarem de região para região.

A partir do século 19, os cultos africanos começaram a conviver, de forma gradativa, com o Espiritismo kardecista, religião que tem pontos em comum com as africanas e que foi responsável pela difusão do ensino sobre a reencarnação nos seguimentos afro-brasileiros. Dessa forma "a teoria das reencarnações sucessivas, a ideia da evolução cósmica e a doutrina do carma, transpostas para classes sociais de menor preparo intelectual, combinaram-se com a estrutura sacral"[14].

II. A SITUAÇÃO CONTEMPORÂNEA

As principais religiões afro-brasileiras, Candomblé, Umbanda e Quimbanda, têm forte penetração no país, especialmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na Bahia.

Em 1991 havia 648,5 mil adeptos, de acordo com dados do censo desse ano, ou 0,4% da população brasileira. Em 1999, conforme estimativa da Igreja Católica, esse índice, passou para 1,5%.

Os dois percentuais estão distantes da estimativa da Federação Nacional de Tradição e Cultura Afro-Brasileira. De acordo com a entidade, 70 milhões de pessoas têm ligação com o Candomblé ou com a Umbanda no Brasil.

A divergência se deve ao quadro histórico de perseguição que essas religiões e seus rituais sofreram no país. Praticando o culto clandestinamente no passado, os fieis estabeleceram o hábito e a tradição de esconder sua opção religiosa e, quando eram questionados, declaravam-se seguidores da religião católica.

A. UMBANDA

---

[14] J. K. van Baalen. O caos das seitas, Um Estudo sobre os Ismos Modernos (São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1984) p. 55.

É uma religião que está se formando no Brasil de maneira sincrética com ritualismo africano, pensamentos católicos, teoria da reencarnação, teoria do carma e incorporações mediúnicas kardecistas.

Por causa da maneira particular de cada pai-de-santo convencionar e interpretar os ritos da macumba, ainda não existe um conjunto doutrinário codificado e definido.

O Espiritismo destaca-se exercendo uma força muito grande na formação da doutrina dos cultos afro-brasileiros. Os africanos assimilaram a maneira espírita de interpretar a medi unidade.

Se antes de chegar ao Brasil, os africanos tinham medo da presença das almas dos mortos, hoje, com a concepção angélica do catolicismo e o sistema de hierarquia de espíritos do Kardecismo, eles convivem com "pretos-velhos, caboclos e orixás" com a maior naturalidade.

B. CANDOMBLÉ

O Candomblé é composto pelos ritos religiosos dos negros iorubas (africanos) conservados até hoje por seus descendentes. Também se chama candomblé o lugar de realização dos rituais e a sede onde as filhas-de-santo cumprem seu longo período de iniciação.

Os negros de origem banto (também africanos) dão o mesmo nome aos centros de sua devoção. No Brasil, a união entre as religiões negras e indígenas criou o Candomblé de Caboclo, que reverencia os orixás, divindades impregnadas de suposta força mágica: o "axé". Modificado no Brasil em seus traços primitivos, o Candomblé ainda é, dos cultos africanos, o que conserva maior fidelidade às origens.

Seu ritual visa à descida de orixás nos filhos-de-santo, ou cavalos, que entram em transe nos terreiros. Possuídos, seus filhos dançam em atitudes que lembram o gestual do orixá[15].

O Candomblé usa um ritual de iniciação que envolve desde banho em água abençoada até o "sundido" (um banho de sangue de animal especialmente morto para essa ocasião). Eles acreditam ficar em estado de inconsciência, o "erê", que é o caminho entre o homem e a divindade.

O fim da iniciação é marcado pela comunicação solene do nome pelo qual o orixá quer ser tratado. Após um ano, renovam-se as obrigações para o "assentamento" do segundo orixá. Cinco anos depois, novas obrigações põem fim à iniciação.[16]

---

[15] Candomblé. In: Enciclopédia Microsoft Encarta

[16] Ritos afro-brasileiros. In: Enciclopédia Microsoft Encarta

C. QUIMBANDA

A Quimbanda, ainda que seus praticantes não assumam publicamente, é um movimento desenvolvido para o lado obscuro das emoções humanas. Invocação de espíritos maus, invocação das forças ocultas da natureza e magia negra são práticas comuns.

O motivo principal do praticante é o estabelecimento do direito ou a vingança a alguém, com a ajuda dos espíritos maus. Por isso, a Quimbanda oferece um culto a tais espíritos e requer deles a ação esperada, que geralmente é a punição a um suposto inimigo ou a submissão de alguém à sua vontade.

III. A PARTICULARIDADE DE CADA MOVIMENTO

Aparentemente, Umbanda, Candomblé e Quimbanda são apenas formas de denominar um mesmo culto. Mas na verdade, são movimento distintos, unidos apenas pelas roupas, pelos atabaques e pelo uso do transe mediúnico.

Na Umbanda trabalham com espíritos como caboclos, pretos-velhos e ciganos, entre outros, ou seja, as incorporações são feitas através de espíritos encarnados ou desencarnados em médiuns de incorporação.

No Candomblé, só os Orixás podem provocar a possessão; a nenhum espírito que tenha tido vida na terra, é permitido este fenómeno, então apenas as divindades da natureza dão incorporados. Existem pessoas que praticam o candomblé e a umbanda, mas o fazem em dias, horários e locais diferentes.

Um dos pontos em que também Candomblé e Umbanda têm pontos de vista diferentes é no que se refere ao culto de uma das divindades mais conhecidas popularmente, por tanto se recorrer a ela para a realização de todo o tipo de trabalhos: Exú.

Na Quimbanda, geralmente, os participantes são advindos da Umbanda e do Candomblé, ainda que isso não seja um movimento exclusivo. É muito comum conhecer pessoas que praticam mais de um destes movimentos. A Quimbanda oferece ao praticante as prática mais malévolas que se possa imaginar.

COMO RESPONDER AO CATOLICISMO E SUAS FISIOLOGIAS

É enorme a distância e a incompatibilidade entre o Cristianismo Confessional e as práticas da Igreja católica Apostólica Romana.

Desde os tempos mais antigos, a Palavra do Senhor vem alertando o povo sobre o perigo de envolvimento com ensinos heréticos. Veja o que a Bíblia diz em Êxodo 20 sobre a exclusividade da adoração a Deus.

Os católicos adoram imagens, tornaram o papa infalível e fizeram de Maria, a principal mediadora. Os umbandistas ficam presos na malha da idolatria ao professar a fé no mitológico e inexistente Deus Zambi (que é cultuado por meio dos orixás). Veja o que está escrito nas Escrituras (Salmos 115.1-4).

Isso mostra o quanto se distanciam do Deus da Bíblia, que se relaciona com o seu povo de maneira contínua, mediante o sacrifício de Jesus Cristo na cruz (Mateus 16.13-23; Colossenses 2.20-23).

CONCLUSÃO

O apóstolo Paulo descreve o que é a feitiçaria na vida do homem, ao falar com o mágico Elimas: "O filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?" (At 13.10).

Mas o maior de todos os problemas relacionados à Umbanda e ao Candomblé é que essas religiões omitem a figura centralizadora de Jesus no plano de salvação, tornando-o mais um orixá. É uma posição inadmissível.

Mesmo quando a Umbanda alega estar fazendo o "bem", tal prática não pode ser considerada um "bem" porque é abominada por Deus[17]. Jesus Cristo é o Deus encarnado (Jo 1.1). É quem salva o homem. Deus está sempre presente em Cristo. Ele é a revelação divina para o mundo.

O que fazer?

1. Orar pelos praticantes do catolicismo (Tradicional, Renovado e Sincrético).
2. Pesquisar sobre a sua preservação e associação com as maiores denominações mundiais.
3. Responder como você dialogaria com seus praticantes sobre a correta prática de culto.

---

[17] Donald. W. Kaller, Seitas I, p. 242.

ISLAMISMO

INTRODUÇÃO

O Islamismo[18] é semelhante ao cristianismo em alguns aspectos: é monoteísta, é universal, crê em céu e inferno, crê na ressurreição futura e na revelação de Deus ao homem. Mas, é só isso. As diferenças separam o islamismo do cristianismo para níveis irreconciliáveis. Essas diferenças abrangem as doutrinas mais fundamentais de cada religião. Neste estudo veremos a essência do islamismo, a imensa influência do seu líder e quais são as suas crenças e práticas. Na conclusão estudaremos um contraponto ao islamismo a partir de uma cosmovisão cristã.

---

[18] Islã provem do árabe *Islām*, que por sua vez deriva da quarta forma verbal da raiz *slm*, *aslama*, e significa "submissão (a Alá)". Segundo o arabista e filólogo José Pedro Machado, a palavra "Islão" não teria surgido na língua portuguesa antes de 1843, ano em que aparece no capítulo IX da obra *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano.
O Islã é descrito em árabe como um "*diin*", o que significa "modo de vida" e/ou "religião" e possui uma relação etimológica com outras palavras árabes como *Salaam* ou *Shalam* (Shalaam / Shalom), que significam "paz".
Muçulmano, por sua vez, deriva da palavra árabe *muslim* (plural, *muslimún*), particípio activo do verbo *aslama*, designando "aquele que se submete". O vocábulo pode ter penetrado no português a partir do castelhano, sendo provável que essa língua o tenha tomado do italiano ou do francês, línguas nas quais o vocábulo surge em 1619 e 1657, respectivamente (no primeiro caso como *mossulmani*, na obra *Viaggi*, de Pietro della Valle, e no segundo como *mousulmans*, na obra *Voyages*, de Le Gouz de la Boullaye). Em textos mais antigos, os muçulmanos eram conhecidos como "maometanos", este termo tem vindo a cair em desuso porque implica, incorrectamente, que os muçulmanos adoram Maomé (como, durante alguns séculos, por completo desconhecimento, o Ocidente pensou), o que torna o termo ofensivo para muitos muçulmanos. Durante a Idade Média e, por extensão, nas lendas e narrativas populares cristãs, os muçulmanos eram também designados como sarracenos e também por mouros (embora este último termo designasse mais concretamente os muçulmanos naturais do Magrebe, que se encontravam na Península Ibérica). *Islão* pode se referir também ao conjunto de países que seguem esta religião (a jurisprudência islâmica utiliza nesse caso a expressão *Dar-al-Islam*, "casa do Islão"). Os muçulmanos acreditam que Deus é único e incomparável e o propósito da existência é adorá-Lo. Eles também acreditam que o islã é a versão completa e universal de uma fé primordial que foi revelada em muitas épocas e lugares anteriores, incluindo por meio de Abraão, Moisés e Jesus, que eles consideram profetas. Os seguidores do islã afirmam que as mensagens e revelações anteriores foram parcialmente alteradas ou corrompidas ao longo do tempo, mas consideram o Alcorão (ou Corão) como uma versão inalterada da revelação final de Deus. Os conceitos e as práticas religiosas incluem os cinco pilares do islã, que são conceitos e atos básicos e obrigatórios de culto, e a prática da lei islâmica, que atinge praticamente todos os aspectos da vida e da sociedade. A maioria dos muçulmanos pertence a uma das duas principais denominações; com 80% a 90% sendo sunitas e 10% a 20% sendo xiitas. Cerca de 13% de muçulmanos vivem na Indonésia, o maior país muçulmano do mundo. 25% vivem no Sul da Ásia, 20% no Oriente Médio, 2% na Ásia Central, 4% nos restantes países do Sudeste Asiático e 15% na África Subsaariana. Comunidades islâmicas significativas também são encontradas na China, na Rússia e em partes da Europa. Comunidades convertidas e de imigrantes são encontradas em quase todas as partes do mundo. Com cerca de 1,5 bilhão de muçulmanos, compreendendo cerca de 22% da população mundial,o islã é a segunda maior religião e uma das que mais crescem no mundo. Dados retirados de Lipka, Michael (e Conrad Hackett) (6 de Abril de 2017). «Why Muslims are the world's fastest-growing religious group». Pew Research Center. “"As principais razões para o crescimento do Islã, em última análise envolvem demografia simples. Para começar, os muçulmanos têm mais filhos do que os membros dos outras sete principais grupos religiosos analisados no estudo. As mulheres muçulmanas têm uma média de 2,9 filhos, significativamente acima do próximo maior grupo (cristãos em 2,6) e a média de todos os não-muçulmanos (2.2). Em todas as principais regiões onde existe uma população muçulmana considerável, a fertilidade muçulmana excede a fertilidade não-muçulmana.”

A ESSÊNCIA DO ISLAMISMO

O Islamismo tem um livro básico chamado Corão. A palavra islã significa "submeter-se" e exprime a obediência à lei e à vontade de Alá (Allah, "Deus" em árabe). Seus seguidores são chamados muçulmanos (muslim, "subordinados a Deus" em árabe). O islamismo é a segunda maior religião do mundo, com 1,8 bilhão de adeptos, perdendo apenas para o cristianismo.

O Corão, que significa "leitura", é a coletânea das supostas revelações recebidas por Maomé de 610 a 632 d.C. Dividido em 114 suras (capítulos), seus principais ensinamentos são a onipotência de Deus e a necessidade de bondade, generosidade e justiça nas relações entre as pessoas.

O islã, de maneira geral, ensina seis conceitos fundamentais:

A. A crença em um Deus único - Allah;

B. A crença nos seres criados por Deus - anjos;

C. A crença nos livros sagrados - Torá, Salmos e Evangelho;

D. A crença em profetas - dos quais Maomé é o último;

E. A crença no dia do Juízo - o julgamento final;

F. A crença na predestinação: Allah tudo sabe e tudo pode.

A INFLUÊNCIA DE MAOMÉ

O nome Maomé (570-632 d.C.) significa "digno de louvor"[19]. O profeta nasceu em Meca e começou sua pregação aos 40 anos de idade, quando, segundo a tradição, teve uma visão do arcanjo Gabriel, que lhe revelou a existência de um Deus único. Na época, as religiões da Península Arábica eram o Cristianismo Bizantino, o Judaísmo e uma forma de politeísmo que venerava vários deuses tribais. Maomé passou a pregar sua mensagem monoteísta e encontrou grande oposição. Ele não acreditava na Bíblia, e pregava que os judeus e os cristãos haviam mudado o texto original. Maomé pregava que os cristãos haviam acrescentado à Bíblia sobre a divindade e a filiação divina de Jesus, o ensino da Trindade e a doutrina da expiação. Por isso, considerou os ensinos do Novo Testamento acerca de Jesus Cristo, o Filho de Deus, uma heresia. Ele escreveu: "...e os cristãos dizem: O Messias é o Filho de Deus. Essas são suas asserções. Erram como erravam os descrentes antes

---

19 Tarik Al-Salam, Islamismo. Curitiba: Editora Santos, 2012, p.19

deles. Que Deus os combata".

Maomé foi obrigado a emigrar para Medina, em 622 (esse fato chamado Hégira, é o marco inicial do calendário muçulmano), depois de ser perseguido em Meca. Em Medina ele foi reconhecido como profeta e legislador, assumiu autoridade espiritual e temporal, venceu a oposição judaica e estabeleceu a paz entre as tribos árabes. Quase dez anos depois, Maomé e seu exército ocuparam Meca, sede da Ka'aba, centro de peregrinação islâmica. Maomé morreu em 632 como líder de uma religião em expansão e de um Estado árabe que começava a se organizar politicamente.

AS PRINCIPAIS CRENÇAS E PRÁTICAS ISLÂMICAS

Os muçulmanos acreditam que Deus é superior a tudo, e que é soberano em seus atos; que há um profeta em cada época, começando com Adão e terminando com Maomé (Jesus foi um dos 120 mil profetas); que o Corão é a revelação final[20], pois foi o último livro sagrado dado ao homem, não sendo necessário estudar os livros anteriores; que Deus mandou Satanás adorar Adão e ele se recusou; que a salvação é pelas obras; que no Paraíso existem muitas virgens de olhos verdes para cada homem.

O islamismo envolve todos os aspectos da vida da pessoa (religioso, político, cultural e social) e tem como base alguns "pilares" em forma de doutrina.

Os pilares do islamismo

A. Profissão de fé: "não há outro Deus a não ser Alá, e Maomé é o seu profeta". Esse testemunho é a chave de entrada da pessoa para o islamismo. A essência da natureza de Deus no islã é "poder".
B. Cinco orações diárias. São orações comunitárias, durante as quais o fiel deve ficar ajoelhado e curvado em direção a Meca. Um sermão com base em um verso do Corão, de conteúdo moral, social ou político, é lido às sextas-feiras.
C. Taxa tributária. É o único tributo permanente ditado pelo Corão, pago anualmente em grãos, gado ou dinheiro. É empregado no auxílio aos pobres e no resgate de muçulmanos presos em guerras.

---

[20] Breese, D. Conheça as Marcas das Seitas, São Paulo: Editora Fiel, 1998, p. 18

D. Jejum completo. É feito durante todo o mês do Ramadã, do amanhecer ao pôr-do-sol. Nesse período, em que se celebra a revelação do Corão a Maomé, o fiel não pode comer, beber, fumar ou manter relações sexuais.

E. Peregrinação a Meca. Deve ser feita pelo menos uma vez na vida por todo muçulmano com condições físicas e econômicas para tal.

A esses cinco pilares, foi adicionado o Jihad (Guerra Santa). É o esforço pelo qual os muçulmanos querem reformar o mundo.

F. O conceito de Jihad

O termo significa "luta", "esforço" ou "empenho", e no contexto religioso envolve uma luta contra o mal, assumindo várias formas.

(i) Jihad do coração: significa a luta contra as tendências más da natureza humana.

(ii) Jihad da boca: argumentação verbal e maldições ou imprecações, ou seja, guerra verbal.

(iii) Jihad da pena: utiliza a palavra escrita em defesa do islã (apologética islâmica).

(iv) Jihad da mão: busca promover a causa de Alá através de boas obras.

A última e mais problemática forma de “jihad” é a da espada. Esse aspecto domina a história e a jurisprudência islâmica. Quando essa palavra ocorre no Corão sem um qualificativo ou com o qualificativo típico "na causa de Alá", ela invariavelmente significa um apelo ao combate físico em favor do islã.

COMO INTERAGIR COM OS MUÇULMANOS

Primeiramente, precisamos compreender qual é o pensamento do islamismo acerca do cristianismo. Em seguida, argumentamos com uma resposta clara e inteligente, baseada na razão , conforme o texto bíblico:

> Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal (1Pedro 3.13-17).

Para o islamismo, o verdadeiro evangelho cristão foi alterado por Paulo e pelos apóstolos. Afirmamos que há evidências históricas a nosso favor de que isso não aconteceu[21]. Não há registro algum na história de que Paulo tenha modificado qualquer coisa que Jesus disse. Ao contrário, até mesmo fontes pagãs confirmam cada detalhe da Bíblia como autêntica. E ainda temos as cópias dos manuscritos que ilustram a preservação da Bíblia sem jamais ter sido corrompida.

Para o islamismo, os cristãos estão divididos em várias denominações e enfraquecidos, ao passo que o islamismo conserva a sua integridade. Afirmamos que as duas religiões estão divididas. Enquanto temos divergências denominacionais, o islamismo se dividiu em vários partidos como os xiitas, os sunitas e os sufis, e chegam ao limite de guerrear entre si, o que parece que "ainda" não aconteceu no cristianismo.

Para o islamismo, o verdadeiro islã foi difamado pelos cristãos quando o consideram um grupo violento e irracional. Afirmamos que o islã é mais agressivo em difamar o cristianismo, haja vista o risco que os missionários cristãos correm em países islâmicos. Os islâmicos não aceitam a mensagem cristã em seus países, perseguindo, aprisionando e matando nossos missionários, no entanto, ocupam boa parte do ocidente difundindo a sua fé sem risco pessoal algum.

Para o islamismo, os cristãos são cegos e desprovidos de razão porque a maioria deles nem consegue explicar a sua fé de maneira lógica e compreensível. Afirmamos que, apesar de parte disso ser verdade, o cristianismo pode ser facilmente entendido, pois é um ato redentivo. Mas temos a consciência que ser capaz de explicar a Deus exaustivamente na concepção humana é ter uma concepção muito pequena de Deus.

Para o islamismo, os cristãos são imorais porque o ocidente está dominado por tóxicos, hipocrisia, hedonismo, ganância e crime, o que torna o ocidente secularizado e expõe a futilidade da religião cristã. Afirmamos que os países ocidentais não professam a fé cristã. O ocidente é pagão, e seus governos não estão atrelados à fé. E quando esta crítica é feita às nossas igrejas, sentimos vergonha pela maneira pecaminosa que muitos cristãos vivem. Eles realmente foram chamados para uma vida santa, com mentes renovadas (Rm 12.1-2), e devem urgentemente rever seus conceitos e valores.

> Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Romanos 12.1-2).

---

[21] Lima, L. Razão da Esperança - Teologia para Hoje. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p.18

COMO TESTEMUNHAR AOS MUÇULMANOS

Para testemunhar a fé cristã a um muçulmano é necessário contornar vários obstáculos e barreiras culturais.

Algumas atitudes são fáceis de memorizar: apertar a sua mão direita; evitar chamá-lo de irmão, mas de amigo (por respeito); aceitar e retribuir a hospitalidade; evitar falar com o sexo oposto; construir amizade antes de falar de Cristo. Depois destes passos, é importante primar por uma mensagem clara.

A. Apresentando a Graça do nosso Deus

Quando usamos termo "nosso", é porque Deus pode ser de todos, mediante a compreensão de si mesmo e do seu plano de salvação, através do filho, Jesus Cristo, nosso salvador. A mensagem central da Bíblia sobre a obra salvadora de Deus ao longo da história é bem clara e de fácil compreensão. O seu conteúdo básico – a criação, a queda, a redenção e a consumação – é tão simples que uma criança pode facilmente entender. A comunicação de Deus na Bíblia, como um todo, é acessível. Isso pressupõe duas premissas: Primeiro, a Bíblia significa o que Deus e os autores humanos queriam que ela significasse. Segundo, podemos entender esse significado. Porém, isso não significa que consigamos entender tudo no grau mais alto possível.

Se podemos verdadeiramente entender a Bíblia, então por que todos os homens não concordam plenamente a respeito do que ela ensina? O problema não está na Bíblia. O problema está com os homens finitos e pecadores. Se não fossem os efeitos da queda em nossa mente e coração, todos interpretaríamos a Bíblia da mesma maneira. Mas o ponto a ressaltar aqui é que a mensagem central da Bíblia é clara[22].

Para a maioria dos convertidos do islã, a obra conclusiva e propiciatória de Jesus Cristo na cruz tem um impacto poderoso. Eles aprenderam que a liberdade em Cristo significa liberação das obras e do medo. Ressalte o perdão de Cristo para todos os pecados e o pagamento de toda a dívida. A graça, na plenitude de seu significado, é uma doutrina magnífica.

O islã não conhece um Deus íntimo, pessoal e amoroso. Alá é um criador e juiz impessoal. O único termo de "intimidade" no Corão diz respeito à ameaça de julgamento: Estamos mais perto de

---

[22]Cf. as sete qualificações sensíveis de Wayne Grudem: "A Escritura afirma que ela pode ser compreendida, mas, (1) não tudo de uma vez, (2) não sem esforço, (3) não sem meios ordinários (4) não sem a disposição do leitor para obedecê-la (5) não sem a ajuda do Espírito Santo (6) não sem o mau entendimento dos homens e (7) nunca totalmente"."The perspicuity of Scripture" Themelios 34, no.3 (2009): 288–309, acesso em http://theGospelCoalition.org/publications

Alá “que sua veia jugular” (Surata 50:16). A benevolência de Cristo na cruz e seu amor transcendente desarmam a mente muçulmana.

B. Apresentando a Bíblia como Palavra do único Deus

Inspirada. É como Deus soprou suas palavras por meio de escritores humanos.

> Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2Timóteo 3.14-17).[23]

Inerrante. Inerrância significa que quando todos os fatos forem conhecidos, as Escrituras nos seu autógrafos originais e corretamente interpretadas demonstrarão ser totalmente verdadeiras em tudo o que afirmam, seja com relação à doutrina, à moral ou às ciências sociais, físicas e humanas.[24]

Autoridade. O próprio Jesus apela para a Bíblia como a autoridade final, afirmando que não se consegue demonstrar que ela contenha erros:

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar. Eu e o Pai somos um. Novamente, pegaram os judeus em pedras para lhe atirar. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte do Pai; por qual delas me apedrejais? Responderam-lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejamos, e sim por causa da blasfêmia, pois, sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses"? Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar, então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis: Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus? (João 10.27-36)

E ainda em outra referência:

> Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a

---

[23]O prefixo “in” na palavra inspiração induz ao erro, porque 2Timóteo 3.16 se refere a uma obra escrita que Deus soprou para fora e não a algo já existente que Deus soprou dentro e animou. O prefixo “ex” é mais preciso, mas dizer que toda a Escritura foi expirada não melhoraria a explicação. Nós estamos presos à palavra tradicional “inspirada”. A clássica definição de B. B. Warfield é mais precisa: “Inspiração é... uma influência sobrenatural exercida nos escritores sagrados pelo Espírito de Deus, em virtude da qual é dada divina confiabilidade aos seus escritos”. The works of Benjamin B. Warfield, vol. 1, Revelation and inspiration (Nova York: Oxford University Press,1927), 77–78 [Em português, ver A Inspiração e Autoridade da Bíblia, de Benjamin Warfield, publicado pela Cultura Cristã.

[24]Paul Feinberg, “The meaning of inerrancy," em Inerrancy, org. Norman L. Geisler (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 294

> vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus. (Mateus 5.17-20).

Deus tem a autoridade suprema, pois ele criou e controla todo o universo. Se a Bíblia é inspirada por Deus, então ela tem a autoridade do próprio Deus. É a autoridade máxima. E não é a autoridade máxima simplesmente para "fé e prática". É a autoridade máxima para cada área do conhecimento a que ela se dirige.

Suficiente. A Bíblia é perfeitamente suficiente para a sua finalidade. Na Bíblia, Deus nos deu tudo aquilo de que precisamos para conhecê-lo, confiar nele e obedecê-lo.

> Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2Timóteo 3.16-17).

A Bíblia não responde diretamente a cada pergunta que as pessoas fazem. Esse não é o propósito dela. Seu objetivo principal é revelar o Deus do evangelho, para que possamos conhecê-lo e honrá-lo. A Bíblia sozinha é suficiente. Sua suprema autoridade é exclusiva.

Necessária. A Bíblia é necessária para conhecermos a Deus, confiarmos nele e lhe obedecermos. Um cristão ou um muçulmano deve, de algum modo, ouvir a mensagem da Bíblia, seja lendo-a você mesmo, ouvindo alguém lê-la ou explicá-la. "E que desde a infância sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15). "E assim, a fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo".

> Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira. E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim (Romanos 10.16-20).

Devemos continuar a ouvir a mensagem da Bíblia para um desenvolvimento como cristão. Isso significa ouvi-la tanto pela leitura como pela pregação, lê-la, estudá-la, memorizá-la, meditar nela e aplicá-la, porque ela é exata.[25] Um cristão precisa da Bíblia como precisa de alimento e de água. A necessidade nunca desaparece. É por isso que Pedro escreve:

> Despojando-vos, portanto, de toda maldade e dolo, de hipocrisias e invejas e de toda sorte de maledicências, desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que

---

[25]Para uma introdução acessível a respeito do quanto é exato o texto do Novo Testamento, veja J. Ed Komoszewski, M. James Sawyer e Daniel B. Wallace, Reinventing Jesus: how contemporary skeptics miss the real Jesus and mislead popular culture (Grand Rapids: Kregel, 2006), 51–117, 272–95 [Ver também Crítica Histórica da Bíblia, de Eta Linnemann; Inspiração e Canonicidade da Bíblia, de Laird Harris e A Inspiração e Inerrância das Escrituras de Hermisten Maia Pereira da Costa, todos da Editora Cultura Cristã]

> o Senhor é bondoso. Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo (1Pedro 2.1-5).

O "genuíno leite espiritual" é "a palavra de Deus, a qual vive e é permanente"; "a palavra que vos foi evangelizada", conforme outra referecia do apóstolo Pedro:

> Tendo purificado a vossa alma, pela vossa obediência à verdade, tendo em vista o amor fraternal não fingido, amai-vos, de coração, uns aos outros ardentemente, pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente. Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada. (1Pe 1.22-25).

A Bíblia é necessária para mais do que a sobrevivência. É o nosso único e infalível guia para navegar na vida com sabedoria porque ela revela a vontade de Deus.

CONCLUSÃO COMPARATIVA

O Islamismo é uma religião fundamentada num livro tido como sagrado[26]. Por isso, o islamismo reivindica a mesma autenticidade do cristianismo.

Por isso, a melhor maneira de concluir uma lição como esta, pode ser através de uma comparação entre as duas correntes.

Maomé ensinou que há um único Deus. Cristo ensinou que isso é verdade - devemos adorar o único Deus através de Jesus Cristo (Jo 14.6).

Maomé ensinou que Deus é grande e altíssimo. Cristo revelou que o Deus altíssimo vive também no coração do humilde e contrito (Is 57.15).

Maomé ensinou que no dia do pagamento de dívidas (Yan Ad Din) somente os muçulmanos serão salvos. Cristo anunciou que no dia do grande tribunal de Deus somente os que creram nele serão livres da punição (At 10.43).

Maomé ensinou sobre a existência de demônios. Cristo revela em sua Palavra que só em seu nome temos vitória sobre o maligno e seus demônios.

Maomé ensinou no Corão que é blasfêmia afirmar que Jesus Cristo é o filho de Deus. Cristo afirmou que ele e o Pai são um (Jo 14.8-14 e 1Jo 5.19).

---

[26] Caner, H. M. e E. F. O islã sem véu, São Paulo: Editora Vida, 2004. p. 258

Maomé ensinou que é possível encontrar a felicidade e o paraíso através do pilares do islamismo. Cristo anunciou que somente através do seu sacrifício obtemos perdão, purificação, santificação e a vida eterna (Hb 9.13-14).

Maomé ensinou que o homem é salvo pelas obras da lei. Cristo disse que a salvação é pela Graça (Ef 2.8-10).

Maomé ensinou que o caminho que leva a Deus é o islã. Cristo revelou-se como sendo o único caminho (Jo 14.6).

Maomé foi o fundador do islamismo que nasceu, viveu, morreu e foi sepultado. Cristo deu origem ao que chamamos de cristianismo, e também nasceu, viveu, morreu, foi sepultado, mas ressuscitou do mortos, e vive para sempre, assim como vive todo o que nele crer.

Alguns textos podem apoiar esta convicção: Deuteronômio 18.15-19 e João 14.15-17; Isaías 9.1-7 afirma que Cristo é o Filho de Deus; 1Pedro 3.13-22 ressalta que Jesus deve ser santificado como Senhor; Levítico 18.1-5 lembra que os estatutos do Senhor devem ser obedecidos; 1Reis 18.20-40 alerta que o Senhor é Deus! Números 25 instrui o povo de Deus a ter comportamento digno; Juízes 2.6-23 aponta o castigo aos que deixam o Senhor; João 14.1-6 conclui que Jesus é o único resgatador.

APLICAÇÃO

Se a essência do islamismo é o conjunto de conceitos advindos do Corão, qual é a essência que exala do cristianismo?

Se a imensa influência do seu líder vem de uma postura radical e anti-bíblica, qual é a influência de Cristo sobre a nossa vida?

Se as suas crenças e práticas passam pelos pilares do islamismo, qual é a estrutura que nos mantém em missão?

E então, o que fazer?

1. Orar pelo povo islâmico.
2. Pesquisar sobre o avanço islâmico.
3. Responder na plataforma como você dialogaria com um muçulmano acerca da graça de Deus relatada nas Escrituras.

BUDISMO

INTRODUÇÃO

O Budismo[27] se espalhou pela Índia, Ásia, Ásia Central, Tibete, Sri Lanka, Sudeste Asiático, bem como a China, Myanmar, Coréia, Vietnã e Japão. Atualmente esta filosofia é encontrada em qualquer parte do Planeta. Suas lições principais são não praticar o mal, cultivar o bem e a própria mente, visando atingir o Nirvana, a realidade superior que todos almejam alcançar, no qual a pessoa obtém o fim do ciclo de sofrimento, ou seja, o samsara. Ele é atingido através da prática da compaixão e da generosidade, por meio do desapego e da destruição do carma negativo; representa

---

[27] A história do budismo desenvolve-se desde século VI a.C. até ao presente, começando com o nascimento de Sidarta Gautama. Durante este período, a religião evoluiu à medida que encontrou diferentes países e culturas, acrescentando ao fundo indiano inicial elementos culturais oriundos do Helenismo, bem como da Ásia Central, do Sudeste asiático e Extremo Oriente. No processo o budismo alcançou uma expansão territorial considerável ao ponto de influenciar de uma forma ou de outra quase todo o continente asiático. A história do budismo caracteriza-se também pelo desenvolvimento de vários movimentos e cismas, entre os quais se encontram as tradições Theravada, Mahayana e Vajrayana. O budismo parece ter sido um fenômeno marginal, pouco se conhecendo dos seus primeiros tempos. Dois importantes concílios tiveram lugar, embora o que sabe deles baseia-se em fontes posteriores.

O Primeiro Concílio Budista ocorreu em Rajagria pouco tempo depois da morte de Buda, sob o patrocínio de Ajatasatru, imperador de Mágada, tendo sido presidido por um monge chamado Mahakasyapa. O concílio tinha como objetivo registrar os ensinamentos orais do Buda (sutra) e codificar as regras monásticas (vinaya). A Ananda, primo de Buda e seu discípulo, foi pedido que recitasse os discursos do Buda e outro discípulo, Upali, recitou as regras da vida monástica. A recitação do vinaya por Upali foi aceita como o *Vinaya Pitaka* e a recitação do dhamma por Ananda ficou estabelecida como o *Sutta Pitaka*. Estes dois elementos, constituem a base do *Cânone Pali*, referência de ortodoxia em toda a história do budismo.

O Segundo Concílio Budista foi convocado pelo rei Calasoca, tendo decorrido em Vaisali, na sequência de conflitos entre escolas tradicionais do budismo e um movimento de interpretação mais liberal conhecido como os Mahasamghikas. Para as escolas tradicionais, o Buda tinha sido um ser humano que alcançou o estado de iluminação, e este poderia ser facilmente alcançado pelos monges seguindo as regras monásticas. Para os Mahasamghikas esta perspectiva era demasiado individualista e egoísta, propondo como verdadeiro objetivo o atingir do estado de budeidade. Tornaram-se proponentes de regras monásticas menos rígidas, que pudessem apelar a um maior grupo de pessoas.

O Terceiro Concílio Budista foi convocado por Asoca em Pataliputra (Patna) por volta de 250 a.C., tendo sido presidido pelo monge Mogaliputa. O objectivo do concílio era tentar reconciliar as diferentes escolas budistas, purificar o movimento budista de facções oportunistas atraídas pelo patrocínio real e estabelecer as viagens de missionários budistas para todo o mundo.

O Cânone Pali (Tipitaka; em sânscrito Tripitaka, "os três cestos"), que compreende textos de referência do budismo tradicional e que se considera ter sido transmitido pelo Buda, foi formalizado nesta ocasião. É composto pela doutrina (Sutra Pitaka), pela disciplina monástica (Vinaya Pitaka) e por um novo corpo de textos de carácter filosófico (Abhidharma Pitaka).

As tentativas de Asoca para purificar o budismo, acabaram por produzir uma rejeição de movimentos budistas emergentes. Após 250 a.C. a escola Sarvastivada (rejeitada pelo Terceiro Concílio, segundo a tradição Theravada) e a escola Dharmaguptaka tornaram-se influentes no noroeste da Índia e na Ásia Central até à época do Império Cuchana nos primeiros séculos da era comum. A escola Dharmaguptaka caracterizava-se por acreditar que o Buda era um ser que estava separado e acima da comunidade budista, enquanto que a escola Sarvastivadin acreditava que o passado, o presente e o futuro coexistiam ao mesmo tempo. dados retirados de BARBEIRO, Heródoto. C2 moro *Buda: o mito e a realidade*. São Paulo : Madras, 2005.

um estado de profunda iluminação, após o qual não é mais necessário renascer. O Nirvana não é um lugar geográfico, mas um modo de ser superior a tudo, no qual se tem acesso à felicidade completa e à liberdade da alma.

A moral budista é fundada na conservação vital e no comportamento comedido[28]. Para tocar estas metas, é preciso adestrar a mente e colocar em evidência a disciplina moral – sila -, a concentração meditativa – samadhi – e a sabedoria – prajña. O Budismo não cultua um ser concebido como Deus, da forma como as outras religiões o fazem, não lhe concede poderes de criação, salvação ou julgamento, embora admita a existência de entidades extranaturais. O budista precisa entender as Quatro Nobres Verdades, que revelam a sobrevivência de uma certa carência de satisfação – Dukkha -, comum no homem, mas que pode ser sobrepujada pela prática do Nobre Caminho Óctuplo. Há outros conceitos muito importantes no Budismo, como o que praticamente resume a visão desta filosofia – as três marcas da existência. São elas a insatisfação – Dukkha -, a impermanência – Anicca – e a falta de um 'eu' autônomo – Anatta.

O Buda nasceu no Nepal, na forma de um príncipe dotado de grande fortuna. Seu nome era Sidarta. Quatro visões mudaram sua vida, quando ele tinha 29 anos – o envelhecimento dando origem ao sofrimento, as enfermidades e a morte, revelando a face implacável da vida e os tormentos vivenciados pelo homem; um eremita com o rosto sereno, imagem que lhe aponta o caminho para a paz. Neste momento ele percebe a fugacidade dos prazeres materiais, abandona seus familiares e todas as suas posses e sai à procura da verdade e da paz permanente. Esta decisão revela o nível de sua compaixão pelo outro, pois ele próprio nunca vivenciara a dor Após seis anos de solidão e isolamento, vivendo como um eremita, ele finalmente percebe que só a prática do 'Caminho do Meio' impediria a autoflagelação, que nada mais faz além de debilitar a inteligência, e a auto-condescendência, que atrasa os avanços morais.

Um dia, sob uma árvore, em uma noite banhada pela lua cheia, aos 35 anos, ele sente pulsar dentro de si uma imensa sabedoria, alcançando finalmente a compreensão da essência universal e uma visão íntima da jornada humana. Os budistas se referem a esse processo como um ato de iluminação. Ele se torna então Buda, o iluminado, o desperto, não um deus, mas um homem que conquistou suas próprias luzes. A partir de então, ele caminhou ao lado de seus discípulos por todo o país, legando às pessoas seus ensinamentos, que nasceram da sua experiência pessoal. Ele assim agiu por mais de quarenta e cinco anos, até atingir a morte, aos oitenta anos. Assim como Jesus, ele não só pregava, mas também exemplificava suas mensagens.

---

[28] BAREAU, André - *O Buda: Vida e Ensinamentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

Uma das primeiras ordens de monges do planeta foi fundada pelo próprio Buda. Ele transmitia aos seus seguidores ensinamentos que condiziam com os dons de cada um para o aprimoramento espiritual. O fundador do Budismo nunca criou dogmas nem impôs aos seus discípulos uma fé cega. Ele permitia que cada um tivesse suas experiências pessoais, apenas ensinando o caminho, mas deixando a escolha nas mãos de seus aprendizes – "venha e experimente você mesmo". Depois da sua morte, realizou-se o Primeiro Concílio Budista, que congregou neste momento 500 membros, então prontos para organizar os ensinamentos budistas, conhecidos como Dharma. Os discursos de Buda são denominados Sutras. No Segundo Concílio, reunido em Vaishali, séculos depois do falecimento de Buda, instituíram-se as duas importantes correntes conhecidas atualmente – a dos Theravadins, que se pautam pelo Cânone Páli, e os Mahayanistas, que adotam os sutras publicados em sânscrito.

Da Índia à China, o budismo viajou por meio de dois missionários budistas, que o introduziram na corte do Imperador Ming, em 68 d.C. Os textos sagrados foram traduzido para a língua chinesa e, muitos anos depois, durante a Dinastia Tang, um monge chinês fez o caminho inverso, indo até a Índia, lá pesquisando e organizando sutras budistas. Após dezessete anos, ele voltou para a China com grandes tomos de textos budistas, dedicando-se a partir deste momento a vertê-los para o chinês. Assim, o budismo logo estava preparado para se disseminar por todo o continente asiático. Hoje o Budismo surpreendentemente está morto na Índia, sobrevivendo em países como a China e o Japão, e ganhando cada vez mais fôlego no Ocidente.

QUEM FOI BUDA

Através de textos do próprio budismo sabemos que o Buda nasceu em Lumbini e cresceu em Capilvasto, no Nepal, no século V antes de Cristo[29]. Ele era filho de um rei, e recebeu o nome de Sidarta Gautama. Uma profecia dava contas que ele seria um rei muito importante e que, se visse como era a vida fora das paredes do palácio, abandonaria tudo para ser um homem santo, desconectado de qualquer bem material.

O rei Suddhodana, seu pai, fez o que foi possível para isso não acontecer, impedindo-o de sair do palácio, inclusive, arranjando um casamento para o filho com uma prima. Fato que se consumou, e deste casamento nasceu um filho de Sidarta. Mas, ao completar 29 anos, o jovem Sidarta foi ao encontro do mundo e das pessoas que viviam além das muralhas em que vivia. Ali ele

[29] KEOWN, Damien - *O Budismo*. Lisboa: Temas e Debates, 2002.

se deu conta da vida difícil das pessoas comuns, conheceu um homem idoso, um espiritualista, uma pessoa enferma, e até mesmo visitou um funeral. Depois disso, Sidarta Gautama não conseguiu voltar ao palácio e continuar a sua vida de riquezas. O abandono da vida material e a busca de uma vida espiritual seriam o seu principal valor.

Enquanto estudou com vários mestres, Sidarta sempre se decepcionava com os resultados[30]. Praticou jejum, ascese, restrição à respiração, exposição à dor, e ficou tão debilitado que correu risco de morrer. Entendeu que o caminho da espiritualidade não era este. Por outro lado, a luxúria, os exageros, a soberba, a ganância sempre lhe pareceram impeditivos para uma elevação espiritual. Assim, Sidarta dá início ao que conhecemos por terceira via, ou caminho do meio (anapanasati), uma trilha que exclui tanto os prazeres como o sofrimento do corpo. Nem apego nem aversão a qualquer coisa, mas um novo caminhar, intermediário, pelo meio, longe dos extremos.

A PRIMEIRA ORDEM

Um dia, depois de mais de cinco anos longe do palácio onde viveu, Sidarta assentou-se em baixo de uma árvore em Gaya, na Índia, e afirmou que não sairia dali sem alcançar a iluminação espiritual. É dito que ele foi visitado por um demônio chamado Mara que duvidou dos seus planos, afirmando que ele sucumbiria aos prazeres no futuro. Este tal demônio ofereceu a Sidarta todas as coisas que pudessem lhe dar satisfação pessoal, mas ele conseguiu rejeitar a todas. Quando o demônio Mara foi embora, Sidarta concentrou-se na Verdade e foi iluminado. Assim, nasce o Buda, o Iluminado.

Não demorou muito para ele ter um grupo que o seguia por todos os lugares. Assim, Sidarta Gautama criou uma ordem monástica e começou a ensinar o Dharma. Nunca se auto intitulou um deus, apenas enfatizava que a possibilidade de qualquer pessoa se tornar um buda estava dentro de cada um. E, ainda que não haja unanimidade acerca dos fatos da vida de Sidarta Gautama, é possível afirmar que ele optou por uma prática de vida espiritualista, com ênfase no imaterial. Segundo o escritor Michael Carrithers, em seu livro O Buda, o esboço de uma vida tem que ser verdadeiro: o nascimento, a maturidade, a renúncia, a busca, o despertar e a libertação, o ensino e a morte. Em outro livro Karen Armstrong considerou que: "É obviamente difícil, portanto, escrever uma biografia de Buda, atendendo aos critérios modernos, porque temos pouca informação que pode ser considerada 'histórica'... mas podemos estar razoavelmente confiantes, pois Sidarta

---

30 CARRITHERS, Michael. The Buda. USA: Oxford University Press, 1984, pág. 10

Gautama realmente existiu e os seus discípulos preservam a sua memória, sua vida e seus ensinamentos" .

Assim, o Budismo (Buddha Dharma) surgiu como um sistema filosófico religioso e hoje conta com cerca de quase 500 milhões de seguidores contemplando inúmeras crenças e práticas fundamentadas nos ensinamentos de Buda. Suas práticas incluem o Zen, o Terra Pura e o budismo tibetano, muito desenvolvido no Tibete, na China e no Japão. Os fundamentos das tradições e práticas são as Três Joias: O Buda (mestre), o Dharma (ensinos das leis do universo) e a Sangha (o povo).

OS PRINCIPAIS ENSINOS BUDISTAS

A doutrina essencial do Budismo é "superar o sofrimento e atingir o nirvana"[31]. Segundo Sidarta, todo homem é bom e traz em si o bem, mas não tem condições de alcançar a plenitude do que subsiste nele próprio, a não ser que aprenda a dominar seus desejos. Por isso quem segue o Budismo deve ter disciplina mental e forma correta de vida. Todo o ensino está contido nas "Quatro Grandes Verdades" recebidas por Sidarta quando este se encontrava sentado embaixo da árvore onde resistiu ao demônio Mara. São estas as "Quatro Grandes Verdades":

1. A realidade do sofrimento – todo sofrimento é fruto do “carma” que cada um tem de levar, de quantas vidas já teve e a quantas ainda virão;
2. A causa do sofrimento - o que leva o homem ao sofrimento é o desejo que o domina;
3. O fim do sofrimento - ficar livre do sofrimento é o objetivo principal. Mas, para isso é preciso que o homem seja livre de seus desejos e não se deixe dominar por nenhum deles;
4. O caminho para o fim do sofrimento - trata-se de oito passos que devem ser dados pelos discípulos para chegarem ao estágio de controle total. Estes oito passos são divididos em três categorias: moralidade - palavras, ações e vida correta (a conduta deve ser irrepreensível); concentração - sabedoria, esforço e pensamento corretos (ter domínio da mente); e visão - aspirações corretas (ter projetos que não fujam dos demais pontos).

As escrituras do Budismo são conhecidas como "O Tri-Pitakas", ou seja, "As três seções das Escrituras Budistas", e são elas: Vinaya Pitaka (Cesto da Disciplina) - Preceitos da fraternidade; Sutta Pitaka (Cesto do Ensino) - Sermões; Abidhamma Pitaka (Cesto da Metafísica) - Comentários.

---

31 SMITH, Huston; NOVAK, Philip. *Budismo: uma introdução concisa*. trad. Cláudio Blanck. São Paulo : Cultrix.

A PRINCIPAL PRÁTICA BUDISTA

A maior prática budista é a meditação, pois através dela acreditam alcançar o domínio total da mente e do corpo.Quando o seguidor chega ao ponto de total desapego de desejos, ao ponto de dominar a mente, então alcançou a iluminação e se livrou de seu carma. Não existe pecado e, portanto, não há necessidade de salvação. O que existe é o desejo que domina o homem; a salvação seria se livrar desses desejos e assim se livrar do carma de vidas passadas. Toda a religião budista depende de muita disciplina e de alcançar a “iluminação". Já que não crêem no pecado e nem na salvação da alma, também os budistas não creem em Deus. Eles acreditam no Buda como um ser iluminado que alcançou o nirvana, porém não dependem dele para alcançar esse estágio. Ninguém depende de outro, a resposta está no "EU", dentro do próprio ser humano.

POR QUE DEVEMOS RESPONDER AO BUDISMO?

Porque o Budismo, ao desprezar a existência de Deus e da sua relação com o ser humano, tem buscado resposta no próprio ser humano, mas não leva o homem ao conhecimento da sua natureza pecaminosa nem da salvação[32]. Pode-se ensinar as pessoas a que sejam boas, tenham atitudes corretas, mas ninguém é capaz de se salvar sem fé no sacrifício do Senhor Jesus Cristo.

Sidarta Gautama, como todos os homens, independentemente de sua raça ou classe social, nasceram com a necessidade de encontrar uma resposta para sua existência. Sidarta não era diferente dos demais. Apesar de ser muito rico e protegido das desventuras da vida, viveu um conflito interior ao observar as diferenças existentes no mundo.

Assim como ele, muitas pessoas também podem passar por esse tipo de conflito por desejarem saber qual a razão da sua existência. O perigo é se prenderem às respostas que mais lhes agradam, em vez de darem ouvidos à verdade.

A resposta para a existência está em Jesus. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança para que o glorificasse. Essa é a razão da existência. Em virtude da Queda, o homem perdeu a visão do verdadeiro objetivo da vida e, por isso, vive em constante luta interior. Essa luta só acaba quando há o encontro pessoal com Jesus Cristo, que nos une novamente a Deus.

Você está preparado para responder ao Budismo qual é a razão da sua fé?

---

32 GETHIN, Rupert. The Foundations of Buddhism (OPUS). Oxford University Press, 1998

COMO RESPONDER AO BUDISMO

Quando vemos a prática do Budismo que incentiva a meditação, o relaxamento e a vida desprendida dos seus prazeres, parece ser algo bom para a vida humana. No entanto, o Budismo nega grandes verdades cristãs, que precisam ser destacadas:

1. Existe um único e verdadeiro Deus, que subsiste em três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (Dt 6.3-7; Mc 12.228-30).

> Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais. Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te (Dt 6.3-7).

> Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força (Mc 12.28-30).

2. Este mesmo Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1.26-27) - Portanto, realmente o homem foi criado sem pecado.

> Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.

3. O homem (Adão) desobedeceu a Deus e transferiu para a humanidade o seu pecado (Gn 3.1-24; Rm 5.12). Todo homem nasce em pecado e por isso pratica, desde o seu nascimento, o que é errado. Essa culpa impossibilita o homem de se ajudar.

> Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a

> mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos. Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu. Então, disse o SENHOR Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3.1-24).

> Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir. Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos (Rm 5.12-15).

4. Deus não deixou sem solução o grande problema da humanidade, que é o pecado. Assim que o homem pecou, Deus prometeu que o descendente da mulher, Jesus, pisaria a cabeça da serpente (Satanás) e o destruiria (Gn 3.15). Este descendente seria especial, nele residiria a vida e a luz, e somente por meio dele o ser humano poderia chegar ao estado de purificação (Jo 1.1-14).

> No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela. Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz, a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem. O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai (Jo 1.1-14).

5. Por causa da corrupção humana toda a natureza sofre e se deteriora. Quando ouvimos falar nos males que sobrevêm à natureza, podemos ter certeza de que tudo isso é proveniente do pecado (Gn 3.17,18; Rm 8.18-25).

> Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos (Rm 8.18-25).

6. Deus tem preparado um lugar de descanso para os que são seus (Hb 4.1-13). Esse lugar existe. Não é apenas um estágio ou estado de espírito.

> Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado. Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. Nós, porém, que cremos, entramos no descanso, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso. Embora, certamente, as obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo. Porque, em certo lugar, assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera. E novamente, no mesmo lugar: Não entrarão no meu descanso. Visto, portanto, que resta entrarem alguns nele e que, por causa da desobediência, não entraram aqueles aos quais anteriormente foram anunciadas as boas-novas, de novo, determina certo dia, Hoje, falando por Davi, muito tempo depois, segundo antes fora declarado: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração. Ora, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria,

> posteriormente, a respeito de outro dia. Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência. Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas (Hb 4.1-13).

Diante disso, o que fazer ?

1. Orar pelo povo budista.
2. Considerar a expansão budista.
3. Responder como você dialogaria com um budista sobre a salvação.

HINDUÍSMO

INTRODUÇÃO

Com origem que remonta aos locais mais remotos da Índia, a terra dos indo-arianos, povo assim denominado por existir nas proximidades do rio Indo, um dos sete rios do noroeste da Ásia Meridional, surgiu o Hinduísmo, uma corrente religiosa fortíssima por conta de suas tradições[33].

O Hinduísmo, que também é conhecido por Sanatana Dharma, é uma complexa tradição religiosa que enfatiza a eternidade da Lei e seu envolvimento com a crença da Alma Universal, o Brahman.

A cosmovisão do Hinduísmo é diferente do entendimento ocidental que adota o conceito linear de história[34]. Para um hinduísta, a vida não se move com início, meio e fim, mas de forma cíclica, com movimentos em torno de um centro, um círculo, com ciclos que se perpetuam.

Não há o conceito de líderes nem de instituições eclesiásticas, apenas um complexo de crenças que remontam aos tempos mais antigos, registradas em livros considerados sagrados, dentre eles, os Vedas, como sendo um livro entregue diretamente por Deus.

---

[33] O hinduísmo é um sistema diversificado de pensamento, com crenças que abrangem o monoteísmo, politeísmo panenteísmo, panteísmo, monismo e ateísmo, e o seu conceito de Deus é complexo, e está vinculado a cada uma das suas tradições e filosofias. Por vezes é tido como uma religião henoteísta (isto é, que envolve a devoção a um único deus, embora aceite a existência de outros), porém o termo é visto, da mesma maneira que os outros, como uma generalização excessiva. A maior parte dos hindus acredita que o espírito ou a alma - o "eu" verdadeiro de cada pessoa, chamado de *ātman* — é eterno. De acordo com as teologias monistas/panteístas do hinduísmo (tais como a escola Advaita Vedânta), este *Atman* não pode ser distinguido, em última instância, do Brâman, o espírito supremo; estas escolas são, portanto, chamadas de não-dualistas. A meta da vida, de acordo com a escola Advaita, é chegar à conclusão que o seu *ātman* é idêntico ao Brâman, a alma suprema. Os *Upanixades* afirmam que quem que tome consciência do *ātman* como o âmago de si próprio estabelece uma identidade com Brâman, atingindo assim o *moksha* ("liberação" ou "liberdade"). Escolas dualísticas (como Dvaita e Bhakti) compreendem Brâman como um Ser Supremo que possui personalidade, e o/a veneram como Vishnu, Brahma, Shiva ou Shákti, dependendo da seita. O *ātman* é dependente de Deus, enquanto o *moksha* depende do amor a Deus e da graça de Deus. Quando Deus é visto como um ser supremo pessoal (em lugar do princípio infinito), Deus é chamado de *Ishvara* ("O Senhor"), *Bhagavan* ("O Auspicioso" ou *Parameshwara* ("O Senhor Supremo"). As interpretações de *Ishvara* variam, no entanto, da não-crença no *Ishvara* dos seguidores do Mimamsakas, até a sua identificação com Brâman, pelo Advaita. Na maior parte das tradições do vishnuísmo Deus é Vishnu, e o texto das escrituras desta denominação identifica este Ser como Krishna, por vezes chamado de *svayam bhagavan*. Também existem escolas, como o Sânquia, que têm tendências ateias. (Ver mais em http://www.ibiblio.org/sripedia/ebooks/mw/index.html.

[34] Bhagavad-Gîtâ - A Mensagem do Mestre. São Paulo: Pensamento, 1993.

Os Vedas foram completados no Século I a.C. Depois foram acrescidos de escritos secundários como o Brâmanas, Upanixades e Puranas. Neles, encontra-se a essência do pensamento hinduísta como os conceitos de ação e reação (carma), os deveres sociais (dharma), a natureza da alma (atman) e a transmigração da alma (samsara), um conceito mais complexo que a simples reencarnação. Admite-se que a alma toma para si um corpo que evolui da infância para a velhice e depois é substituído por outro. Contudo, o homem pode renascer como animal, inseto, planta ou um homem deformado, dependendo de seu carma ser bom ou mau. Afirma-se que em alguns casos a alma deve passar por diversos infernos hindus, em caso de carma muito mau, necessitando assim purificar-se antes de renascer como um animal e depois voltar à forma humana novamente.

FUNDAMENTOS DO HINDUÍSMO

Ainsa, Varna e Carma estão na base desta tradição. O Hinduísmo tem verdadeira veneração pela natureza, por isso, adoram lugares e seus adeptos não matam animais e até cultuam alguns, (essa doutrina é conhecida por Ainsa). O rio Ganges é um local de adoração (Puja) pois os hindus acreditam que é o rio mais antigo da Terra, que foi derramado do Céu e que pode curar e purificar o corpo e a alma, com poder para libertar o homem de seus pecados em vidas anteriores. Além disso, os mortos são cremados à beira do rio.

Os hinduístas são avessos a qualquer tipo de violação, de guerra e de opressão motivada por violência, e dividem a sociedade em castas (esse conceito é conhecido como Varna, com um significado original de segregação por cor). Dentro das castas, todos devem aceitar a classe social em que nasceram, sendo vedado qualquer tipo de mudança. Estas são as castas hindus: Religiosos, governantes, mercadores e serviçais.

O conceito de que as ações em uma vida influenciam as vidas seguintes no ciclo de reencarnações é chamado de Carma, prendendo o homem ao destino que ele mesmo criou por suas ações, com a esperança que a alma poderá transmigrar de um corpo para outro por reencarnação. Assim, acontece a purificação através da peregrinação nesse mundo até chegar ao estado evoluído que permite a união com a Realidade Suprema[35]. Esse é o modelo praticado em sua ampla maioria, contudo, o hinduísta pode se libertar do Carma para alcançar este estágio superior (Brahman) praticando alguns princípios hindus ultra-rigorosos (quatro formas diferentes de Ioga), e quando a

[35] Murphet, Howard. Sai Baba - O Homem dos Milagres. Rio de Janeiro: Record, 1993.

alma for liberta, faz do adepto um participante do Grande Pleno Cósmico, de onde foi primordialmente, originado.

PRINCIPAIS DIVINDADES DO HINDUÍSMO

O hinduísmo permite uma imensa gama de Deuses para cultuar, dentre eles, Brahma, Vixnu, Shiva, Kali, Durga, Shakti, Ganesh (que é conhecido como o deus-elefante), Rama, Parvati, Garuda, Sita, Uma, Nandi e Matsia. mas tem uma trindade fundamental (Trimurti de Brahman) formada por Brahma, Vixnu e Shiva. O primeiro é o criador, o segundo é o preservador e o terceiro é o destruidor. Isso faz do hinduísmo, apesar da multiplicidade de deuses adorados, uma religião de aparência monoteísta. Eles são adoradores de Brahman, a Essência do Universo.

No entanto, o culto direto aos membros da *Trimurti* é relativamente raro, pois costumam cultuar avatares mais específicos e mais próximos da realidade cultural e psicológica dos praticantes, como por exemplo Críxena (*Krishna*), avatar de Vixnu (preservador). Não se pode esquecer que o Hinduísmo cultua mais de 300 mil deuses.

Os hindus veneram um espírito supremo cósmico, que é adorado de muitas formas, representado por divindades individuais através de uma variedade de práticas que auxiliam o indivíduo a experimentar a divindade que está em todas as partes, e encontrar a verdadeira natureza de seu Ser. A teologia hinduísta se fundamenta no culto aos avatar (manifestações corporais) da divindade suprema, o BRAHMAN.

PRINCIPAIS PRÁTICAS DO HINDUÍSMO

As principais práticas hinduístas procuram desvendar os mistérios de Deus, e por vezes também procuram benefícios pessoais. Com o tempo, o Hinduísmo desenvolveu muitas destas práticas como forma trazer a divindade para a vida cotidiana. Os hindus podem praticar o culto (puja) em qualquer lugar, tanto nos templos como em casa diante de altares de ícones (murtis) que servem como ligação perceptível entre o fiel e o seu Deus.

Os templos geralmente são consagrados a uma divindade primária e às divindades subordinadas que lhe são associadas, embora alguns templos sejam dedicados a várias divindades. O culto nos templos não é obrigatório, por isso a maior visitação acontece durante as festas religiosas, quase sempre movimentando uma nação inteira.

Um sistema de simbolismo e iconografia representa o sagrado na arte, na arquitetura, na literatura e na forma de cultuar. Estes símbolos ganham seu significado das escrituras, da mitologia ou das tradições culturais, dentre tantos, Lótus, Chakra e Veena são associados a divindades específicas. A fonética “Om" que representa o parabrahman e a suástica que representa altivez tornaram-se a identificação visual do Hinduísmo, assim como outros símbolos (tilaka), caracterizam o fiel seguidor da doutrina.

O Hinduísta desenvolve sensível apego aos mantras, com invocações, canções e orações que, através de seus significados, sons e ritmos, ajudam o fiel expressar sua fé na busca pelo sagrado. São ações constantes, rituais observados diariamente em todos os lugares como culto na casa, veneração diante da alvorada, oferenda de alimento a imagens de divindades. O praticamente também lê e recita parte de escritos sagrados em voz alta, purifica-se com água para demonstrar a busca pela despoluição e exerce benevolência para alcance de graça pessoal.

Algumas das datas mais marcantes da vida como nascimentos, casamentos e funerais têm rituais específicos. Ao nascer há um cerimonial para a primeira alimentação da criança (annaprashan), no casamento há o cerimonial sobre o compromisso (upanayanam), e nos funerais o cerimonial inclui pequenas festas que são concedidas em nome dos mortos (shraadh).

PRINCIPAIS CORRENTES DO HINDUÍSMO

Há um grupo histórico denominado “darshanas”, que em Sânscrito quer dizer “visão ou olhar” e que tem o sentido de ponto de vista de uma pessoa sagrada, como uma realidade religiosa que trouxesse uma bênção especial. Como os escritos sagrados do hinduísmo são reconhecidos na forma de contemplação, a darshana é o meio pelo qual cada um entende o que lê. Estes meios de entendimento, visões ou olhares, são divididos em seis formas possíveis, ou seis formulações ortodoxas da filosofia hindu, com cada darshana sendo apresentada por um autor canônico, tornando-se ponto de referência obrigatório para quaisquer comentários posteriores.

Assim, as darshanas são apresentadas de fato como pontos de vista, acima de tudo diferentes em perspectiva, mas não em conteúdo final. Das darshanas originais, duas ainda são muito praticadas, a vedanta e a ioga[36].

O hinduísmo apresenta as suas principais divisões através destes ramos: Vixnuísmo, Shaktismo, Smartismo e Xivaísmo. Dentro destas categorias os hinduístas praticam a religião

[36] Yogananda, Paramahansa. Autobiografia de um Iogue. São Paulo: Summus, 1981

popular baseada na tradição, a religião moral fundamentada nas normas sociais e sistemática, a religião vedanta firmada nos escritos sagrados, a religião devocional motivada por necessidades, a religião bramânica orientada pela tradição histórica, a religião da ioga estabelecida pelos conceitos do Yoga Sutras de Patandjáli.

POR QUE RESPONDER AO HINDUÍSMO?

Porque o Hinduísmo é uma religião mista, um grande conjunto de expressões de fé, com diversos nomes que no final dificultam uma identificação, fazendo do sistema um dos mais elásticos já existentes. Porque adota um sistema teológico baseado na trindade de deuses, ao mesmo tempo convive com uma espécie de deísmo monoteísta, com crenças politeístas, panenteístas, panteístas, monistas e henoteístas, e não impõe restrições a qualquer ateísmo.

Porque ignora qualquer possibilidade de salvação divina ao adotar os mecanismo da transmigração da alma e do carma de gerações.

Porque o seu caráter de paz e harmonia fundamentado nos conceitos de misticismo contemplativo à natureza, respeito ao outro e integralização com as forças cósmicas tem despertado no mundo ocidental grande interesse pois se apresenta como uma possível alternativa de renovação cultual.

COMO RESPONDER AO HINDUÍSMO

Os principais temas do Hinduísmo são conhecidos, de forma que temos boas condições de responder com argumentação bíblica. São eles: Transmigração da alma, castas, politeísmo, panteísmo e purificação.

Sobre a Transmigração da alma: A Bíblia relata a conversa de Jesus com Nicodemos sobre o novo nascimento, apontando para uma transformação espiritual como condição para a entrada no reino de Deus, e não uma transformação física (João 3.1-15).

> Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem

> não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus: Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho. Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como crereis, se vos falar das celestiais? Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]. E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna (João 3.1-15).

Em Hebreus também lemos sobre este assunto:

> E, assim, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto, o juízo, assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação. (Hebreus 9.27-28).

Sobre as Castas: Quando Paulo escreve aos Romanos diz que "… todos pecaram e carecem da Glória de Deus (Romanos 3.23), logo não há distinção entre cor, raça, posição social, política ou religiosa. Diante de Deus não há superioridade de um ser humano sobre outro. Todos são pecadores, destituídos da graça de Deus; porém, objetos do seu amor redentivo, de acordo com sua vontade. Pedro firmou que "Deus não faz acepção de pessoas", quando chegou à casa de Cornélio – um gentio recém alcançado pela graça de Deus com toda a sua casa (Ênfase em Atos 10.34).

> Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te, que eu também sou homem. Falando com ele, entrou, encontrando muitos reunidos ali, a quem se dirigiu, dizendo: Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo; por isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois: por que razão me mandastes chamar? Respondeu-lhe Cornélio: Faz, hoje, quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração, e eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas, lembradas na presença de Deus. Manda, pois, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro; acha-se este hospedado em casa de Simão, curtidor, à beira-mar. Portanto, sem demora, mandei chamar-te, e fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor. Então, falou Pedro, dizendo: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável. Esta é a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos (Atos 10.25-36).

Sobre o Politeísmo: Há deuses nas Escrituras. Mas em todos os casos são formulações e crenças extremamente pagãs geradas pela oposição ao verdadeiro Deus da aliança, Jeová, o Criador do universo e do homem, Todo-Poderoso, e único, conforme a expressão de Jesus (João 4.24). Paulo, escrevendo a Timóteo esclarece: “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1Timóteo 2.5). “Não terás outros deuses diante de mim”, disse o Senhor no primeiro mandamento (Êxodo 20.3). Vejamos o início do decálogo:

> Então, falou Deus todas estas palavras: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos. Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão (Ex 20.1-7).

Sobre o Panteísmo: Deus criou a natureza mas não se confunde com a sua criação. É distinto. No momento da tentação de Jesus, o diabo pediu adoração em troca da posse dos reinos do mundo e da glória deles, mas Jesus esclareceu: “Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás” (Mateus 4.10). Quando Pedro visitou Cornélio, foi saudado com adoração, mas Pedro corrige imediatamente dizendo: “Levanta-te, que eu também sou homem” (Atos 10.23-24). Quando João está recebendo a revelação dos tempos finais, prostra-se em adoração a um ser celestial que conversava com ele, mas este também impede a adoração, quando diz: “Olha, não faças tal; sou conservo teu e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus” (Apocalipse 19.10). E, certamente, uma das passagens mais marcantes está em Atos dos apóstolos, quando muitos identificaram Paulo e Barnabé como Júpiter e Mercúrio:

> Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar. Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava. Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós. A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra. O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões. Porém, ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos

> do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria. Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecerem sacrifícios (Atos 14.1-18).

Sobre a Purificação: O profeta Isaías foi quem expressou no Antigo Testamento a forma como somos aperfeiçoados: "… ele foi ferido por causa das nossas transgressões e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados" (Isaías 53.5). Quando o apóstolo João tratou de santificação espiritual no Novo Testamento não deixou dúvidas ao afirmar que somente Deus é luz, perdoa pecados mediante a confissão, com a propiciação do sangue de Jesus: "O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (1João 1.7).

> O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa. Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós (1Jo 1.1-10)

E agora, o que fazer?

1. Orar pelo povo hinduísta.
2. Pesquisar sobre a expansão hinduísta.
3. Responder como você dialogaria com um hinduísta sobre a trindade.

JUDAÍSMO

INTRODUÇÃO

O Judaísmo (Yehodut, em Hebraico), com origem na Torá, é conhecido pelos Judeus como a manifestação do contato estabelecido entre Deus em um povo, os chamados Filhos da Aliança[37]. A sua origem é tradicionalmente reconhecida na Mesopotâmia, quando a destruição de Ur e da Caldeia forçou a população a peregrinar para outros lugares. A família de Abraão estava entre os que se dirigiam a Canaã. Por isso, Abraão é considerado o fundador do Judaísmo, por conta dos escritos registrados em Gênesis 12.1-3.

---

[37] O Judaísmo (em hebraico: יהדות, Yehadút) é uma das três principais religiões abraâmicas, definida como "religião, filosofia e modo de vida" do povo judeu. Originário da Torá Escrita e da Bíblia Hebraica (também conhecida como *Tanakh*) e explorado em textos posteriores, como o *Talmud*, é considerado pelos judeus religiosos como a expressão do relacionamento e da aliança desenvolvida entre Deus com os Filhos de Israel. De acordo com o judaísmo rabínico tradicional, Deus revelou as suas leis e mandamentos a Moisés no Monte Sinai, na forma de uma Torá escrita e oral. Esta foi historicamente desafiada pelo caraítas, um movimento que floresceu no período medieval que mantém milhares de seguidores atualmente e, que afirma que apenas a Torá escrita foi revelada. Nos tempos modernos alguns movimentos liberais, tais como o judaísmo humanista, podem ser considerados não teístas.
O judaísmo afirma uma continuidade histórica que abrange mais de três mil anos. É uma das mais antigas religiões monoteístas, que sobrevive até os dias atuais, e a mais antiga das três grandes religiões abraâmicas.Os hebreus/israelitas já foram referidos como judeus nos livros posteriores ao Tanakh, como o Livro de Ester, com o termo *judeus* substituindo a expressão *Filhos de Israel*. Os textos, tradições e valores do judaísmo influenciaram mais tarde outras religiões monoteístas, tais como o cristianismo, o islamismo e a Fé Bahá'í.Muitos aspectos do judaísmo também influenciaram, pela ética secular ocidental e pelo direito civil. Os judeus são um grupo etno-religioso e incluem aqueles que nasceram judeus ou foram convertidos ao judaísmo. Em 2010, a população judaica mundial foi estimada em 13,4 milhões, ou aproximadamente 0,2% da população mundial total. Cerca de 42% de todos os judeus residem em Israel e cerca de 42% residem nos Estados Unidos e Canadá, com a maioria restante na Europa. Os judeus podem ser divididos em 3 grupos. O judaísmo ortodoxo (judaísmo haredi e o judaísmo ortodoxo moderno), o judaísmo conservador e o judaísmo reformista. A principal diferença entre esses grupos é a sua abordagem em relação à lei judaica. O ortodoxo sustenta que a Torá e a lei judaica são de origem divina, eterna e imutável, e que devem ser rigorosamente seguidas. Os conservadores e reformistas são mais liberais, com o judaísmo conservador, geralmente promovendo uma interpretação mais "tradicional" de requisitos do judaísmo do que o judaísmo reformista. A posição reformista típica é de que a lei judaica deve ser vista como um conjunto de diretrizes gerais e não como um conjunto de restrições e obrigações cujo respeito é exigido dos judeus. Historicamente, tribunais especiais aplicaram a lei judaica; hoje, estes tribunais ainda existem, mas a prática do judaísmo é voluntária. A autoridade sobre assuntos teológicos e jurídicos não é investida em qualquer pessoa ou organização, mas nos textos sagrados e nos rabinos e estudiosos que interpretam esses textos. Ver mais em Jacobs, Louis (2007). «Judaism». In: Fred Skolnik. *Encyclopaedia Judaica*. **11** 2d ed. Farmington Hills, Mich.: Thomson Gale. p. 511ss "Judaísmo, a religião, filosofia e modo de vida dos judeus." Ver também Heribert Busse (1998). Islam, Judaism, and Christianity: Theological and Historical Affiliations. [S.l.]: Markus Wiener Publishers. pp. 63–112. E, por fim, uma excelente pesquisa em Deborah Dash Moore, *American Jewish Identity Politics*, University of Michigan Press, 2008, p. 303; Ewa Morawska, *Insecure Prosperity: Small-Town Jews in Industrial America, 1890–1940*, Princeton University Press, 1999. p. 217; Peter Y. Medding, *Values, interests and identity: Jews and politics in a changing world*, Volume 11 of Studies in contemporary Jewry, Oxford University Press, 1995, p. 64;

A tradição judaica afirma o recebimento das instruções divinas por Moisés, no Monte Sinai, há aproximadamente 4000 anos antes de Cristo, o que a faz a religião mais antiga do mundo, hoje com cerca de 13,5 milhões de seguidores.

A Lei judaica é a coluna mestre da religião tendo as expressões como obediência ou desobediência por elemento aferidor de uma fé genuína ou não. A abordagem em relação à Lei Judaica também produz divisões como o ordodoxismo, o conservadorismo e o reformismo. O judaísmo ortodoxo sustenta que a Torá e a lei judaica são de origem divina, eterna e imutável, e que devem ser rigorosamente seguidas. Judeus conservadores e reformistas são mais liberais, com o judaísmo conservador, geralmente promovendo uma interpretação mais "tradicional" de requisitos do judaísmo do que o judaísmo reformista. A posição reformista típica é de que a lei judaica deve ser vista como um conjunto de diretrizes gerais e não como um conjunto de restrições e obrigações cujo respeito é exigido de todos os judeus.

ALGUNS PRINCÍPIOS DO JUDAÍSMO

Mesmo sem possuir um catecismo específico, o Judaísmo segue um conjunto de pressupostos conhecido como princípios básicos para o exercício da fé judaica. Estes princípios foram elaborados pelo filósofo e rabino Maimônedes no século XII para ser um resumo do entendimento judaico e foi assimilado pelo judaísmo ortodoxo, principalmente, em suas práticas religiosas.

Estes são os conceitos: *“Creio plenamente que Deus é o Criador e guia de todos os seres, ou seja, que só Ele fez, faz e fará tudo. Creio plenamente que o Criador é um e único; que não existe unidade de qualquer forma igual à d’Ele; e que somente Ele é nosso Deus, foi e será. Creio plenamente que o Criador é incorpóreo e que está isento de qualquer propriedade antropomórfica. Creio plenamente que o Criador foi o primeiro (nada existiu antes d’Ele) e que será o último (nada existirá depois d’Ele). Creio plenamente que o Criador é o único a quem é apropriado rezar, e que é proibido dirigir preces a qualquer outra entidade. Creio plenamente que todas as palavras dos profetas são verdadeiras. Creio plenamente que a profecia de Moshe Rabeinu é verídica, e que ele foi o pai dos profetas, tanto dos que o precederam como dos que o sucederam. Creio plenamente que toda a Torá que agora possuímos foi dada pelo Criador a Moshe Rabeinu. Creio plenamente que esta Torá não será modificada e nem haverá outra outorgada pelo Criador. Creio plenamente que o Criador conhece todos os atos e pensamentos dos seres humanos, eis que está escrito: "Ele forma os corações de todos e percebe todas as suas ações" (Tehilim 33.15). Confio plenamente que*

o Criador recompensa aqueles que cumprem os Seus mandamentos, e pune os que transgridem Suas leis. Confio plenamente na vinda do Messias e, embora ele possa demorar, aguardo todos os dias a sua chegada. Creio plenamente que haverá o renascimento dos mortos quando for a vontade do Criador".

As grandes dificuldades enfrentadas pelos Judeus no mundo inteiro levaram a uma valorização do estudo e da alfabetização dos membros da comunidade judaica. Na Diáspora a busca de conexão com o judaísmo e a busca de não-assimilação com os costumes gentílicos levaram a uma ênfase na necessidade da educação e alfabetização desde a infância, pelo que na maior parte das comunidades judaicas o analfabetismo é praticamente inexistente. Este pensamento levou à criação de uma vasta literatura principalmente de uso religioso.

A escritura mais importante é a Torá, que seria o livro contendo o conjunto de histórias da origem do mundo, do homem e do povo de Israel, assim como os mandamentos de obediência a Deus. Para a maior parte das ramificações judaicas, acrescenta-se a história de Israel e as palavras dos profetas israelitas até a construção do Segundo Templo, com sua literatura relacionada, que compiladas na época do retorno de Babilônia, constituíram o que conhecemos como Tanakh, conhecido pelos não-judeus como Antigo Testamento.

Os judeus rabinitas creem que Moisés recebeu além da Torá escrita, uma tradição oral que serviria como um complemento da primeira, e que seria passada de geração à geração desde Moisés, e que viria a ser compilada no século IV d.C. como o Talmude.

A literatura rabínica é composta em sua maioria escriturística por estas obras: O Mishná; O Talmude de Jerusalém; O Talmude Babilônico; O Toseftá; O Midrash de Halakhá e de Aggadá; Códigos de Lei e Costume Judaicos; A Mishné Torá; O Tur; O Shulkhan Arukh; Responsa; Pensamento e ética judaicas; Filosofia judaica; Ética judaica; Movimento mussar; Cabalá; Judaísmo Chasídico; Judaísmo Hassidista; Poesia judaica clássica e Liturgia judaica.

AS PRINCIPAIS CORRENTES DO JUDAÍSMO

A. RABINISMO. O Judaísmo rabínico é o segmento tradicional, que aceita o Tanakh como revelação divina e a oralidade da Torá como fonte de autoridade. Suas principais ramificações são: Judaísmo Ortodoxo, Conservador, Reconstrucionista e Liberal. Algumas ramificações dão grande ênfase à parte mística do judaísmo: Chadissismo e Mashichismo são as mais evidentes.

B. CARAÍSMO. O Judaísmo caraíta é avesso ao judaísmo rabínico pois despreza a Torá Oral e afirma apenas o valor da Torá Escrita, desconsiderando assim toda autoridade externa ao Tanakh,

como o Talmude, o Novo Testamento e outros textos. Para os caraítas, apenas o Tanakh tem uma revelação divina e, por isso, nenhuma pessoa ou grupo de pessoas pode impor aos outros a sua interpretação da Torá, como o fazem os estudiosos rabínicos.

C. SAMARITANISMO. O Samaritanismo é um grupo de judeus que afirma ser descendente do Reino de Israel do Norte. Eles preservam as funções dos Cohanim, reafirma a santidade do Monte Gerizim e reconhecem somente a Torá como escritura.

D. MESSIANISMO. Este grupo acredita em Jesus. Crê em Yeshua como o Messias de Israel, aceitando o Novo Testamento nas suas escrituras. Dentro do judaísmo, a doutrina do Messias é um assunto que pode variar de ramificação para ramificação. Historicamente diversos personagens foram chamados de Messias, do hebraico *ungido*, que não assume o mesmo sentido habitual do cristianismo como um "ser salvador e digno de adoração" . Até mesmo o conceito do Messias não aparece na Torá, e por isto mesmo recebe interpretações diferentes de acordo com cada ramificação.

A maior parte dos judeus crê no Messias como um homem judeu, filho de um homem e de uma mulher, (em algumas ramificações é considerado que viria da tribo de Judá e da descendência do rei Davi, uma herança do sentimento nacionalista que regulou a vida judaica pós-exílio) que reinará sobre Israel. Algumas ramificações judaicas crêem no entanto que a era messiânica não envolva necessariamente uma pessoa, mas sim que se trate de um período de paz, prosperidade e justiça na humanidade. Por isso é dado particular importância ao conceito de “Tikun Olam", "reparar o mundo", ou seja, a prática de uma série de atos que conduzem a um mundo socialmente mais justo.

E. NEO-PAGANISTA. É um grupo que une judaísmo e mitologia siro-canaanita, e reconstroi rituais e culto a Aserat, El e Baal.

F. BUDISTA. Tradicionalmente crê-se que o primeiro norte-americano a converter ao budismo tenha sido um judeu em 1893. Figuras como Joseph Goldstein, Jack Kornfield e Sharon Salzberg ensinam a doutrina budista entre os judeus.

G. ISLAMISTA. Existem pequenas comunidades judaicas que aceitam a Maomé e o Alcorão, mas retêm a identidade judaica, como é caso dos *chalah* de Bucara, do Juhidi Al-Islami do Irã e os Judeus de Timbuktu, no Mali.

H. SHABATAIANOS. Alguns judeus crêem que o messias veio como Shabtai Svi no século XVIII, que depois converteu-se ao Islam. Turquia e Grécia ainda têm comunidades que seguem uma religião sincrética, com elementos judaicos, cabalísticos, shabataianos, sufistas e islâmicos.

I. RENOVISTAS. É uma expressão minoritária que pretende adaptar a espiritualidade judaica, neo-hassídico misticismo e elementos da Nova Era com expressões moderna e atuais.

J. HUMANISTAS. É uma busca por cultivar a sabedoria judaica dissociada da divindade. É o judaísmo ateu, centrado no homem.

AS PRINCIPAIS PRÁTICAS JUDAICAS

A. REGRAS SOCIAIS. A vida comunitária judaica é o nome dado à organização das diferentes comunidades judaicas no mundo. Há variações de locais e costumes mas geralmente as comunidades contam com um sistema de regras comunais e religiosas, um conselho para julgamento e um centro comunal com local para estudo. No entanto, a família é considerada o principal elemento da vida comunitária judaica, o que ao lado do mandamento de *Crescei e multiplicai* leva ao desestímulo de práticas ascéticas como o celibato apesar da existência através da história de algumas seitas judaicas que promovessem esta renúncia.

B. RELIGIOSIDADE. A sinagoga é o local das reuniões religiosas da comunidade judaica, hábito adquirido após a conquista de Judá pela Babilônia e a destruição do Templo de Jerusalém. Com a inexistência de um local de culto, cada comunidade desenvolveu seu local de reuniões, que após a construção do Segundo Templo tornou-se os centros de vida comunitária das comunidades da Diáspora. Na estrutura da sinagoga destaca-se o rabino, líder espiritual dentro da comunidade judaica e o chazan (cantor litúrgico).

C. CENSURA. O Chérem é a mais alta censura eclesiástica na comunidade judaica. É a exclusão total da pessoa da comunidade judaica. Excepto em casos raros que tiveram lugar entre os judeus ultra-ortodoxos, o cherem deixou de se praticar depois do Iluminismo, quando as comunidades judaicas locais perderam a autonomia de que dispunham anteriormente e os judeus foram integrados nas nações gentias em que viviam.

D. COSTUMES CULTURAIS. A Cultura Judaica lida com os diversos aspectos culturais das comunidades judaicas, oriundos da prática do judaísmo, de sua integração aos diversos povos e culturas no mundo, assim como assimilação dos costumes destes. Entre os principais aspectos da cultura judaica podemos enfatizar os idiomas, as vestimentas e a alimentação.

E. IDENTIFICAÇÃO VISUAL. O Kippá é chapéu usado pelos judeus tanto como símbolo da religião como símbolo de temor a Deus. O Tzitzit é o nome dado aos franjeados do talit, e servem como meio de lembrança dos mandamentos de Deus.

F. CALENDÁRIO. Baseados na Torá a maior parte das ramificações judaicas segue o calendário lunar. O calendário judaico rabínico é contado desde 3761 a.C. O Ano Novo judaico, chamado Rosh Hashaná (cabeça do ano) é o nome dado ao ano-novo no judaísmo, acontece no primeiro ou no

segundo dia do mês hebreu de Tishrei, que pode cair em setembro ou outubro. Os anos comuns, com doze meses, podem ter 353, 354 e 355 dias, enquanto os bissextos, de treze meses, 383, 384 ou 385 dias. o calendário judaico começa a ser contado em 7 de outubro de 3760 a.C.que para os judeus foi a data da criação do mundo.

Diversas festas são baseados neste calendário: pode-se dar ênfase às festividades de Rosh Hashaná, Pesach, Shavuot, Sucot e Yom Kipur. As diversas comunidades também seguem datas festivas ou de jejum e oração conforme suas tradições. Com a criação do Estado de Israel diversas datas comemorativas de conotação nacional foram incorporadas às festividades da maioria das comunidades judaicas.

G. IDIOMA. O hebraico é o principal idioma utilizado no judaísmo utilizado como língua litúrgica durante séculos. Foi revivido como um idioma de uso corrente no século XIX e utilizado atualmente como idioma oficial no Estado de Israel. No entanto diversas comunidades judaicas utilizam outros idiomas cuja origem em sua maioria surgem da mistura do hebraico com idiomas locais.

H. ESCATOLOGIA. Diferentes interpretações judaicas dadas aos temas relacionados ao futuro recebem atenção, pois após o retorno do exílio na Babilônia o tema desenvolveu-se baseado no profetismo e no nacionalismo judaico, conceitos que iriam formar a base da escatologia judaica. Entre estes temas principais podemos nomear os conceitos sobre o Messias e o Olam Habá no qual todas as nações se submeteriam a Deus e à sua escritura, a Torá, com Israel ocupando um lugar de destaque.

I. CICLOS DA VIDA. As boas-vindas dos bebés do sexo masculino à aliança através do ritual da circuncisão (Brit Milá); As boas-vindas dos bebês do sexo feminino na tradição Sefardita (Zeved habat); A celebração da chegada de uma criança à maioridade (B'nai Mitzvá); A união pública de um homem e uma mulher (Casamento Judaico); O luto (Shiv'á) tem várias etapas. À primeira etapa (observada durante uma semana) chama-se *shiv'á*, à segunda (observada durante um mês) chama-se *sheloshim* e, para aqueles que perderam um dos progenitores, existe uma terceira etapa, a *avelut yod bet chódesh*, que é observada durante um ano.

J. FESTAS JUDAICAS. As principais festas são as seguintes:

Purim - os judeus comemoram a salvação de um massacre elaborado pelo rei persa Assuero.

Páscoa (Pessach) - comemora-se a libertação da escravidão do povo judeu no Egito, em 1300 a.C.

Shavuót - celebra a revelação da Torá ao povo de Israel, por volta de 1300 a.C.

Rosh Hashaná - é comemorado o Ano-Novo judaico.

Yom Kipur - considerado o dia do perdão. Os judeus fazem jejum por 25 horas seguidas para purificar o espírito.

Sucot - refere-se a peregrinação de 40 anos pelo deserto, após a libertação do cativeiro do Egito.
Chanucá - comemora-se o fim do domínio assírio e a restauração do tempo de Jerusalém.
Simchat Torá - celebra a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés.

COMO RESPONDER AO JUDAÍSMO

1 - O Judaísmo afirma que Jesus não foi o Messias.

O cristianismo afirma que Jesus Cristo é o cumprimento das profecias messiânicas. O Messias prometido, Jesus, o Ungido de Deus, veio para destruir as obras do diabo, dar liberdade aos cativos, quebrar algemas, trazer Boas Novas e preparar um povo para morar no céu (Is 61-2; Lc 4.18; Jo 3.16). Ele [O Cristo do Senhor] "é luz para iluminar os gentios, e para glória do teu povo Israel" (Lc 2.32). A esperança no Redentor é que Ele viria salvar seu povo do pecado e da condenação (Rm 3.24; Gl 3.13; 4.5; Ef 1.7; Tt 2.14), livrá-lo do medo da morte (Hb 2.14,15; Rm 8.2) e da ira vindoura (1 Ts 1.10); e dar-lhe vida eterna (Rm 6.23). Veio para todas as nações, "para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (ênfase em Jo 3.16).

> Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este, de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto, respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito. Então, lhe perguntou Nicodemos: Como pode suceder isto? Acudiu Jesus: Tu és mestre em Israel e não compreendes estas coisas? Em verdade, em verdade te digo que nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto; contudo, não aceitais o nosso testemunho. Se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como crereis, se vos falar das celestiais? Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]. E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna. Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus (Jo

1.1-21).

2 - O Judaísmo afirma que os ensinamentos de Jesus, eram na maioria, contrários ao verdadeiro espírito da profecia hebraica, e por fim, culminou em sua reivindicação de possuir proximidade especial com Deus, fato este, jamais aceito pelos judeus.

O cristianismo afirma que Ele foi chamado de Emanuel, que significa “Deus conosco” (Is 7.14). Jesus é “o Cristo, o Filho do Deus Vivo” (Mt 16.16-17); Está escrito na Bíblia: “E estamos naquele que é verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus, e a vida eterna” (1 Jo 5.20); E ainda: “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14.6). João Batista testemunhou dele, tendo o batismo de Jesus como um dos momentos mais significativos: Ouviu-se “uma voz dos céus, dizendo: ”Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17; 17.5):

> Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre. Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível. Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galiléia para o Jordão, a fim de que João o batizasse. Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu. Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mt 3.1-17)

3 - O Judaísmo reclama que Jesus não considerava a pobreza como algo necessariamente ruim, mas poderia ser um instrumento de dependência de Deus.

Para o cristianismo Jesus ensinou que quem ama a Deus acima de tudo não deve ser escravo da idolatria e avareza. Todavia, a salvação vem pela fé, seja rico ou pobre (Jo 3.18; Ef 2.8). Uma passagens bem esclarecedora está no Evangelho de Lucas:

> Certo homem de posição perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. Replicou ele: Tudo isso tenho observado desde a minha juventude. Ouvindo-o Jesus, disse-lhe: Uma coisa ainda te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-me. Mas, ouvindo ele estas palavras, ficou muito triste, porque era riquíssimo. E Jesus, vendo-o assim triste, disse: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. E os que ouviram disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Mas ele respondeu: Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus. E disse Pedro: Eis que nós deixamos nossa casa e te seguimos. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais e, no mundo por vir, a vida eterna. Tomando consigo os doze, disse-lhes Jesus: Eis que subimos para Jerusalém, e vai cumprir-se ali tudo quanto está escrito por intermédio dos profetas, no tocante ao Filho do Homem; pois será ele entregue aos gentios, escarnecido, ultrajado e cuspido; e, depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Eles, porém, nada compreenderam acerca destas coisas; e o sentido destas palavras era-lhes encoberto, de sorte que não percebiam o que ele dizia (Lc 18.18-34).

4 - Para o Judaísmo, Jesus exigia uma renúncia incompatível com os valores familiares da época.

Para o cristianismo, no Evangelho de Lucas Jesus exemplifica o que é amar a Deus sobre todas as coisas: Renunciar a tudo quanto tem por amor a Cristo; Levar após Ele a sua cruz; Avaliar o preço de segui-Lo até o fim.

> Ora, ouvindo tais palavras, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus. Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos. À hora da ceia, enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. Não obstante, todos, à uma, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me e, por isso, não posso ir. Voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Depois, lhe disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar. Respondeu-lhe o senhor: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa. Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia. Grandes multidões o acompanhavam, e ele, voltando-se, lhes disse: Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe", e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo. Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para

> combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo. O sal é certamente bom; caso, porém, se torne insípido, como restaurar-lhe o sabor? Nem presta para a terra, nem mesmo para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça (Lc 14.15-35).

5 - O Judaísmo afirma que Jesus foi contra o casamento e a família.

Para o cristianismo, Jesus confirmou o mandamento de "honrar pai e mãe" (Mt 15.4), manifestou-se a favor da pureza do matrimônio, condenando o adultério (Mt 5.27-28); e, na cruz, já perto da morte, demonstrou seu grande amor filial ao entregar Maria aos cuidados do apóstolo João. Mas, impediu qualquer atitude idólatra à sua mãe em Lucas 11.27-28. E para comprovar que Jesus não era contrario ao casamento em si, lembramos que ele principiou os seus sinais exatamente em um casamento em Caná da Galileia:

> Três dias depois, houve um casamento em Caná da Galileia, achando-se ali a mãe de Jesus. Jesus também foi convidado, com os seus discípulos, para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Então, ela falou aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. Estavam ali seis talhas de pedra, que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas. Jesus lhes disse: Enchei de água as talhas. E eles as encheram totalmente. Então, lhes determinou: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles o fizeram. Tendo o mestre-sala provado a água transformada em vinho (não sabendo donde viera, se bem que o sabiam os serventes que haviam tirado a água), chamou o noivo e lhe disse: Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior; tu, porém, guardaste o bom vinho até agora. Com este, deu Jesus princípio a seus sinais em Caná da Galileia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos; e ficaram ali não muitos dias (Jo 2.1-12).

6 - O Judaísmo afirma que a ira para com os discípulos, quando eles eram afeitos a estas instituições, era uma maneira de desvinculá-los de certas obrigações familiares para que pudessem segui-lo sem restrições.

Para o cristianismo Jesus disse que devemos deixar os espiritualmente mortos, cujos interesses estão somente nesta vida. Jesus aproveitou a oportunidade para dizer que segui-lo é tarefa para quem deseja amá-lo sobre todas as coisas, capaz de deixar família, nação e bens por Sua causa. É uma aplicação do primeiro mandamento do Decálogo, tão defendido pelos judeus. Isso é evidente no Evangelho de Lucas:

> Indo eles caminho fora, alguém lhe disse: Seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. A outro disse Jesus: Segue-me! Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Mas Jesus insistiu: Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos. Tu, porém, vai e prega o reino de Deus. Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa. Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus (Lc 9.57-62).

7 - O Judaísmo afirma que Jesus era desprovido de piedade pois amaldiçoou até mesmo uma árvore que não produziu os frutos que ele esperava!

Para o cristianismo a intenção de Jesus era ensinar que: “se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que foi feito à figueira, mas direis a este monte…”.

> Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente. Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira! Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis (Mt 21.18-22).

8 - O Judaísmo afirma que o verdadeiro Messias será Rei sobre toda a terra e Jesus não afirmou isso de si mesmo.

Pelo fato de Jesus ter sido aguardado como um libertador e não como o servo sofredor de Isaías 53, ele não foi reconhecido como rei. Por isso, são relevantes as palavras de Paulo em Coríntios 1.23 ao dizer que a cruz seria "escândalo para os judeus”. Mas algumas passagens são muito esclarecedoras acerca do reinado de Jesus. Vejamos:

Na visita dos magos do Oriente

> Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de

> Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo. Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra (Mt 2.1-12).

Jesus perante Pilatos

> Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador (Mt 27.11-14).

Com Paulo e Silas em Tessalônica

> Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados, arrazoou com eles acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos; e este, dizia ele, é o Cristo, Jesus, que eu vos anuncio. Alguns deles foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres. Os judeus, porém, movidos de inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, procuravam trazê-los para o meio do povo. Porém, não os encontrando, arrastaram Jasom e alguns irmãos perante as autoridades, clamando: Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui, os quais Jasom hospedou. Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser

> Jesus outro rei. Tanto a multidão como as autoridades ficaram agitadas ao ouvirem estas palavras; contudo, soltaram Jasom e os mais, após terem recebido deles a fiança estipulada (Atos 17.1-9).

Para concluir, o autor aos Hebreus, identifica a devida supremacia do Filho de deus com estas palavras:

> Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles. Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho? E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem. Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de eqüidade é o cetro do seu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniqüidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros. Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos; eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim. Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação? (Hb 1.1-14)

E agora, ao compreender isso, o que fazer?

1. Orar pelo povo judeu.
2. Pesquisar sobre a resistência judaica.
3. Responder como você dialogaria com um judeu acerca da segunda pessoa da Trindade (Jesus).

CONFUCIONISMO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo trataremos de uma Religião/Filosofia oriental baseada nas ideias do filósofo chinês Confúcio (551-479 a.C.)[38]. Conhecido pelos chineses como “Junchaio" (ensinamentos dos sábios), o princípio básico do Confucionismo é a busca do Caminho (Tao) que alcança o equilíbrio entre os destinos do céu e da terra.

O Confucionismo desenvolveu-se na mesma época do Taoísmo, mas se difere nos ensinos principais, fixando seus conceitos em relações contributivas à ordem social entre governante-governado, idoso-jovem, marido-esposa, vendedor-cliente, e muitos outros códigos de condutas.

Na busca pelo Tao, enquanto os taoístas pregavam o desprendimento, o Confucionismo usava um critério mais realístico, onde a prática do comportamento ritual daria uma possibilidade real aos praticantes de sua doutrina de viverem em harmonia.

Confúcio não pregava a aceitação plena de um papel definido para os elementos da sociedade, mas sim que cada um cumprisse com seu dever de forma correta. Já o condicionamento dos hábitos serviria para temperar os espíritos e evitar os excessos. Logo, a sua doutrina defendia a criação de uma sociedade capaz, culturalmente instruída e disposta ao bem estar comum. A sua escola foi sistematizada nos seguintes fundamentos: Altruísmo (Ren), Convivência (Li), Sabedoria (Zhi), Honra (Yi), Lealdade (Zhing) e Integridade (Xin).

No ano 730 d.C o Confucionismo se tornou religião na China, alastrando-se por vários países asiáticos, tendo hoje, um número de seguidores de aproximadamente 6 milhões de adeptos.

---

[38] O Confucionismo (Rúxué) é um sistema filosófico chinês criado por Kung-Fu-Tsé,. Entre as preocupações do confucionismo estão a moral, a política, a pedagogia e a religião. Conhecida pelos chineses como "ensinamentos dos sábios". Fundamentada nos ensinamentos de seu mestre, o confucionismo encontrou uma continuidade histórica única. O confucionismo é considerado uma filosofia, ética social, ideologia política, tradição literária e um modo de vida. Confúcio, forma latina de Kung Fu Tsé, filósofo chinês do século VI a.C, compila e organiza antigas tradições da sabedoria chinesa e elabora uma doutrina assumida como oficial na China por mais de 25 séculos. Combatido como reacionário durante a Revolução Cultural chinesa (1966-1976), o confucionismo toma novo impulso após as recentes mudanças políticas no país. Atualmente, 25% da população chinesa declara-se adepta do confucionismo.De particular importância Confúcio deu caráter moral a funcionários-apoiar o governo e seus representantes. Ver mais em Homer H. Dubs: 'Nature in the Teaching of Confucius', p. 233ss. Ver também em KISSINGER, Henry, Sobre a China, pp. 32-33.

Onde está, esta forma de filosofia sempre se desenvolve a partir de conceitos ideológicos de organização da sociedade através da perpetuação de valores antigos centrados no ser humano.

QUEM FOI CONFÚCIO

Com o nome Kung-fu-tsu, que quer dizer Mestre Kong, nasceu no ano 551 a.C aquele que seria o mestre de um sistema filosófico duradouro na China (II aC - XX dC). Na Língua Portuguesa é conhecido por Confúcio, um chinês com uma filosofia que pontua uma distinta maneira comportamental para o cidadão e também uma distinta maneira comportamental para o governante de uma nação, ambos fundamentados na moral.

Confúcio era o filho mais novo da família. Seu pai morreu quando ele tinha três anos de idade, o obrigando a trabalhar desde muito novo para ajudar no sustento da família. Aos quinze anos, resolveu dedicar suas energias à busca do aprendizado. Em vários estágios de sua vida empregou suas habilidades como pastor, vaqueiro, funcionário e bibliotecário. Aos dezenove anos se casou com uma jovem chamada Chi-Kuan. Apesar de se divorciar alguns anos depois, Confúcio gerou um filho, Kung Li, que nasceu um ano após seu casamento, e uma filha.

Confúcio viveu num tempo e num país que as relações sociais careciam de normas, à justiça faltava balizadores e a conduta pessoal necessitava de motivação dignas. Enquanto a China vivia submersa em dinastias autocráticas e totalitaristas, Confúcio pregava a possibilidade de uma convivência regrada por princípios advindos da eternidade.

Diz-se de Confúcio que era homem culto, com demonstrações doutrinárias nas práticas da vida, de comportamento exemplar e irrepreensível, e que viajou para muitos lugares, sempre em contato com a população advogando a necessidade de uma mudança radical no sistema de governo. Confúcio pregava uma forma de governo que pudesse contribuir para o bem estar do povo, a começar pelo alívio nos encargos sociais para com o Estado e numa perspectiva mais humanitária nas questões de leis civis.

É assim que o Confucionismo se enrobustece, embasado em textos como "Anacletos de Confúcio", uma coleção de ensinamentos, “Os Cinco Clássicos”, “Os Anais de Primavera e Outono", e o “Clássico dos Ritos”.

As obras favoreciam a família como fonte de poder e potencialidade de ajuste social: os princípios consistiam de lealdade familiar, respeito aos mais velhos, veneração aos mortos (ancestrais), e preponderância masculina no lar.

Após a sua morte, desenvolveu-se um processo de veneração a Confúcio que dura mais de dois milênios. Veja a história dos acontecimentos:

195 a.C — O imperador da China ofereceu sacrifício de animal no túmulo de Confúcio.

57 d.C. — Sacrifícios regulares a Confúcio foi ordenado nos colégios imperiais e provinciais.

89 d.C. — Confúcio foi elevado ao mais alto título imperial, o de "Conde".

267 d.C — Foi decretado que os sacrifícios de animais a Confúcio fossem elaborados e oferecidos quatro vezes ao ano.

492 d.C. — Confúcio é canonizado como "Venerável, o Perfeito Sábio".

555 d.C. — Foi ordenado a construção de templos para a adoração de Confúcio nas capitais de todas as prefeituras da China.

739 d.C. — Confúcio recebe homenagem suprema pelo Imperador Hsüan da Dinastia de T'ang, recebendo o título especial que significa "Rei".

740 d.C. — A estátua de Confúcio foi removida para estar no centro do Colégio Imperial, junto aos históricos reis da China.

1086 d.C. — Confúcio foi elevado à escala de Imperador.

1736-1795 d.C. — Na Dinastia de Ch'ing, o Imperador K'ang Hsi homenageou Confúcio com o título "O Grande Mestre de todas as Épocas".

1906 d.C. — No dia 31 de dezembro, o edito imperial elevou Confúcio ao posto de Co-Assessor das deidades do céu e da terra.

1914 d.C. — A adoração a Confúcio continuou pelo primeiro presidente da República da China, Yuan Shi Kai.

1934 d.C. — O dia do nascimento de Confúcio tornou-se feriado nacional.

O CONFUCIONISMO NA HISTÓRIA

O poder era a motivação dos feudos nos tempos de Confúcio. E para isso, com a instrumentalidade da guerra, povos inteiros eram dizimados. A história política da China é repleta de ações militares contra o seu próprio povo, gerando desunião e diversidade. As guerras produziam execuções em massa. Soldados eram pagos para trazer as cabeças de seus inimigos. Populações inteiras eram exterminadas através da decapitação de mulheres, crianças e velhos. A longa e complexa história política do povo estava associada às práticas sociais e culturais da Dinastia Chou.

Após a morte de Kung-fu-tsu, seus discípulos deram prosseguimento aos seus ideais, levando tais conceitos às mais diferentes classes, dentre elas, os estudantes, que continuaram a sua

escola filosófica nos meios acadêmicos. Estes esforços espalharam os pensamentos de Confúcio a muitas cortes reais chinesas, dando ao Confucionismo a condição de se sustentar como um conjunto dogmático.

Confúcio estabeleceu um sistema ético-político, mas seus seguidores, especialmente Mêncio (século IV a.C) e Xun Zi (século III a.C) criaram uma plataforma com fundamentos antagônicos. Para Mêncio, a bondade inata no ser humano era uma fonte das intuições éticas que guiam as pessoas, mas para Xun Zi, a maldade era inata, e o que importava era o aspecto realista e materialista, salientando que a moralidade foi incutida na sociedade através da tradição e nos indivíduos, através da formação.

Deste pensador, foi desenvolvido o conceito de legalismo, que rebateu a piedade filial porque a considerou um mecanismo de interesse próprio e não uma virtude para dirigir uma nação.

Mesmo em meio a divergências, o Confucionismo foi adotado na China como filosofia oficial do estado durante a dinastia de Han (entre 206a.C e 220d.C), tendo nos seus oficiais uma espécie de obediência principial dogmática aos principais escritos, considerada a condição para manter a harmonia do estado.

O Confucionismo advogou justiça para todos como o fundamento da vida em um mundo ideal, onde os princípios humanos, cortesia, piedade filial, e virtudes da benevolência, retidão, lealdade e a integridade de caráter deviam prevalecer. Afirmou que o homem é capaz de ser perfeito por seus próprios esforços. Afirmou a pureza da natureza humana. Afirmou que o céu tem influência sobre a terra e os homens. E afirmou a veneração e adoração aos ancestrais, e do conceito de piedade filial.

Assim, já na antiguidade o confucionismo atingiu um pleno sucesso, tornando-se uma filosofia moral de profundo impacto na estrutura social e cotidiana da sociedade. O valor ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo inseriu de maneira definitiva na vida da civilização chinesa da antiguidade aos dias de hoje.

O Confucionismo permaneceu como religião oficial da China desde sua unificação, no século II, até sua proclamação como República pelo Kuomintang em 1911. As primeiras críticas ao Confucionismo surgiram com a República. Entre 1966 e 1976, durante a Grande Revolução Cultural Proletária, foi novamente atacado por contrariar os interesses comunistas. Atualmente, apesar do comunismo banir todo tipo de religião, 25% da população chinesa afirma viver segundo a ética confucionista.

ALGUNS PRINCÍPIOS DO CONFUCIONISMO

JEN. Lei da reciprocidade, ou seja, "não faça aos outros o que você não gostaria que lhe fizessem." Esta é a virtude mais elevada do Confucionismo.

CHUN-TZU. Lei do altruísmo em que o homem para ser perfeito deve ter humildade, magnanimidade, sinceridade, diligência e amabilidade. Somente assim, ele poderá transformar a sociedade em um estado de paz.

CHENG-MING. Lei da retificação dos nomes, com cada função ou título derivando-se de um nome próprio.

TE. Lei do potencial em que a virtude do poder, e não a força física, era necessária para dirigir qualquer sociedade.

LI. Lei da conduta benevolente em que somente alguém assim pode governar proporcionando o necessário para o povo.

WEN. Lei das artes em que Confúcio sempre afirmou estar a verdadeira nobreza da harmonia universal.

Segundo a doutrina de Confúcio, o ser humano é composto por quatro conceitos básicos: Ele mesmo (eu), o seu ambiente social (comunidade), o seu ambiente natural (natureza), o seu ambiente sobrenatural (céu). Com estas virtudes, o homem se relaciona com a existência na busca pelo Tao.

ALGUMAS PRÁTICAS DO CONFUCIONISMO

A. DEUS. O Confucionismo crê que a natureza humana é divina e boa porque há uma força suprema no mundo. Três expressões são usadas em sua referência: Shang Ti (supremo governador), Tien (céu) e Ming (mandamento)

B. ANTEPASSADOS. São adorados por gratidão e respeito, e também por prosperidade e melhorias na vida. A prática geralmente acontece nos templos, com sacrifícios e rituais.

D. PIEDADE FILIAL. É a prática da devoção dos mais novos aos mais velhos. Todo filho deve ser leal e devoto à sua família. É esperado que o filho ame e reverencie seus pais enquanto estiverem vivos, e que chore e os lamente depois de mortos.

E. ADIVINHAÇÃO. É a prática do prognosticismo, muito ligada às condições da natureza como nuvens, ventos, chuva, seca, relâmpagos e acontecimentos inesperados.

CONCLUSÃO

O conjunto ético e moral do Confucionismo apresenta a possibilidade da virtude como algo que o ser humano tem a desenvolver. Isso parece muito bom, pois traz boa expectativa de vida, de equilíbrio e de segurança. Qual é o problema, então? É que o Confucionismo é um sistema baseado na capacidade do homem para realizar isso. Deus não está contemplado na filosofia. Para Confúcio o homem é capaz de fazer tudo o que é necessário para um aperfeiçoamento da sua vida e da sua cultura com a sua força interior. Este é o maior problema do Confucionismo.

A Bíblia afirma que o ser humano é pecador antes mesmo de nascer, e por isso, incapaz de encontrar uma força interior que lhe dê condições de ser feliz por si mesmo, de ser bom por si mesmo e de ser útil por si mesmo.

Somente um salvador poderia resolver o problema do ser humano, o pecado. Mas, Deus fez isso, pois um Salvador foi providenciado. Jesus Cristo, o Messias, veio na plenitude dos tempos e foi manifestado na carne, justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo e recebido na Glória. E se antes Deus falara usando muitas e variadas formas, desde então nos fala pelo seu Filho, o Redentor.

Assim, o Confucionismo, sendo mais uma religião falsa, jamais compreendeu isso, e depositando no homem incapaz a possibilidade de depuração própria errou no princípio. O fim é catastrófico. Somente no Cristianismo há o reconhecimento da pecaminosidade humana e sua redenção num salvador pleno, como está escrito: “… todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Romanos 3:23). Por isso, os cristãos crêem somente em Jesus Cristo, cujo sacrifício na cruz oferece a salvação aos eleitos de Deus e nunca colocam a confiança em si mesmos, pois sabem que não é suficiente. A Deus pertence a salvação.

COMO RESPONDER AO CONFUCIONISMO?

1. SOBRE DEUS. Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

> No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber. Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele. No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o

> Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele (1Co 8.1-6).
>
> … Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.18-20).

2. SOBRE JESUS. Cremos no nascimento virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal de entre os mortos, e em sua ascensão gloriosa aos céus.

> No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim (Lc 1.26-33).
>
> … Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade. Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória (1Tm 3.14-16).

3. SOBRE O ESPÍRITO SANTO. Cremos no Espírito Santo como terceira pessoa da Trindade, como Consolador e o que convence o homem do pecado, justiça e do juízo vindouro.

> E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros. Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis. Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo? Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou. Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos

> ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que eu vos disse: vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais (Jo 14.16-29).

4. SOBRE O SER HUMANO. Cremos na criação do ser humano, iguais em méritos e opostos em sexo; perfeitos na sua natureza física, psíquica e espiritual; que responde ao mundo em que vive e ao seu criador através dos seus atributos fisiológicos, naturais e morais, inerentes a sua própria pessoa; e que o pecado o destituiu da posição primacial diante de Deus, tornando-o depravado moralmente, morto espiritualmente e condenado a perdição eterna.

> Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei. É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios, visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso. Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei (Rm 3.19-31).

5. SOBRE A ESCRITURA. Cremos na inspiração verbal e divina da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé para a vida e o caráter do cristão.

> Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério (1Tm 3.14-4.5).

6. SOBRE O PECADO. Cremos na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus, e que somente através do arrependimento dos seus pecados e a fé na obra expiatória de Jesus o pode restaurar a Deus.

> De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos. Então, ele os ensinou: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; o pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a todo o que nos deve; e não nos deixes cair em tentação (Lc 11.1-4).
>
> … Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso; porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus. Pois que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência? Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma (1Pe 2.18-25).
>
> … Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós (1Jo 1.5-9).

7. SOBRE A ETERNIDADE. Cremos no juízo vindouro, cremos no novo céu, na nova terra, na vida eterna de gozo para os fieis e na condenação eterna para os infieis.

> Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. O vencedor

> herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho. Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte (Ap 21.1-8).

8. SOBRE A SALVAÇÃO. Cremos na salvação presente e perfeita, e na eterna justificação da alma, recebida através de Jesus.

> Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8.28-39).

E então, o que fazer?

1. Orar pelo povo confucionista.
2. Pesquisar sobre a a crescente busca pelo confucionismo no Ocidente.
3. Responder como você dialogaria com um confucionista sobre a criação da existência e sua preservação.

XINTOÍSMO

INTRODUÇÃO

O Xintoísmo[39] (caminho dos deuses) é derivado de muitas tradições antigas locais e regionais japonesas e não havia sido considerada religião até o surgimento de outras religiões como confucionismo ou budismo.

---

[39] Xintoísmo (em japonês *Shintō*) é o nome dado à espiritualidade tradicional do Japão e da maioria dos japoneses. A palavra *Shinto* ("Caminho dos deuses") foi adotada do chinês escrito através da combinação de dois *kanji*: "*shin*", que significa "deuses" ou "espíritos" (originalmente da palavra chinesa *shen*); e "*tō*"), ou "do", que significa "estudo" ou "caminho filosófico" (originalmente da palavra chinesa *tao*). Os termos *yamato-kotoba* e *Kami no michi* costumam ser usados de maneira semelhante. O xintoísmo incorpora práticas espirituais derivadas de diversas tradições pré-históricas japonesas, locais e regionais, porém não surgiu como instituição religiosa formalmente centralizada até a chegada do budismo, confucionismo e taoísmo no país, a partir do século VI. O budismo gradualmente se adaptou, no Japão, à espiritualidade nativa, como por exemplo na inclusão do *kami*, componente da crença xintoísta, entre os bodisatvas (*bosatsu*). As práticas xintoístas foram registradas e codificadas pela primeira vez nos registros escritos históricos do Kojiki e Nihon Shoki, nos séculos VII e VIII. Ainda assim, estes primeiros escritos japoneses não se referem a uma "religião xintoísta" unificada, mas a práticas associadas com as colheitas e outros eventos dos clãs relacionados às estações do ano, aliadas a uma cosmogonia e mitologia unicamente japonesas, que combina tradições espirituais dos clãs ascendentes do Japão arcaico, principalmente das culturas Yamato e Izumo. O xintoísmo caracteriza-se pelo culto à natureza, aos ancestrais,e pelo seu politeísmo, com uma forte ênfase na pureza espiritual, e que tem como uma de suas práticas honrar e celebrar a existência de *Kami*), que pode ser definido como "espírito", "essência" ou "divindades", e é associado com múltiplos formatos compreendidos pelos fieis; em alguns casos apresentam uma forma humana, em outros animística, e em outros é associado com forças mais abstratas, "naturais", do mundo (montanhas, rios, relâmpago, vento, ondas, árvores, rochas). Considerado como consistindo de energias e elementos "sagrados", o *Kami* e as pessoas não são separados, mas existem num mesmo mundo e partilham de sua complexidade inter-relacionada. O xintoísmo moderno apresenta uma autoridade teológica central, porém não tem uma teocracia única. Consiste, atualmente, de uma associação inclusiva de santuários locais, regionais e nacionais de variada significância, em importância e história, que exprimem suas diversas crenças através de práticas e idiomas semelhantes, que datam dos períodos Nara e Heian. O xintoísmo tem atualmente cerca de 119 milhões de seguidores no Japão, embora qualquer pessoa que pratique algum tipo de ritual xintoísta seja contado como tal. Geralmente aceita-se que a ampla maioria do povo japonês participe de algum tipo de ritual xintoísta, ao mesmo tempo em que a maior parte também pratica o culto budista aos ancestrais. No entanto, ao contrário de muitas das práticas religiosas monoteístas, o xintoísmo e o budismo tipicamente não exigem daqueles que os professam que sejam crentes ou praticantes, o que torna difícil contabilizar cifras exatas com base na autoidentificação com alguma crença, entre os habitantes do país. Devido à natureza sincrética das duas religiões, a maior parte dos eventos relacionadas à "vida" ficam a cargo dos rituais xintoístas, enquanto os eventos relacionados à "morte" ou à "vida após a morte" ficam a cargo dos rituais budistas; assim, como veremos neste estudo, é costumeiro, por exemplo, no Japão, registrar uma criança ou celebrar seu nascimento num santuário xintoísta, enquanto os preparativos para um funeral costumam ser ditados pela tradição budista. Existem santuários xintoístas em diversos outros países, incluindo os Estados Unidos, Brasil, Canadá, Nova Zelândia, Austrália e Países Baixos, entre outros, e está em vias de expansão para se tornar uma religião global, especialmente com o surgimento de ramos internacionais dos santuários *shinto*. Pesquisado em Richard Pilgrim, Robert Ellwood (1985 pages). *Japanese Religion* 1st ed. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall Inc. Ver também em Sokyo, Ono (1962). *Shinto: The Kami Way* 1st ed. Rutland, VT: Charles E Tuttle Co. Ver também em "Bocking, Brian (1997). *A Popular Dictionary of Shinto* 1st ed. Lincolnwood, Illinois: NTC Contemporary Publishing Company. pp. vii.

O seu início se dá por volta do século VI, tendo seus princípios registrados pelo Kojiki e pelo Nihonshoki nos séculos vindouros apenas como práticas relacionadas à natureza.

O Xintoísmo não possui um único livro sagrado, mas sim, um conjunto de textos chamado Shinten, que contém os ensinamentos da religião, sem serem considerados textos revelados ou de caráter divino. Dentro do Shinten estão o Kojiki, o Nihonshoki e o Kogo-shui.

Kojiki significa Anais Antigos, foi escrito em 712 d.C, e é o texto mais antigo do Xintoísmo.

Nihonshoki significa Crônicas Japonesas, foi escrito em 720 d.C.

Kogo-shui é um conjunto de compilações escrito por um clã responsável pelos ritos antigos, e foi escrito em 807 d.C.

Estas obras apresentam a natureza ainda informe, mergulhada no caos, apontando assim, para uma ação divina (dos deuses) no desenvolvimento da natureza, conduzindo-a do caos ao estado conhecido na atualidade.

No princípio, não se pensava em religião xintoísta, mas em costumes locais e regionais na vida das famílias do campo.

Por isso, quando passou a ser considerado religião, estava associado ao culto da natureza, aos ancestrais, à mitologia, à cosmogonia, ao politeísmo, como resultado de práticas antigas, de tradições espirituais praticadas por clãs familiares sem um conjunto de regras claras.

O Xintoísmo, ao desenvolver-se enfatizou a pureza espiritual como honra e celebração ao Kami (espírito, divindade, perfeição), uma força espiritual que emana energia e que não está separada do ser humano, mas unida e existindo no mesmo mundo, interrelacionada, ainda que na complexidade. Uma destas divindades chamaria-se Amaterasu, que teria instruídos os japoneses na cultura do arroz, sua grande fonte de subsistência por milênios.

Na atualidade cerca de 120 milhões de japoneses praticam o Xintoísmo, afirmando a existência de uma autoridade divina central, mas não vivendo sob qualquer teocracia, apenas adorando em santuários multi diferentes em conceitos e crenças, aproximados por uma semelhança de vestuário, arquitetura e formas ritualísticas.

Além da prática constante no Japão e nos países asiáticos, existem santuários xintoístas em muitos países da Europa e das Américas, apresentado ligeiro crescimento com o estabelecimentos de novos santuários, o que aponta para a possibilidade de se tornar uma religião mundial em breve.

O XINTOÍSMO NA HISTÓRIA

As antigas tradições mitológicas orais dão origem ao Xintoísmo. No seu surgimento, a família imperial japonesa foi considerada a coluna de preservação do Xintoísmo, e dela derivou-se um conjunto de leis governamentais para regular a ordem social e religiosa futura.

Este conjunto de leis se tornou um sistema que sempre coordenou as relações entre o Xintoísmo e outras práticas. Vejamos a relação com o Budismo: O Xintoísmo tem uma capacidade maior de atrair pessoas preocupadas com a vida física, por isso, quando uma criança nasce, geralmente é consagrada num templo xintoísta. Mas, a mesma criança, depois de crescer, quando vir a morrer, possivelmente será levada a um templo budista, porque o Budismo enfatiza a passagem para a eternidade de uma maneira que atrai o praticante do Xintoísmo.

Assim, o estabelecimento e a manutenção da família imperial japonesa e a criação do sistema chamado Kojiki facilitou a continuidade destas relações com outros segmentos religiosos como taoísmo, confucionismo, budismo, hinduísmo e outras crenças, passando a influenciar e ser influenciado no decorrer dos tempos.

O movimento que teve um relacionamento mais estrito com o Xintoísmo foi o Budismo. Quando o Budismo chegou ao Japão, no século VI, advindo da Coreia, sufocou o Xintoísmo por um tempo. Mas havia resistência, e por isso, o povo japonês contemplou a possibilidade de fusão entre os movimentos. Isso aconteceu, mas sob a condução do Budismo. Então, uma religião estrangeira passou a dominar o Japão, por muitos séculos, mas sem desaparecer a consciência Xintoísta, mantida pelos estudiosos e sacerdotes que não abandonavam as práticas iniciais.

Depois de quase dez séculos, depois de 1700 d.C, o Japão passou por uma reforma de conceitos culturais nacionalistas fazendo renascer o espirito local, reconduzindo o Xintoísmo ao status de religião oficial nacional como uma expressão original do povo japonês, considerado pelo regime como superior a todos os outros.

Surge então o Xintoísmo de Estado, descaracterizado da sua religiosidade, e revestido de um dever com a civilidade nacional com obrigação de adorar o imperador e reverenciar a Nação. Por várias décadas o Xintoísmo consistiu numa prática nacionalista, mas com a explosão da segunda guerra mundial, as coisas mudariam drasticamente. A derrota do Japão foi um duro golpe ao Xintoísmo, pois com a nova constituição, no período pós-guerra, o imperador foi destituído das suas condição divinas e políticas, tornando-se apenas um símbolo, perdendo todo o apelo anterior conferido ao monarca pela ordem nacional.

AS PRINCIPAIS EXPRESSÕES DO XINTOÍSMO

a) Xintoísmo Imperial: Resultado do desenvolvimento na casa imperial.
b) Xintoísmo Doméstico: Práticas desenvolvidas nas casas (pequeno altar para oferendas e orações).
c) Xintoísmo Folclórico: Desconsidera qualquer sistematizarão ou doutrina.
d) Xintoísmo Sectário: Praticado por treze seitas reconhecidas pelo Estado japonês.
e) Xintoísmo Comunitário: Conjunto de crenças que se exprimem através das festas e das venerações nos santuários.

AS PRINCIPAIS CRENÇAS DO XINTOÍSMO

1. SOBRE DEUS

Kami significa divindade ou Deus, e pode também, num sentido mais amplo, representar alguma força vital ou algum espírito da natureza. No Xintoísmo estas forças não têm as características de infalibilidade nem de poder absoluto nem de conhecimento total. Os Kami podem, até mesmo, ser tanto espíritos maus, que fazem contraponto aos espíritos bons, quanto espíritos específicos de alguns lugares, como montanhas, rios e estradas. E ainda, um espírito ligado a algum dos elementos da natureza como sol, lua, vento, chuva, relâmpago ou ligado à vida coitadinha como roupa, trabalho, amizades, etc. Ou seja, no Xintoísmo o conceito de Kami, ou divindade, é bem limitado.

Kami também pode ser reconhecido na história milenar em ação nos grandes guerreiros antepassados. Por isso, o Xintoísmo venera os espíritos dos ancestrais porque os considera como veladores que tutelam os descendentes. Os funerais recebem especial atenção por conta disso. O foco não está no futuro, mas no que aconteceu na história da pessoa. Os seus principais escritos apontam para a existência de um conjunto não literal de Kami (Oitocentos miríades), passando o entendimento que há inúmeros e imperceptíveis espíritos atentos ao dia a dia, uns existindo no céu outros coexistindo na terra.

2. SOBRE O MUNDO

Duas perspectivas dominam o entendimento Xintoísta:

a) A visão que o mundo é vertical e se subdivide em três esferas: morada de Deus (alta planície celeste), morada dos homens (planície do meio) e moradas subterrâneas (baixa planície). Num local vivem os Kami, noutro vivem os homens dirigidos pelos Kami e no terceiro vivem os maculados pecadores malignos.
b) A visão que o mundo é horizontal e se subdivide em duas esferas: País do meio e país dos mortos. Na país do meio estão os homens com suas lutas, suas vitórias e suas derrotas. No país dos mortos estão os espíritos purificados dos antepassados, que de vez em quando, vêm ao primeiro mundo para trazer bênçãos especiais como felicidade e prosperidade.

3. SOBRE A NATUREZA

A relação do xintoísta com a natureza é sempre de dependência e subserviência uma vez que percebe o seu absoluto domínio sobre o homem. Ele pensa que existe graças à natureza, que tudo o que possui veio da natureza e que mesmo em situações adversas como vendavais, enchentes ou qualquer outro fenômeno destrutivo, nunca deve se voltar contra a natureza porque os seus benefícios são sempre maiores que os males que dela procedem.

Outro aspecto relevante é entendimento que a natureza é governada pelos Kami, e assim, possui características sagradas, sendo sensível à vontade e poder dos Kami, não sendo guiada por leis naturais, mas por uma espiritualidade misteriosamente divina, por isso jamais presta contas ao ser humano nem é objeto de julgamento.

O principal motivo desta relação é que para o xintoísta a natureza e o ser humano são parentes associados que devem viver de forma integrada. Por isso, é muito comum a prática de incursões na mata em busca de relacionamento mais próximo com a natureza, purificação das atividades seculares poluidoras, elevação espiritual e tempo para refletir e meditação transcendental.

4. SOBRE A VIDA

O ser humano é bom, participa da natureza dos Kami, mas sofre influência dos espíritos malignos. Assim, vive na dependência que os Kami lhe capacitem contra as forças malignas, e que os mesmos lhe entreguem uma meta de superação, um ideal de vida, um modelo que represente a ligação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Este é o “caminho” que para o xintoísta, se configura na principal atividade do homem, por isso, o principal motivo moral para nunca se afastar da justiça e da ética, da verdade e do caráter.

Para o Xintoísmo, a vida deve ser pura, ou pelo menos, este deve ser o alvo maior, pois a vida pura é o estado natural da vida humana. Nada menos que isso é normal para um xintoísta. Se uma vida não é pura, desagrada os Kami. Por isso, quando alguém não consegue viver os princípios xintoístas torna-se corrompido, sendo admoestado a voltar para que possa encontrar novamente o caminho da felicidade e da virtude. As vezes, um retorno pode ser marcado por um exorcismo.

Os principais ritos de passagem do Xintoísmo são assim definidos:

a) Hatsumyia mairi: consiste da apresentação do recém nascido aos deuses.
b) Shichigosan: é a peregrinação aos templos, de pais com meninos de três e cinco anos e meninas de três e sete anos, uma vez por ano para agradecer pela saúde e pedir crescimento.
c) Seijin Shiki: consiste na celebração pela maturidade aos vinte anos de idade.

O Xintoísmo dedica ainda muitas outras datas para comemorar ou para refletir acerca da vida como a busca por um bom nascimento para um filho, as festas infantis, o dia do primeiro emprego, a festa de casamento, o enfrentamento das forças malignas, e as festas de fartura e por vida longa.

COMO RESPONDER AO XINTOÍSMO

Se o Xintoísmo acredita na existência de muitos Kami (deuses, divindades ou forças), nós cremos em um só Deus, que eternamente subsiste em três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Deuteronômio 6.24; Mateus 28.19; Marcos 12.29).

> Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Não há outro mandamento maior do que estes. Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele , e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios. Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo (Mc 12.28-34).

Se o Xintoísmo acredita na pureza do ser humano, nós cremos que precisamos de um redentor, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal de entre os mortos, e em sua ascensão gloriosa aos céus (Isaías 7.14; Lucas 1.26-31; 24.4-7).

> Já era quase a hora sexta, e, escurecendo-se o sol, houve trevas sobre toda a terra até à hora nona. E rasgou-se pelo meio o véu do santuário. Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou. Vendo o centurião o que tinha acontecido, deu glória a Deus, dizendo: Verdadeiramente, este homem era justo. E todas as multidões reunidas para este espetáculo, vendo o que havia acontecido, retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos. Entretanto, todos os conhecidos de Jesus e as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia permaneceram a contemplar de longe estas coisas. E eis que certo homem, chamado José, membro do Sinédrio, homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros), natural de Arimatéia, cidade dos judeus, e que esperava o reino de Deus, tendo procurado a Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus, e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo aberto em rocha, onde ainda ninguém havia sido sepultado. Era o dia da preparação, e começava o sábado. As mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus, seguindo, viram o túmulo e como o corpo fora ali depositado. Então, se retiraram para preparar aromas e bálsamos. E, no sábado, descansaram, segundo o mandamento". Mas, no primeiro dia da semana, alta madrugada, foram elas ao túmulo, levando os aromas que haviam preparado. E encontraram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus. Aconteceu que, perplexas a esse respeito, apareceram-lhes dois varões com vestes resplandecentes. Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: Por que buscais entre os mortos ao que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos preveniu, estando ainda na Galiléia, quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia. Então, se lembraram das suas palavras. E, voltando do túmulo, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os mais que com eles estavam. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago; também as demais que estavam com elas confirmaram estas coisas aos apóstolos. Tais palavras lhes pareciam um como delírio, e não acreditaram nelas. Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro. E, abaixando-se, nada mais viu, senão os lençóis de linho; e retirou-se para casa, maravilhado do que havia acontecido (Lc 23.44-24.12).

Se o Xintoísmo acredita em muitos espíritos, nós cremos no Espírito Santo como terceira pessoa da Trindade, como Consolador e o que convence o homem do pecado, justiça e do juízo.

> No sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José; a virgem chamava-se Maria. E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria esta saudação. Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim. Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril. Porque para

> Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas. Então, disse Maria: Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra. E o anjo se ausentou dela (Lc 1.26-38).

Se o Xintoísmo acredita na pureza humana, nós cremos que o homem foi criado assim, mas caiu em pecado, que o destituiu da posição primeira diante de Deus, tornando-o depravado moralmente, morto espiritualmente e condenado a perdição eterna (Gênesis 1.27; 2.20,24; 3.6; Isaías 59.2; Romanos 5.12; Efésios 2.1-3).

> Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, -- pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.1-10).

Se o Xintoísmo acredita no Kojiki, nós cremos na inspiração verbal e divina da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé para a vida e o caráter do cristão (2Timóteo 3.14-17; 2Pedro 1.21.

> Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo. Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (2Pe1.16-21).

Se o Xintoísmo acredita em corrupção humana como um pequeno desvio, nós cremos na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus, e que somente através do arrependimento dos seus pecados e a fé na obra expiatória de Jesus o pode restaurar a Deus (Romanos 3.23; Atos 3.19; Romanos 10.9).

> Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê. Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela. Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos. Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido (Rm 10.1-11).

Se o Xintoísmo acredita em mundos verticais e horizontais sem contudo qualquer possibilidade de outro destino após a morte, nós cremos no juízo vindouro, que condenará os infieis e encerrará a condição decaída do ser humano. Cremos no novo céu, na nova terra e na vida eterna (Mateus 25.46; 2Pedro 3.13; Apocalipse 21.22; 19.20; Daniel 12.2; Marcos 9.42-48).

> E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar. E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga]. E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga]. E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga (Mc 9.42-48).

Se o Xintoísmo acredita na integração com a natureza para uma elevação espiritual, nós cremos no perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita, e na eterna justificação da alma, recebida de Deus por graça, através de Jesus (Atos 10.43; Romanos 10.13; João 3.16; Hebreus 7.20-27)).

> E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo, Jesus se tem tornado fiador de superior aliança. Ora, aqueles são feitos sacerdotes em maior número, porque são impedidos pela morte de continuar; este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu (Hb 7.20-27).

CONCLUSÃO

O Xintoísmo surgiu no Japão do século VI e fundamenta-se na relação pretensamente parental entre o homem e a criação. As divindades cultuadas são forças ou espíritos sagrados presentes em todo o universo.

Amaterasu, a deusa do Sol, que teria ensinado os japoneses a cultivarem arroz, grão que ainda hoje é a base da alimentação no país, é uma das principais divindades.

O Xintoísmo mistura crenças de vários povos, mas a maior influência vem do budismo. A religião não tem um fundador e tampouco livros sagrados, teologia ou código moral e ético. Seus seguidores podem cultuar as divindades em casa ou em templos, que possuem grandes portais na entrada e onde os rituais xintoístas normalmente contam com a presença de um sacerdote. Essas cerimônias são divididas em quatro momentos: purificação (ao entrar no templo, deve-se lavar a boca e as mãos), oferendas (pinturas ou amuletos), preces e uma festa sagrada.

O que fazer?

1. Orar pelo povo xintoísta.
2. Pesquisar sobre os motivos que sustentaram o Xintoísmo em tempos tão diversos.
3. Responder como você dialogaria com um xintoísta sobre teísmo e deísmo.

ESPIRITISMO

INTRODUÇÃO

O espiritismo kardecista foi difundido por Léon Hippolyte Rivail, nascido em Lião, na França, em 1804, assumindo o pseudônimo de Allan Kardec por pensar que fosse a reencarnação de um poeta celta com este nome[40]. Afirmava a necessidade de pregar uma nova religião, o que começou a fazer em 1856. Hippolyte declara que o Espírito Verdade lhe deu autorização para se chamar Allan Kardec. Teria sido um nome que ele – Hippolyte – teve em uma encarnação anterior, quando foi um poeta celta na antiga Gália, mesma época em que viveram os lendários druidas ou druidas[41] (Século II aC). A partir daí ele começou a lançar os livros que contêm toda a doutrina do Espiritismo Kardecista. Publicou O Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o

---

40 A Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo define Kardecismo da seguinte forma: “Kardecismo (de Kardec + ismo). Teoria pessoal de Allan Kardec acerca do Espiritismo. Como acentua o Dr. Canuto Abreu, Espiritismo é a "doutrina dos Espíritos contida integralmente no "Livro do Espíritos" e Kardecismo é uma "obra humana, pessoal, particular". E acrescenta: Lançando a luz espírita sobre os ensinamentos de Jesus, Kardec pôde compreender o Evangelho. Pela mesma forma qualquer outro código sagrado da antiguidade. A maneira pessoal de Kardec entender os ensinamentos de Jesus é que se chama Kardecismo. Portanto, para o cristão, o Espiritismo é um complemento do cristianismo; para o budista, um complemento do budismo. O Alcorão segundo o Espiritismo mostrará aos muçulmanos aspectos novos do profetismo. Distingamos, então, Kardecismo de Espiritismo. Este é uma doutrina geral, que serve para todos os povos. É a doutrina da Era Nova. O Kardecismo é uma doutrina particular que só interessa ao cristão. Interessa, por isso, quase à metade da população do mundo. O Espiritismo interessa, porém, à totalidade. "Em sua forma moderna como hoje é conhecido, o seu ressurgimento se deve a duas jovens norte-americanas, Margaret e Kate Fox, em Hydeville, Estado de Nova Iorque. Quando tinham, respectivamente, doze e dez anos, começaram a ouvir pancadas em diferentes pontos da casa onde moravam. As meninas criaram um meio de comunicar-se com o autor dos ruídos, que respondia às perguntas com um determinado número de pancadas. Partindo desse acontecimento, propagaram-se sessões espíritas por toda a América do Norte. Os médiuns norte-americanos encontraram também na Inglaterra um solo fértil, por ser o espiritismo ali popular entre as camadas mais ricas. Na França, a figura de Allan Kardec é a principal dos arraiais espiritistas. Léon Hippolyte Rivail, nascido em Lion, em 1804, tomou o pseudônimo de Allan Kardec por acreditar ser ele a reencarnação dum poeta celta com esse nome. Dizia ter recebido a missão de pregar uma nova religião, o que começou a fazer a 30 de abril de 1856. Um ano depois, publicou *O Livro dos Espíritos*, que muito contribuiu na propaganda espiritista. Notabilizou-se por introduzir a ideia de reencarnação. www.espiritnet.com.br Ver também em Antonio Augusto Machado de Campos Neto. *A filosofia espírita. O direito natural. O direito justo*. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo v. 102 p. 622 jan./dez. 2007. É possível, ainda, estudar o tema em Jean de Mutigny, (1981). *Victor Hugo et le spiritisme* (em francês). Paris: Fernand Nathan. 126 páginas.

41 Os druidas foram sacerdotes pagãos dos povos celtas. Esses povos viveram na antiga Gália (atual França) entre o Século II aC e o Século II dC. Dizem as lendas gaulesas que os druidas consultavam os mortos, faziam poções mágicas, enfim, eram envolvidos com todo tipo de prática ocultista. Note que Allan Kardec, segundo o Espiritismo, não foi um druida, mas sim um poeta celta. Mais informações sobre os celtas e os druidas, de acordo com uma ótica espírita, podem ser obtidas no site http://www.espiritnet.com.br/celtas.htm.

Espiritismo, Céu e Inferno, A Gênese, O que é o Espiritismo, A Prece segundo o Evangelho, e Obras Póstumas. Allan Kardec, ou Léon Hippolyte Rivail, morreu em 31 de março de 1869, vitimado por um aneurisma cerebral.

O Ocidente conheceu e pratica os conceitos espíritas, e com crescimento a cada nova pesquisa[42]. Como definição geral, espiritismo é uma doutrina baseada na crença da sobrevivência da alma e da existência de comunicação, por meio de mediunidade, entre vivos e mortos, entre os espíritos encarnados e desencarnados no processo de evolução.

Para Allan Kardec um "espírita" é todo aquele que acredita nas manifestações dos espíritos, e por isso, este número é bem extenso. Há muitos grupos que aceitam esta prática. Podemos ver algumas: Legião da Boa Vontade (LBV), Associação Mística Ordem Rosa Cruz (AMORC), Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Cultura Racional (CR), Racionalismo Cristão (RC), Círculos Esotéricos, Vodu; entre outros...

Pelo fato de o espiritismo kardecista ser bem amplo, nesta lição não temos condições de explorar e contestar todas as suas nuances, então, nos deteremos em pelo menos três aspectos: Um confronto com os seus principais ensinos, um estudo dos principais erros como o carma e a reencarnação, e uma sugestão de contraponto para evangelizar espíritas, contido em cada tópico.

UM CONFRONTO NECESSÁRIO

Para o espiritismo existe a possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos, existe a reencarnação, ninguém pode impedir os homens de sofrerem as consequências de seus atos, a salvação se dá pelas obras, Deus é um ser impessoal que habita num mundo distante, os espíritos guias estão mais perto dos seres humanos, Jesus não é Deus, a Bíblia não é infalível, o diabo e o inferno não existem, e por fim, a ressurreição de Cristo não aconteceu.

Para o cristianismo, que tem a Bíblia como única regra de fé e prática, nenhuma destas teorias se sustenta, e são facilmente contestadas através de um estudo simples da própria Bíblia. É o que faremos nesta lição.

---

42 Jones, P. (org), Bruxaria Global. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 111

RAZÕES PARA REFUTAR A COMUNICAÇÃO ENTRE VIVOS E MORTOS

Para o cristianismo, não há qualquer possibilidade de o espírito de uma pessoa morta conseguir manter contato com este mundo. A morte é decisiva para o destino, ela altera o estado definitivamente, impedindo qualquer tipo de diálogo com o mundo anterior[43]. Vejamos alguns textos que comprovam essa verdade: (Ec 3.22; Is 8.19, 20 e Lc 16.27- 31).

Para o espiritismo, enquanto defendem que a Bíblia mostra diálogos entre mortos e vivos, citam o texto de 1Samuel 28.7-19, quando o rei Saul faz um consulta a uma médium. O espiritismo defende que foi realmente o espírito de Samuel que apareceu a Saul naquela ocasião.

Eis as razões pelo qual não aceitamos esta interpretação:

1. Primeira razão: Saul *pensou* que fosse Samuel.

O texto deixa claro: "Entendendo que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e o adorou" (v. 14). Não há evidência concreta de que aquele espírito era realmente o espírito de Samuel. Saul deduziu que fosse... Independente da aparência que esse "espírito" tinha, sabemos que Satanás pode se apresentar até como um "anjo de luz" (2 Co 11.14).

2. Há um possível equívoco espacial.

A médium perguntou a Saul quem ela deveria fazer subir, e em seguida, que o espírito (um ancião de capa preta) veio subindo da terra (v.14 e 15). Sabemos que o céu como lugar que Deus habita não fica literalmente em cima, assim como o inferno não fica literalmente embaixo. Entretanto, a Bíblia costuma usar esse tipo de localização espacial para falar com mais facilidade desses assuntos (Sl 139; Pv 15.24; Mt 11.23; Jo 6.33; 17.1). Se a Bíblia tem esse hábito, seria de se esperar que o espírito de Samuel "descesse" do céu, onde ele certamente estava, em vez de "subir". Afinal, Samuel foi um grande servo de Deus, e todo o Israel foi testemunha disso (1 Sm 12). Aliás, este "Samuel" estava de mau humor, porque reclama de ter sido inquietado e trazido (subido) forçosamente (v. 15).

3. Segunda razão: O *suposto* espírito de Samuel mente.

Já sabemos que tanto Satanás quanto os seus anjos não têm qualquer compromisso com a verdade (Jo 8.44; 2 Ts 2.9). As três mentiras daquele "espírito" invocado pela médium de En-Dor estão no verso 19. Observe:

a) Ele disse que o Senhor entregaria o povo de Israel e o próprio Saul nas mãos dos filisteus. Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus. Ele se suicidou e seu corpo ficou com os homens de Jabes

---

43 Packer, J. I. Teologia Concisa. São Paulo: Editora Cultura Cristã,1999. p. 235-237

Gileade (1 Sm 31.4, 11-13), que por gratidão pelo que Saul tinha feito por eles, o sepultaram debaixo de uma árvore. Profecia falsa!

b) Ele disse que no dia seguinte Saul e seus filhos estariam com ele, porque morreriam. Entretanto, Saul somente morreu três dias depois (1 Sm 29.1-11; 30.1 e 31.1-4). Profecia falsa!

c) Embora o espírito tenha dito que os filhos de Saul morreriam também, o fato é que três morreram no combate (1 Sm 31.2) mas pelo menos os outros sete filhos conseguiram sobreviver (2 Sm 2.8-10; 21.8). Profecia falsa!

O rei Saul desobedeceu as ordens de Deus contra a necromancia (Lv 19.31; 20.6). E por isso, foi condenado pelas suas transgressões e, dentre elas, a consulta à médium de En-Dor. Diz o texto: "Assim morreu Saul... porque buscou a adivinhadora para a consultar. E não buscou ao SENHOR, que por isso o matou..." (1Cr 10.13-14) .

RAZÕES PARA AFIRMAR A IMPOSSIBILIDADE DA REENCARNAÇÃO

O Espiritismo nega a ressurreição do corpo, pois crê na doutrina da reencarnação. Vejamos a definição de Allan Kardec: "A reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo, especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo"[44]. Para o espiritismo, o espírito do homem passa por inúmeras encarnações e, por meio delas, evolui espiritualmente, até chegar num momento em que não precisará mais encarnar e viverá eternamente como espírito e em contato com Deus.

Eis as razões pelas quais não aceitamos estes ensinos:

A. Primeira razão: Renascer difere de reencarnar

A afirmação de Jesus a Nicodemos "aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus", para o espiritismo constitui prova de que Jesus era reencarnacionista e que a reencarnação é a base da salvação e, portanto, necessária[45]. Com isso, o que Jesus chamou de "nascer de novo", o espiritismo chama de "reencarnação". Como a Bíblia explica a própria Bíblia, encontramos a passagem de Lucas 23.42-43, afirmando que nascer de novo não é o mesmo que reencarnar. Leia o que Jesus disse ao bandido na cruz quando ele implorou por misericórdia: "Em verdade te digo que ainda hoje estarás comigo no Paraíso". Logo, se o ladrão estaria no paraíso naquele mesmo dia, não

---

44 Kardec, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo: Editora Opus, 1985, p. 561

45 Kardec, A. O Livro dos Espíritos. Federação Espírita Brasileira, p. 153

reencarnaria. Os espíritas não têm base bíblica para a reencarnação, porque é um ensino que exclui a Graça de Deus[46].

Nós cremos que o novo nascimento do qual Jesus falou, é a experiência do perdão e da salvação, que se dá mediante a conversão (Rm 10.9-10).

B. Segunda razão: Ressuscitar difere de reencarnar

Esta é a firmação de Allan Kardec: "Não há, pois, como duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros"[47].

Nós contestamos estas afirmações porque quando o espiritismo recorre ao pacote de doutrinas da fé cristã, ele recorre à Bíblia, mas há uma incoerência nisso, pois Allan Kardec negou a autoridade bíblica até a morte. A Bíblia depõe contra os ensinos do espiritismo[48], no entanto, ela é usada para tentar afirmar suas teses.

A ressurreição pregada por Jesus, segundo Allan Kardec, difere da reencarnação espírita apenas no nome, ou seja, quando Jesus falava da ressurreição, tinha em mente a reencarnação. Vamos para a Bíblia: Em Mateus 22.30, Jesus afirmou que os ressuscitados não se casarão, o que prova que ressuscitar não é o mesmo que reencarnar. Em Zacarias 12.1, lemos que o espírito do homem é formado dentro dele, e o texto hebraico sugere a ideia de "espremer numa forma", dando-nos a perfeita compreensão que cada corpo tem seu próprio espírito e que este veio à existência, quando o corpo estava em formação, no ventre. Assim. fiquemos me paz. Não somos seres de outros mundos, que re(nascemos) na nossa família num processo evolutivo para expiar imperfeições, reparar erros, melhorar a existência através de boas obras.

MOTIVOS PARA CRER NA OBRIGATORIEDADE DAS CONSEQUÊNCIAS

O espiritismo crê na lei do carma. A palavra carma é uma palavra de origem hindu e significa literalmente "feitos", "obras". A lei do carma diz que nós colhemos tudo aquilo que semeamos, ou

---

[46] Santos, V. O triunfo da Graça. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 17

[47] Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Federação Espírita Brasileira, p. 89

[48] Packer, J. I. Teologia Concisa. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999. p. 119

nesta vida, nesta encarnação, ou em outra vida futura, uma reencarnação. Se fizermos o mal a alguém, receberemos o mal; se fizermos o bem, receberemos o bem.

A grande dificuldade deste ensino é que a lei do carma não dá espaço para o arrependimento do homem e para a misericórdia de Deus[49]. Mesmo que alguém se arrependa de seus pecados e clame por misericórdia, ele tem de pagar pelo que fez, nesta vida ou numa vida passada, independentemente de ele lembrar ou não de seus erros. Observe as palavras de Kardec: "Dissemos e repetimos, frequentemente, que estais sobre este lugar de expiação para rematar vossas provas, e que tudo aquilo que vos sucede é uma consequência de vossas existências anteriores, o ônus da dívida que tendes a pagar"[50].

Agora, observemos o que a Bíblia diz: "Eu, eu mesmo, sou o que apago todas as tuas transgressões por amor de mim e dos teus pecados não me lembro" (Is 43.25). O cristianismo ensina claramente sobre a misericórdia de Deus, que lança todos os nossos pecados no fundo do mar (Mq 7.18-20), mediante o arrependimento (Pv 28.13; 1Jo 1.9).

Nós realmente cremos que Deus perdoa pecados[51] (Is 55.7; Mt 6.12; Mc 2.5; Sl 103.3), e "perdão" é um termo que designa a mudança de relacionamento que se dá entre Deus e o pecador, quando este se vale do sacrifício de Jesus. Por exemplo, está escrito na Bíblia que Deus se esqueceu dos pecados dos cristãos (Hb 10.17). Naturalmente, neste caso, temos que entender que esse "esquecimento" é conotativo. Trata-se de uma força de expressão, cujo objetivo é salientar a perfeição do perdão.

MOTIVOS PARA CRER NA PESSOALIDADE DE DEUS

O Espiritismo não crê em Deus como ele se apresenta na Bíblia (Jo 14.17). Se não aceitam a Bíblia como a Palavra de Deus, também não aceitariam o Deus que a Bíblia apresenta. A literatura espírita esclarece que Deus somente fala através dos espíritos guias: "O Espiritismo diz... que Deus não se comunica com os homens senão por intermédio dos espíritos puros encarregados de transmitirem suas vontades..."[52].

---

49 Schaeffer, F, O Deus que Intervém. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002. p. 168

50 Kardec. A. O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1999, p. 92

51 Lima, L. Razão da Esperança. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006. p. 319

52 Kardec, A. O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1999, p. 92

Nós cremos em Deus da maneira como ele se apresenta na Bíblia. E como cremos na Bíblia, sabemos que somente ela é literalmente a palavra de Deus aos homens (At 1.16, 20; Sl 69.25 e 109.8; 4.24-26; Sl 2.1, 2; At 7.6; Gn 15.13; Rm 9.17; Ex 9.16; 1 Ts 2.13). Já vimos que os espíritas não aceitam isso. Logo, é natural que queiram restringir a comunicação de Deus apenas aos espíritos dos mortos. Essa é uma maneira de forçar as pessoas a consultarem os espíritos para conhecer a vontade de Deus. É assim que surge a necromancia, mesmo que condenada desde os tempos mais antigos (Lv 19.31; 20.6, 27; Dt 18.9-12; 1 Cr 10.13; Is 8.19-20).

AFIRMAÇÕES QUE JESUS CRISTO É DEUS

"...ele não é Deus...". "... Jesus... não era Deus..."[53]. É assim que o fundador do espiritismo se refere a Jesus Cristo.

No entanto, a Bíblia afirma que há um só Deus (1Tm 2.5), que preserva a distinção entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Jo 14.16; Mt 26.39), preserva a Divindade de cada uma destas três Pessoas (O Pai é Deus [Jo 3.16], o Filho é Deus [Jo 1.1], e o Espírito Santo é Deus [At 5.3-4]). Este ensino leva-nos a entender que Deus se permitiu chamar de Trindade, isto é, embora o Pai, o Filho, e o Espírito Santo sejam distintos e igualmente divinos, não há três Deuses, mas um único Deus.

Por isso, é impossível ser cristão e negar a trindade. Quem nega a trindade não pode ser considerado cristão. Os cristãos sempre sustentaram que Jesus, por ser Deus (Jo 1.1-3,10; Cl 1. 14-17; 2.9) e homem (1Tm 2.5), pode falar como Deus (Mt 18.20; Mc 2.10) ou como homem (Mt 24.36; Jo 5.30); que Jesus afirmou que de si mesmo nada podia fazer (Jo 5.30); que ele se submetia à vontade de Deus (Mt 26.39); e, quando de sua morte, entregou seu espírito a Deus (Lc 23.46).

Concluímos que Jesus foi superior aos homens (Hebreus 7.26); é apresentado na Bíblia como profeta, sacerdote e rei, e jamais como médium (At 3.19-24; Fp 2.9-11); é o Deus todo-poderoso, criador dos céus, da terra e de tudo quanto neles há (Hb 1.8-12; Rm 9.5; Cl 1. 14-17; 2.9; Tt 2.13; 2Pe 1.1).

---

53 Kardec, A. Obras Póstumas, Federação Espírita Brasileira, p. 121-153

AFIRMAÇÕES SOBRE A INFALIBILIDADE DA BÍBLIA

O espiritismo não crê na Bíblia como sendo a Palavra de Deus[54]. Allan Kardec escreveu: "A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode hoje aceitar, e outros que parecem singulares e que repugnam, por se ligarem a costumes que não são mais os nossos. A ciência levando as suas investigações desde as entranhas da terra até às profundezas do céu demonstrou, portanto, inquestionavelmente os erros da Gênese mosaica, tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que as coisas se passassem conforme o modo pelo qual estão aí textualmente narradas[55]."

O homem que substituiu Allan Kardec no comando do espiritismo mundial, escreveu: "... não poderia a Bíblia ser considerada a palavra de Deus, nem uma revelação sobrenatural"[56].

Veja o que disse Carlos Imbassahy, um escritor espírita: "Em matéria de escritura, os espíritas, no que se referem, é tão unicamente aos Evangelhos. Não os apresentam, porém, como prova, senão como fonte de luz subsidiária, elemento de reforço. Pois, nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O espiritismo não é um ramo do Cristianismo como as demais seitas cristãs. Não assenta seus princípios nas Escrituras... a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome espiritismo"[57].

Para o cristianismo, a Bíblia é infalível, é a palavra de Deus, e a palavra de Deus é perfeita (2Pe 1.20-21).

AFIRMAÇÕES SOBRE A EXISTÊNCIA DO DIABO E DO INFERNO

O espiritismo nega a existência de Satanás e seus demônios. Veja o que os espíritas ensinam sobre o diabo:"Satã, segundo o espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como nos tempos antigos Saturno personificava o tempo"[58]. Em outro livro, percebemos a mesma tendência: "Há demônios, no sentido que se dá a essa palavra? Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom, criando seres eternamente

---

54 Jones, P. (org), Bruxaria Global. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 13-16

55 Kardec, A. A Gênese. Obras Completas. São Paulo: Editora Opus, p. 911

56 Denis, L. Cristianismo e Espiritismo, Federação Espírita Brasileira, p. 267

57 No livro "À margem do Espiritismo", entre as páginas 121 e 219, o autor defende a tese que o espiritismo é dependente unicamente dos espíritos e por isso é superior e mais livre que o cristianismo, que depende da Bíblia.

58 Kardec, A. O que é Espiritismo. São Paulo: Editora Opus, 1985, p. 297.

voltados para o mal? Por isso, é evidente que se trata da personificação do mal sob uma forma alegórica”[59].

No cristianismo, sabemos que Deus não criou um ser maligno, mas sim um anjo de luz que se desviou (Is 14.12-15; Ez 28.14-16). Satanás jamais se manteve firme nem apegado à verdade (Jo 8.44). sabemos que muitos anjos o seguiram, e com ele, formam os principados e potestades do mal (Ap 12.7-9; Ef 6.11-12). Na tentação de Jesus vemos que o diabo existe (Mt 4.1-11), e na parábola do trigo e do joio, ficamos sabendo que ele tem filhos (Mt 13.38). Satanás é um ser real, constantemente em ação para tentar, e se possível, enganar o povo de Deus (Gn 3.1-5; Jó 1.6-11; 2.1-5; 1 Pe 5.8).

CONCLUSÃO

Espiritismo e cristianismo são como água e óleo. Não se coadunam. Não podem ocupar o mesmo espaço. Não há a possibilidade de ser espírita e cristão ao mesmo tempo. O espiritismo tem aparência de verdade mas não resiste ao teste da Bíblia. A Bíblia, usada pelos espíritas para defesa da sua doutrina, é na verdade, a principal acusadora desta heresia.

Vejamos alguns textos: Deuteronômio 18.1-14 - Os mortos: Abominação; Levítico 20 - A sentença de Deus: morte; 1Crônicas 10.8-13 - O preço da desobediência: morte; 2Coríntios 11.14 - O que satanás faz para tentar enganar; Hebreus 9.23-27 - Morte: uma só vez; 1Timóteo 2 - Mediador entre; Deus e o homem: um só; Atos16.19-34 - Salvação: uma única forma e definitiva!

Concluímos que não há comunicação entre vivos e mortos, que não há reencarnação, que Deus é pessoal e perdoa pecados, que Jesus Cristo é Deus, que a Bíblia é infalível, que o diabo e o inferno existem.

É Preferível confiar no sangue remidor de Cristo, a crer em reencarnação. Ao crermos que Jesus Cristo é Deus, que por ele somos purificados de todo pecado, e que seus mandamentos estão contidos na Bíblia, que é infalível, recebemos uma verdadeira plenitude.

Há uma ordem para que os homens morram uma única vez, e em seguida passem pelo juízo, quando acontecer a volta de Cristo (Hb 9.27-28). Os que creram nele serão salvos, mas os que não creram nele serão condenados.

---

[59] Kardec, A. O Livro dos Espíritos. Obras Completas. São Paulo: Editora Opus, 1985, p. 73-74

APLICAÇÃO

Os homens necessitam da mediação dos que já morreram? O espiritismo acredita que sim.

Você acha que a caridade pode trazer salvação? O espiritismo acredita que sim.

Um espírito pode voltar a este mundo, assumir outros corpos, evoluir e progredir até chegar à perfeição? Os espíritas chamam isso de reencarnação e acreditam nela.

Espíritos perambulam pelo espaço, sem destino certo e seguro, a uma certa proximidade da terra, de onde podem ver e ouvir o que estamos fazendo? Parece loucura, mas os espíritas acreditam nisso.

O que fazer?

1. Orar pelo povo espírita.
2. Pesquisar sobre a difusão espírita atual.
3. Responder como você dialogaria com um espírita sobre salvação.

MOVIMENTOS SECTÁRIOS

INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo de progresso tecnológico e científico. Novas descobertas surgem a cada dia. As mudanças são tantas que, para alguns, o que é fixo e imutável, como a fé evangélica, parece ser algo ultrapassado, tedioso e enfadonho.

Nesse contexto, a procura por novas sensações tem levado muitos a tentar avançar além da fé que foi entregue aos santos, caminhando em busca de alguma novidade mais excitante. Esse é o terreno das seitas. Mas o que são seitas? Por que elas têm surgido e crescido tanto, geralmente com o apoio de muitos tidos como cristãos? Quais são seus métodos? Qual deve ser a nossa reação?

É com essa preocupação que estudaremos algumas seitas e movimentos heréticos que têm surgido em nosso meio. Conheceremos algumas das suas principais doutrinas e o que a Bíblia diz sobre seus ensinos.

O QUE É UMA SEITA?

O termo "seita" vem do substantivo latino *secta*. Este deriva do verbo *sequi*, que significa "seguir"[60]. No grego a palavra é *hairésis* (da qual surgiu o termo heresia), cujo sentido original é "escola" ou "modo de pensar e de viver que é seguido por pessoas".

Até aqui, nada de pejorativo, uma vez que o próprio apóstolo Paulo se refere a uma seita de forma elogiosa, dizendo que esta era severa no cumprimento das leis (At 26.5).

Ao longo do tempo, o termo foi adquirindo um significado negativo. Paulo escreveu contra movimentos sectários que, em sua época, já eram considerados facções, ou seja, grupos de pessoas que professavam uma mesma fé, com obstinação, pertencendo a uma comunidade fechada que, em algumas situações, negava a divindade de Jesus Cristo e, em outras, 'tentava impor condições ao povo de Deus.

Seita, então, passou a ser sinônimo de perversão religiosa difusora de heresias de forma organizada. Do início do Cristianismo à Idade Média, elas surgiram constantemente, ficando sua refutação ao encargo da Igreja, que ainda vivia com uma aparência de unidade.

Hoje, quando falamos em seita, logo pensamos num sistema organizado, num grupo i religioso que possui uma doutrina particular e que normalmente difere dos princípios que dirigem o corpo de Cristo, distorcendo a mensagem central do Cristianismo e acrescentando "revelações" ou "experiências".

Uma seita pode adquirir formas diferentes, mas sua característica distintiva é desvirtuar a fé ortodoxa até o ponto em que a verdade é transformada em mentira.

---

[60] Seita (do latim *secta* = "secionar", "dividir", "sectar) de forma geral é um conceito complexo utilizado para grupos que professem doutrina, ideologia, sistema filosófico ou político divergentes da correspondente doutrina ou sistema dominantes. Segundo Peter L. Berger, seita seria a organização de um grupo contra um meio que consideram hostil ou descrente. O grupo então se fecha em um corpo de doutrinas e vê o restante da sociedade como inerentemente má ou pecadora, passível da ira divina, que inevitavelmente sobrevirá sobre eles. As seitas de orientação cristã usam as noções de pecado e santificação como forma de dar legitimidade discursiva aos neófitos e manter os que já são seguidores. A saída do grupo pode acarretar diversos efeitos psicossociais em decorrência do sentimento de solidão, de autoculpabilização e da hostilidade advinda do grupo que se está deixando. Sair de uma seita nunca é fácil porque ela exerce controle sobre toda a vida individual e coletiva dos indivíduos. As seitas, assim como as religiões instituídas, são agências reguladoras do pensamento e da ação, mas com a diferença de que na seita a regulação tende a ser mais totalizante, devido ao rígido controle que exercem sobre os sujeitos. Embora o termo seja frequentemente usado apenas às organizações religiosas ou políticas, estende-se também à adesão a grupos militantes minoritários em tensão com a sociedade ampla. Existem várias definições e descrições sociológicas diferentes para o termo · Entre o primeiro a defini-los foram Max Weber e Ernst Troeltsch (1912). Na tipologia igreja-seita as seitas são descritas como grupos religiosos recém-formados que se formam para protestar contra elementos da sua religião originária, geralmente uma denominação. Sua motivação tende a situar-se em acusações de apostasia ou heresia na denominação de origem; eles são muitas vezes condenando as tendências liberais no desenvolvimento denominacional e defendendo um retorno à verdadeira religião. Os sociólogos norte-americano Rodney Stark e William Sims Bainbridge afirmam que "seitas afirmam ter purgado a versão autêntica, renovado da fé a partir do qual eles se separaram". Esses sociólogos ainda afirmam que as seitas têm, em contraste com as igrejas, um alto grau de tensão com a sociedade envolvente. Outros sociólogos da religião, como Fred Kniss afirmaram que o sectarismo é melhor descrito em relação ao que a seita possui em tensão. Alguns grupos religiosos existem em tensão apenas com grupos co-religiosos de diferentes etnias, ou existem em tensão com o conjunto da sociedade e não a igreja que a seita originou. Dados encontrados em Stark, Rodney, and Williams Sims Bainbridge (1979) Of Churches, Sects, and Cults: Preliminary Concepts for a Theory of Religious Movements Journal for the Scientific Study of Religion. E também em Barker, E. New Religious Movements: A Practical Introduction (1990), Bernan Press.

POR QUE AS SEITAS SURGEM E CRESCEM?

Um dos motivos para o surgimento de seitas em uma instituição religiosa é o descontentamento do fundador com sua religião atual. O iniciador de um movimento, ao abandonar os princípios da Igreja-mãe, cria um sistema com doutrinas e regras que o satisfazem.

Do ponto de vista espiritual, compreendemos o acelerado processo de disseminação das seitas como uma ação do diabo, o qual tenta confundir o povo de Deus apresentando falsos profetas que têm personalidade marcante, são carismáticos e se dizem investidos de uma "missão divina".

Mas por que tantos são levados às falsas doutrinas e às práticas discutíveis, desprezando a verdade de Deus? A Bíblia fornece algumas razões para esse procedimento.

A. O amor pelas trevas (João 3.19-21)

O verdadeiro Evangelho de Cristo ilumina o caminho do pecador e convida o homem a arrepender-se e a viver pela fé. Mas muitos optam pelas trevas, fugindo da verdade do Evangelho de Jesus, porque amam mais as trevas do que a luz. São pessoas que praticam obras más em sua vida e nutrem ódio pelas obras da luz.

B. O despreparo espiritual (1 Pedro 2.2)

Os recém-nascidos na fé — sujeitos a grandes riscos — não podem demorar-se mais do que o necessário nesse estágio. E o caminho seguro para evoluir é o crescimento espiritual. Este envolve experiência de vida, pois traz consigo a sabedoria para discernir o certo do errado.

Em Mateus 24.24, Jesus adverte sobre os falsos cristos e falsos profetas, que surgirão com o objetivo de iludir até mesmo os eleitos. Assim, o despreparo espiritual dos cristãos tem sido um dos caminhos usados para que as heresias adentrem os portões da Igreja dos nossos tempos. Crentes fracos, subnutridos, estão suscetíveis a serem enganados pelos ventos de doutrinas (Ef 4.14).

C. A arrogância humana (Romanos 1.22-25)

Muitos dos que vão no caminho das seitas têm uma espécie de orgulho no coração que os fazem olhar para as igrejas fiéis como igrejas simples demais para serem seguidas. Não entendem o versículo "destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos" (ICo 1.19).

Abandonam o culto simples ao Senhor e o tornam mais "sofisticado" adicionando a ele elementos novos não prescritos na Palavra.

Alguns dos seus líderes são idolatrados, alguns sistemas são tidos como perfeitos, algumas seitas dizem ser a solução. Não seria essa uma das faces da arrogância humana?

O amor à subversão, o desconhecimento das coisas de Deus e a arrogância têm conduzido o homem à perversão e à impiedade, fazendo com que deixe de adorar o Deus verdadeiro e passe a servir a criaturas em lugar do Criador.

COMO AS SEITAS TRABALHAM

As seitas prendem-se a coisas menores (como a ênfase exagerada na volta de Cristo pelas seitas proféticas; a visitação de casa em casa pelas Testemunhas de Jeová; o casamento celestial ou batismo dos mortos pelos mórmons) e negligenciam as mais importantes.

Se, para o cristão, Jesus é o centro de tudo, para o adepto de uma seita, o fundador, o profeta, divide a glória com Cristo ou a assume inteiramente.

Tais doutrinas são o resultado de uma deficiente interpretação da Bíblia ou do total desprezo por ela. Textos isolados são utilizados e interpretados literalmente, em depreciação de uma pesquisa maior do ambiente social e histórico dos livros, que poderia expressar a real intenção dos autores sagrados ao escrever a mensagem. Se isso não fosse o bastante, ainda "elevam escritos, geralmente de seus fundadores, ao nível das Escrituras, trazendo uma tentativa de prejuízo à autoridade da Palavra de Deus". Veja alguns exemplos:

1. OCULTISMO

O oculto é pretensamente desvendado através do desenvolvimento da curiosidade. Parece inofensivo. Poucos sabem que o ocultismo é um poder realmente oculto que avança no domínio das eras. São práticas pagãs, associadas ao humanismo secular que geraram um paganismo religioso. Uma religião contrária ao cristianismo bíblico com forte intenção de afrontar o Deus das Escrituras e destruir a fé depositada nele.

As suas raízes são profundas e vão além da periferia da consciência cultural. Determinam comportamentos e conceitos. Precisamos analisar isso com discernimento cristão teológico para entender as implicações intelectuais, religiosas e práticas destes movimentos. São vários movimentos mundiais em paralelo gerando um culto a qualquer coisa que não seja Deus, e que formam um conjunto de oposição ao cristianismo, que afirma que Deus é Deus.

2. XAMANISMO

O xamã é conhecido como alguém que afirma ter poder de cura, capacidade de ver o futuro e invocar demônios. Ele é considerado qualificado para falar com espíritos e ser guiado por eles

numa jornada interior que envolve riscos, dor, experiências extáticas e amplo conhecimento pessoal. Essa é a essência do xamanismo, segundo Emanuel Swedenborg (1688-1772). os principais elementos do xamanismo são a rejeição da teologia bíblica, a exaltação da razão e da ciência, a crença panteísta em uma energia divina que permeia o universo, e a exaltação de indivíduos espiritualmente dotados que fazem contato direto com o mundo espiritual.

3. ASTROLOGIA

Ela tem uma aparência científica, de estudos profundos da criação, o que possivelmente, exerça fascínio sobre curiosos, mesmo que digam não confiar nos astros. Por outro lado, o astrólogo se torna o sacerdote-intérprete de um mapa astral e desvenda os segredos dos céus para o cliente. A astrologia tem clientes, que sabem que se trata de uma espécie de adivinhação, mas sugere uma condução segura por espíritos (signos) para uma vida humana.

4. BRUXARIA

Este assunto está relacionado com rituais e superstições como portais para a união com o divino. O objetivo sempre é o controle sobre a própria vida ou sobre a vida de outro. Por isso, para os que tem dificuldade com as restrições da vida cristã, esta prática pagã é sempre muito atrativa. Tudo pode nela. Um dado assustador e uma tendência recente espantosa é o aumento do número de pessoas que praticam bruxaria abertamente dentro de igrejas cristãs, muitas vezes, sem encontrar resistências.

5. CABALA

É um sistema de misticismo judaico influenciado pelo ocultismo gentílico. A cabala é influenciada pelo gnosticismo e o neoplatonismo, bem como pela Bíblia, e afirma a existência de quatro níveis de realidade: Emanação, Criação, Formação e Ação. Na cabala, Deus é conhecido como ‘nada além’. Uma vez que Deus é completamente distinto não há como fazer asserção sobre a sua essência. Conceitos bíblicos e ideias pagãs sobre Deus e o universo formam o sincretismo que fundamenta a cabala.

6. GNOSTICISMO

A mensagem do gnosticismo moderno é que membros, ou não membros, todas as religiões são companheiros na busca pela verdade e precisamos descobrir a verdade que cada um possui. Este entendimento pressupõe que a riqueza espiritual está dentro de cada um, o que definitivamente menos preza a revelação e a necessidade de Jesus Cristo.

7. SINCRETISMO

Pensamentos modernos e costumes antigos coexistindo numa relação desafeta e simbiótica caracterizam o sincretismo atual na América do Sul. Unidos, caminham incólumes para longe de

Deus. Há uma impressão de espiritualidade romântica e ingênua, mas na verdade, os costumes dos que vivem nas selvas chegam a níveis inaceitáveis, como o canibalismo. Nas cidades, as três vertentes - católica, brasileira e africana - separaram a religião de sua fonte última da verdade: Deus, o criador, inteiramente distinto da criação, o Deus que revela a verdade externamente em sua Palavra.

8. PAGANISMO

Ele está fundamentado em dois conceitos inter-relacionados: fenômenos espirituais e fenômenos de poder, que combinados geram o poder espiritual. Os princípios da cosmovisão pagã africana afetam a mentalidade religiosa, psicológica, moral, filosófica, social e antropológica. Para este tipo de espiritualidade, todos os acontecimentos têm uma causa espiritual. Uma vez obtido o poder espiritual, ele deve ser aplicado a fim de garantir segurança e prosperidade e exercer controle.

9. JUNGUINISMO

Eis aqui uma síntese de conceitos religiosos e psicológicos. Os conceitos de Jung rejeitam a asserção, identidade e valores judaico-cristãos tradicionais em favor de formas extremamente individualizadas da consciência espiritual (o domínio do subjetivo). São conceitos que aceitam os símbolos, mas rejeitam os pressupostos, os dogmas e as instituições religiosas. A conclusão da sua teoria encontra-se no fato de ser uma mistura complexa de pensamentos profundos, saltos de lógica obscurantistas e reducionismo teológico.

10. QUANTICISMO

Há o entendimento que o ambiente altera a matemática de tal modo que o comportamento da mecânica quântica se torna o comportamento clássico com o qual estamos habituados em nossas dimensões. Buscar respostas apenas na física conduz ao ateísmo. Buscar respostas apenas na metafísica conduz a uma introspecção sem fundamentos. Tanto a física como a metafísica contribuem para a busca de um entendimento holístico da existência, com suas categorias ontológicas.

11. NEOPAGANISMO

Este tema tem como objetivo uma redefinição monista e ecológica do Espírito. A adoção da cosmovisão neopagã e da ecologia profunda (forte ênfase panteísta) leva muitos pensadores a se valerem de táticas irracionais na discussão sobre o aquecimento global.

Por estarmos passando por uma mudança existencial, dimensional, profunda e global da consciência, há espaço para o exercício da mente contemplativa, uma espécie de misticismo, que atinge tanto a sociedade como a religião dos nossos tempos. Os procedimentos contemplativos

levam a um caminho antigo que combina a exterioridade do simbolismo religioso cm a jornada interior em direção a uma experiência mística do divino.

Há uma oferta semelhante a um cardápio num restaurante. O neopaganismo oferece-se como alternativa a quem busca espiritualidade como um fim em si mesma. A cosmovisão neopagã prega que a salvação é um nível superior de consciência, que o pecado não existe, e por isso, não há a necessidade de um perdão que vem de fora do corpo.

12. ESPIRITUALISMO ORIENTAL

A religião chinesa, com clara ênfase nos ensinamentos, é difusa e funcional. Por difusa, entende-se não institucionalizada. Por funcional, entende-se que é usada de acordo com as necessidades pragmáticas da vida diária. Nesta prática espiritual, adora-se três tipos de mortos: os antepassados, os grandes heróis e os espíritos solitários. O objetivo da adoração é dividido em três: Humanista, pois o homem procura ser deificado e adorado por seus descendentes; Monista, pois o homem se torna parte do mundo espiritual; e egoísta, pois os descendentes adoram e apaziguam os espíritos dos antepassados para evitar problemas e sofrimentos nesta vida.

13. ESPIRITUALISMO OCIDENTAL

Grande parte do que se passa por espiritualidade cristã é anticristã. É uma espiritualidade falsa em sua natureza porque é vaga, amorfa, e adivinhativa baseada na ansiedade do homem. A atual espiritualidade menospreza três acontecimentos centrais da história cristã: A criação dos céus e a terra, a encarnação do Filho de Deus e o envio do Espírito Santo em Pentecostes. É a espiritualidade única, verdadeira e singular que cumpre o propósito de nossa existência e o anseio do nosso coração.

Historicamente, o povo de Deus deveria se manter afastado de crenças e práticas das nações vizinhas. Os seus efeitos seriam desastrosos. Os vizinhos adoravam seus Deuses criados, mas o povo de Deus tinha um Deus vivo para adorar, o Deus da aliança. Qualquer adivinhação para fazer contato com um dos deuses estrangeiros era considerado violação da aliança e deslealdade ao Deus verdadeiro.

Havia uma filosofia em Colossos que atraía magneticamente. Era um tipo de espiritualidade pagã que enredava os ouvintes para si, e os capturava para longe das verdades históricas e proposicionais do Evangelho. A resposta ao problema de Colossos foi uma apresentação singular e positiva do evangelho pleno de Jesus Cristo. A filosofia de Colossos era uma ‘verdade alternativa’, somente vencida pela afirmação inequívoca: Nele, tudo subsiste! Em última análise, o foco é Jesus Cristo. Ele, em si mesmo, é a resposta completa para todas as ideologias pagãs.

Quando Paulo escreve aos Efésios ele revela duas matrizes teológicas das quais fluem duas espiritualidades incompatíveis. Andar como os gentios ou andar como o aprendizado de Cristo? Sem dúvida, a Bíblia reserva um espaço para a cultura, pois há lugar para a graça comum e para a imagem de Deus no empreendimento humano. Ela o faz, porém, sem nenhuma ingenuidade nos convida a estabelecer a verdade por meio de um confronto antitético entre o sistema de crença pagã decaída e a revelação divina. Com Cristo ou sem Cristo.

COMO RESPONDER ÀS SEITAS

Diante desse quadro, qual deve ser nossa atitude? Primeiro, precisamos conhecer nossa fé (1 Pe 3.15). A primeira atitude do cristão não é tornar-se um perito em seitas, mas na Palavra de Deus. A resposta "eu sei, mas não sei explicar" não é suficiente.

Quando dominamos os fatos, respondemos a qualquer pergunta. Em Mateus 24.11, Cristo disse que falsos profetas enganariam a muitos. O surgimento das seitas foi profetizado desde o início do Cristianismo.

Dessa forma, nossa atitude deve ser de despertamento, aperfeiçoando o nosso conhecimento. E por isso, precisamos estar preparados intelectualmente, para distinguir as seitas que proliferam (Jd 17-19); espiritualmente, com uma vida cristã coerente que caminha rumo à maturidade espiritual, podendo assim, discernir o bem do mal (Jd 20,21); e ofensivamente, alcançando com a verdade aqueles que foram atingidos pelo erro (Jd 22,23).

CONCLUSÃO

Vimos que a seita representa um sistema organizado, um grupo religioso comi ensinamentos particulares, normalmente diferentes dos pregados pela Igreja comprometida com a verdadeira mensagem bíblica.

As seitas surgem e crescem, na maioria das vezes, porque há no homem um apego especial pelas coisas que não são de Deus; em outros casos, pelo despreparo do cristão, que não sabe defender sua fé; e ainda pela arrogância, que deixa no homem a falsa sensação de independência de Deus.

A grande propaganda destes movimentos é a experiência pessoal com a divindade. O paganismo é especialista em técnicas espirituais subjetivas com o prometido objetivo de gerar uma

identificação mística com o divino. Neste sentido, a verdade não tem a ver com doutrina e sim com boa intenção.

São movimentos em que a experiência determina o teor da ação. A religião passa a ser uma experiência espiritual universal, ao invés de um conjunto doutrinário norteador. Por isso, cresce o número dos que se dizem sem religião, mas espiritual.

A inquietação dos nossos dias talvez seja o fato de muitos cristãos bem intencionados caminharem a passos largos para técnicas espirituais arraigadas no paganismo.

Este é o alerta para o cristianismo atual: Adora somente a Deus, através da revelação objetiva do Pai em palavra e atos, Jesus Cristo, e afasta-te dos adoradores da criatura (Romanos 1.25), porque se não o fizeres, mais cedo ou mais tarde, enredado pelas técnicas e métodos espirituais deles, negará o Senhor que tanto deseja conhecer, adorar e servir.

APLICAÇÃO

Diante disso tudo, quando alguém lhe apresentar uma nova doutrina, qual será seu procedimento?

O que fazer?

1. Orar pelos praticantes de qualquer seita que afronta o cristianismo puro e simples.
2. Ler Judas 17-19 e considerar acerca dos eu entendimento bíblico sobre as seitas.
3. Ler a breve resenha a seguir e considerar sobre o avanço de inúmeros sistemas completamente alheios à fé, mas que têm crescido desenvolvido diante dos nossos olhos.

CRISTIANISMO CONFESSIONAL

INTRODUÇÃO

Toda e qualquer fonte de autoridade, nos dias atuais, é entendido como algo a ser contestado. O tempo é de insubmissão e anarquismo espiritual, onde cada um tem a sua verdade fundamentada no seu próprio conjunto doutrinário pessoal. É o tempo do subjetivismo. A despeito disso, o confessionalismo histórico da igreja reformada tem valor atual, pois ainda é a melhor interpretação sistematizada das Escrituras. Como desprezaríamos o Credo dos apóstolos, o Credo Niceno, a Fórmula de Calcedônia, o Credo Atanasiano, e também os documentos confessionais pós-reforma?

Pensemos sobre o que foi produzido pelas principais correntes da Reforma Protestante como o Livro da oração comum, os Artigos da Religião, o Livro das Homílias, o Livro de concórdia, a Confissão de Augsburgo (1530), a apologia a confissão de Augsburgo (1531), os artigos de Esmalcalde (1537), Tratado sobre o poder e o primado do papa (1537), Catecismo menor (1529), o catecismo maior (1529), e a formula de concórdia (1577). E o que dizer da confissão Belga (1561), do catecismo de Heidelberg (1563) e dos Cânones de Dort? Como perseveraríamos no cristianismo reformado sem seus credos e confissões?

Os documentos cristão e reformados mostram aos cristãos a sua confissão de Fé, mostram a grupos liberais os fundamentos bíblicos e teológicos da fé e levam-nos ao verdadeiro culto ao SENHOR. Por isso, ainda que a cultura se mostre relativista, pragmática ou cética o confessionalismo cristão sempre será uma voz a ecoar contra qualquer forma de desprezo a Deus e ao seu filho Jesus Cristo por intermédio do Espírito Santo.

O contexto político, econômico, social e teológico dos Séculos XVI a XVIII, produziu transformações indeléveis à humanidade. Genebra foi a capital da Reforma Religiosa (Reforma Protestante), Paris foi a capital da Reforma Social (Revolução Francesa) e Londres foi a capital da Reforma Econômica (Revolução Industrial). Por isso, as transformações ocorridas no mundo não foram somente restritas à religião.

Em paralelo a isso vimos a explosão da Renascença e do Iluminismo. Enquanto os reformadores questionavam a igreja católica por sua forma de influenciar a teologia, a economia, a política e a sociedade, a Renascença confrontava a filosofia e as artes.

Este contexto exigiu da igreja reformada uma formulação conceitual doutrinária para, além de reorganizar e reorientar a vida cristã cotidiana, recolocar o cristianismo dentro das novas concepções europeias do momento.

UM RESUMO DO PROTESTANTISMO

Se você gosta de questionar o motivo de alguns credos, esta revista vai lhe trazer explicações importantes sobre eles.

Se você quer conhecer o ponto de vista bíblico sobre o mundo religioso atual, também vai encontrar informações. Mas todo conhecimento deve ser usado para o crescimento do Corpo de Cristo, de modo que você seja edificado juntamente com seus irmãos da igreja.

O objetivo é contribuir para o conhecimento, de maneira que as "vãs doutrinas" não venham a nos pegar de surpresa.

Para começar, vamos relembrar um pouco da nossa história.

OS IDEALIZADORES DA REFORMA

A Reforma é datada do século 16, mas antes de Martinho Lutero alguns servos de Deus já lutavam pela mudança no credo católico.

John Wycliffe (cerca de 1320-1384), que fez as primeiras traduções da Bíblia para a língua inglesa e, embora perseguido pela inquisição, morreu de uma enfermidade;

John Huss (1369-1415), seguidor dos princípios de Wycliffe, pregou o livre acesso do homem a Deus e foi morto pela inquisição;

Jerônimo de Praga (1379-1416), seguidor de Huss, também morto pela inquisição.

O objetivo da Reforma não era criar uma igreja, mas reformar a igreja existente, tanto que os grandes defensores da reforma continuaram participando das missas enquanto a Igreja não os excomungou e perseguiu.

Martinho Lutero (1483-1546) é um dos nomes mais conhecidos da Reforma. Ele fixou 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517, enfrentando a autoridade católica.

As principais teses de Martinho Lutero questionavam a penitência (o ato de se confessar com ò padre), a autoridade do papa e a venda de indulgências.

Era costume na época afixar documentos com o fim de debater ideias e promover transformação. Lutero foi perseguido, porém não desistiu da sua declaração de fé e, mesmo tendo de se esconder sob a proteção de Frederico, príncipe da Saxônia, escreveu diversos livros e traduziu o Novo Testamento para a língua alemã.

João Calvino (1509-1564) sempre foi ligado à religião, mas, por vontade de seu pai, se formou em Direito. Ao tomar conhecimento dos textos de Martinho Lutero, aderiu à Reforma. Na França, entretanto, rei Francisco I não deixou espaço para a Reforma, em vez disso, ele a perseguiu. Sendo assim, Calvino teve de fugir, vindo a fixar residência em Genebra, onde liderou o movimento reformador e instaurou um governo protestante, já que Genebra não estava debaixo do clero.

Enquanto esteve à frente de Genebra, Calvino também escreveu muitos livros, entre eles "As Institutas", um dos maiores tratados de teologia cristã.

Calvino era um homem muito erudito, dedicou-se a escrever e se preocupou em orientar grupos protestantes que se encontravam mais distantes, como, por exemplo, os valdenses na Itália.

John Knox (1513-1572) era escocês e pouco se conhece a respeito do início de sua vida. Embora fosse padre, nunca assumiu uma paróquia. Em 1545 confessou a fé protestante. Era muito estudioso e se interessava pelos escritos de Agostinho e Jerônimo. Em 1554, chegou a Genebra onde se encontrou com Calvino, aprofundando seus conhecimentos na Fé Reformada. Voltou à Escócia e ficou conhecido pelo sucesso como estabeleceu a Reforma Protestante ali. Foi nesse país que a Igreja Presbiteriana teve sua origem.

Em todas as partes da Europa a Reforma foi perseguida e reprimida pela Igreja Católica por meio das fogueiras da "Santa Inquisição".

OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO

A Declaração de Fé, conhecida como "os cinco pontos do calvinismo", pode ser decorada com o auxílio da palavrinha: TULIP, que significa"tulipa"em inglês.

Depravação Total- Todos os homens são totalmente pecadores, não tendo condições de se salvar por si mesmos (Ef 2.1,5). Sem Jesus não é possível fazer nada pela salvação (Jo 15.5), estamos afastados de Deus (Rm 6.23; 8.7).

Eleição Incondicional - Embora esta seja uma das doutrinas de maior discussão dentro da igreja, é bíblica, pois Deus escolhe a todos quantos quer salvar (Dn 4.32) e nos predestinou antes da fundação do mundo segundo o propósito da sua vontade (Ef 1.11).

Ele mesmo diz que escolheu Jacó e não Esaú (Rm 9.11-13). Não depende de mérito humano ou do quanto o homem se esforce, mas sim de usar Deus da sua misericórdia (Rm 9.16). A doutrina da eleição ou predestinação simplesmente significa que Deus tem a decisão final.

Expiação Limitada - Jesus morreu apenas pelo seu povo, apenas pelos escolhidos, conforme vemos em Mateus 1.21. Limitado não significa insuficiente, mas feito somente para aqueles que recebem a salvação. Em João 10.15, Jesus diz que dá a sua vida pelas ovelhas, não por todos os homens do mundo. Neste caso seu sacrifício seria fracassado, pois se morresse por todos, aqueles que não aceitassem estariam rejeitando a graça. Nosso próximo tópico é exatamente sobre isso.

Graça Irresistível - É o presente gratuito de Deus em Cristo Jesus. Quando você é tocado pelo Espírito Santo não há como fugir, pois ninguém consegue resistir às doutrinas da Maravilhosa Graça (Jo 6.37).

Perseverança dos Santos - Uma vez salvo por Cristo, salvo para sempre. Pedro afirma que somos sacerdócio real, povo de propriedade exclusiva de Deus (1 Pe 2.9). Note que ele diz *exclusiva*, ou seja, pertencemos somente a de, não há mais separação. João fala daqueles que abandonaram a fé e adverte que eles então não seriam salvos, pois não permaneceram firmes (1 Jo 2.19).

OS CINCO "SOMENTE" DA REFORMA

Vamos conhecer os cinco Solas: *Sola Scriptura, Solo Christus, Sola Gratia, Sola Fide e Soli Deo Gloria.*

Somente a Escritura - Significa que nós, os reformados, cremos que a Bíblia é a Palavra inerrante de Deus e tudo que passar disto deve ser desconsiderado (2Tm 3.16,17; Hb 4.12).

Somente Cristo - Jesus Cristo é o único Salvador, único mediador entre Deus e os homens; não há outro nome pelo qual podemos ser salvos. Então "Só Cristo" (At 4.12, 1Tm 2.5).

Somente a Graça - A graça de Deus é maravilhosa! Com enorme satisfação falamos da graça, pois sabemos que ela é o grande favor imerecido, que nos é dado gratuitamente por Jesus Cristo, sem a necessidade de obras, nem da compra de indulgências (G11.15; Ef 2.8,9).

Somente a fé- A fé é a única resposta que podemos dar quando recebemos tão maravilhoso presente. Quando Jesus nos atrai pela sua graça, a resposta é a fé, a certeza de que tudo quanto ele

prometeu se cumprirá na nossa vida e na igreja. A partir de então, não há necessidade de sacrifícios pelos pecados, nem obras, penitências ou o que quer que seja. A salvação está completa (Ef 2.8,9).

Glória somente a Deus - Deus é o centro da nossa adoração, o centro do nosso culto. Todo o culto deve ser dirigido a Deus, que não divide a sua glória com ninguém, nem com homens, nem com imagens. Bach, o grande músico, em todas as suas composições acrescentava "Soli Deo Gloria", ou seja, em tudo o que ele fazia, em todo o seu trabalho, a glória era para Deus (SI 45.6; Is 40).

A EXEGESE CULTURAL

O novo conceito social, econômico e cultural iniciado na Renascença e no Iluminismo estabeleceu o fundamento para quase tudo o que praticamos no ocidente na atualidade. Em palavras claras, estamos a mercê de conceitos extremamente seculares, onde Deus não existe e sua Palavra é considerada um conto de fadas. Por isso, necessitamos de um confessionalismo sólido para contrapor aos avanços do Pragmatismo, Individualismo, Mercantilismo, Hedonismo, Subjetivismo e muitos outros ismos sendo produzidos em escala assustadora.

Com os fundamentos cristãos relativizados, com o liberalismo teológico crescendo, com a economia produzido novos deuses, com a sociedade familiar se fragmentando, com a violência apavorando, com a saúde em descalabro, com a esperança em baixa, necessitamos de absolutos mostrem a direção, que produzam efeitos de seguridade. Onde encontraríamos isso, senão nas Escrituras e nos seus fundamentos confessionais? Isso nos leva ao próximo ponto.

Pragmatismo, Individualismo, Mercantilismo, Hedonismo, Subjetivismo e outros movimentos dessa natureza são expressões de um paganismo ascendente que tem adentrado as igrejas contribuindo para um misticismo gospel, expondo o evangelicalismo que vivemos, quase uma apostasia intelectual e teológica.

As novas igrejas que nascem todos os dias nem sequer sabem que o cristianismo passou por uma reforma no século XVI para que Cristo fosse reconhecido como o centro, as escrituras fossem reconhecidas como a nossa única regra de fé e prática, a fé e a graça fossem reconhecidas como o principal agir de Deus em nosso favor e a Glória fosse dada unicamente ao SENHOR.

Mas, as novas denominações não aderem aos sistemas históricos porque são expressões sincréticas baseadas no interesse comum, que é o bem estar pessoal. Nesse ambiente, o pragmatismo é melhor entendido, ou seja, façamos o que funciona. Se der certo, é verdadeiro. Se há prosperidade, cura, sucesso, então o ministério é de Deus.

Se os credos e confissões enaltecem ao Senhor e o colocam no centro, na atualidade o homem ocupa o centro; se os credos e confissões afirmam que há uma forma de culto estabelecida por Deus, na atualidade cada igreja quer ter a sua forma pessoal litúrgica (que é sem liturgia); se os credos e confissões afirma a ordem e decência, a atualidade quer a espontaneidade.

O que tais igrejas não percebem é que a perda do valor dos credos e confissões levam os adeptos a uma estagnação intelectual acerca de Deus e sua Palavra, culminando numa consolidação da cultura secular, que por fim, traz danos gravíssimos a todo o sistema religioso.

Os motivos históricos, políticos e éticos, desde a revolução estudantil na década de 60, conduziram para uma supervalorização da invalidação das fontes de autoridade. Ao homem sempre agradará não ter limites, sendo dirigido unicamente por seus conceitos pessoais. Assim, inúmeras igrejas não consideram mais a importância dos credos e confissões como seus símbolos de fé. E quando uma igreja desconsidera esse assunto é por que ela não quer ser conduzida por tais símbolos.

Mas, quando atentamos para a formulação dos catecismos e para o padrão das confissões, percebemos o valor que tais documentos conferem a uma instituição, contribuindo para uma vida separada diante de Deus. Não há dúvida! Temos de retornar urgentemente para o conhecimento de tais obras.

A seguir, sugiro a leitura de três credos (Atanasiano, Niceno e Apostólico) para que os irmãos vejam as principais preocupações dos mesmos.

O CREDO DE ATANÁSIO*

ORIGEM

O Credo de Atanásio, subscrito pelos três principais ramos da Igreja Cristã, é geralmente atribuído a Atanásio, Bispo de Alexandria (século IV), mas estudiosos do assunto conferem a ele data posterior (século V). Sua forma final teria sido alcançada apenas no século VIII. O texto grego mais antigo deste credo provém de um sermão de Cesário, no início do século VI.

O credo de Atanásio, com quarenta artigos, é um tanto longo para um credo, mas é considerado "um majestoso e único monumento da fé imutável de toda a igreja quanto aos grandes mistérios da divindade, da Trindade de pessoas em um só Deus e da dualidade de naturezas de um único Cristo."[1]

TEXTO

1. Todo aquele que quiser ser salvo, é necessário acima de tudo, que sustente a fé universal.[2] 2. A qual, a menos que cada um preserve perfeita e inviolável, certamente perecerá para sempre. 3. Mas a fé universal é esta, que adoremos um único Deus em Trindade, e a Trindade em unidade. 4. Não confundindo as pessoas, nem dividindo a substância. 5. Porque a pessoa do Pai é uma, a do Filho é outra, e a do Espírito Santo outra. 6. Mas no Pai, no Filho e no Espírito Santo há uma mesma divindade, igual em glória e co-eterna majestade. 7. O que o Pai é, o mesmo é o Filho, e o Espírito Santo. 8. O Pai é não criado, o Filho é não criado, o Espírito Santo é não criado. 9. O Pai é ilimitado, o Filho é ilimitado, o Espírito Santo é ilimitado. 10. O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno. 11. Contudo, não há três eternos, mas um eterno. 12. Portanto não há três (seres) não criados, nem três ilimitados, mas um não criado e um ilimitado. 13. Do mesmo modo, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito Santo é onipotente. 14. Contudo, não há três onipotentes, mas um só onipotente. 15. Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus. 16. Contudo, não há três Deuses, mas um só Deus. 17. Portanto o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor. 18. Contudo, não há três Senhores, mas um só Senhor. 19. Porque, assim como compelidos pela verdade cristã a confessar cada pessoa separadamente como Deus e Senhor; assim também somos proibidos pela religião universal de dizer que há três Deuses ou Senhores. 20. O Pai não foi feito de ninguém, nem criado, nem gerado. 21. O Filho procede do Pai somente, nem feito, nem criado, mas gerado. 22. O Espírito Santo procede do Pai e do Filho, não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. 23. Portanto, há um só Pai, não três Pais, um Filho, não três Filhos, um Espírito Santo, não três Espíritos Santos. 24. E nessa Trindade nenhum é primeiro ou último, nenhum é maior ou menor. 25. Mas todas as três pessoas co-eternas são co-iguais entre si; de modo que em tudo o que foi dito acima, tanto a unidade em trindade, como a trindade em unidade deve ser cultuada. 26. Logo, todo aquele que quiser ser salvo deve pensar desse modo com relação à Trindade. 27. Mas também é necessário para a salvação eterna, que se creia fielmente na encarnação do nosso Senhor Jesus Cristo. 28. É, portanto, fé verdadeira, que creiamos e confessemos que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é tanto Deus como homem. 29. Ele é Deus eternamente gerado da substância do Pai; homem nascido no tempo da substância da sua mãe. 30. Perfeito Deus, perfeito homem, subsistindo de uma alma racional e carne humana. 31. Igual ao Pai com relação à sua divindade, menor do que o Pai com relação à sua humanidade. 32. O qual, embora seja Deus e homem, não é dois mas um só Cristo. 33. Mas um, não pela conversão da sua divindade em carne, mas por sua divindade haver assumido sua humanidade. 34. Um, não,

de modo algum, pela confusão de substância, mas pela unidade de pessoa. 35. Pois assim como uma alma racional e carne constituem um só homem, assim Deus e homem constituem um só Cristo. 36. O qual sofreu por nossa salvação, desceu ao Hades, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia. 37. Ascendeu ao céu, sentou à direita de Deus Pai onipotente, de onde virá para julgar os vivos e os mortos. 38. Em cuja vinda, todo homem ressuscitará com seus corpos, e prestarão conta de sua obras. 39. E aqueles que houverem feito o bem irão para a vida eterna; aqueles que houverem feito o mal, para o fogo eterno. 40. Esta é a fé Universal, a qual a não ser que um homem creia firmemente nela, não pode ser salvo.[3]

NOTAS

* Extraído de Paulo Anglada, Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras (São Paulo: Os Puritanos, 1998), 180-82.

[1] A. A. Hodge, The Confession of Faith (Edinburgh & Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1992), 7.

[2] O termo universal traduz a palavra católica, a qual também poderia ser traduzida por geral.

[3] Traduzido a partir do inglês de A. A. Hodge, Outlines of Theology (Edinburgh, & Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991), 117-118.

O CREDO NICENO*

ORIGEM

O Credo Niceno deriva-se do credo de Niceia (composto pelo Concílio de Niceia (325 AD), com pequenas modificações efetuadas pelo Concílio de Calcedônia (451 AD) e pelo Concílio de Toledo (Espanha, 589 AD). Este credo expressa mais precisamente a doutrina da Trindade, contra o arianismo.[1] Eis o texto do Credo de Niceia, conforme aceito por católicos e protestantes:

TEXTO

Creio em um Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, e de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai; pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual por nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne pelo Espírito Santo da Virgem Maria, e foi feito homem; e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos. Ele padeceu e foi sepultado; e no

terceiro dia ressuscitou conforme as Escrituras; e subiu ao céu e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai e do Filho[2], que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas. Creio na Igreja una, universal e apostólica, reconheço um só batismo para remissão dos pecados; e aguardo a ressurreição dos mortos e da vida do mundo vindouro.[3]

NOTAS

***** Extraído de Paulo Anglada, Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras (São Paulo: Os Puritanos, 1998), 179-80.

[1] Doutrina de Ário (primeira metade do século IV), segundo a qual Cristo não é eterno, mas o primeiro e mais perfeito ser criado.

[2] Esta frase (tradução do termo latino Filioque) foi adicionada pelo Concílio de Toledo (da igreja ocidental).

[3] Traduzido de Schaff, Creeds of Christendom, 25-29. citado por A. A. Hodge, Outlines of Theology, (Edinburgh, & Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991), 116-117 e Epifânio, Ancoratus c. 374 AD, 118 (citado por Henry Bettenson, Documentos da Igreja Cristã, 56).

O CREDO APOSTÓLICO*

ORIGEM

O Credo Apostólico, o mais conhecido dos credos, é atribuído pela tradição aos doze apóstolos.[1] Mas os estudiosos acreditam que ele se desenvolveu a partir de pequenas confissões batismais empregadas nas igrejas dos primeiros séculos. Embora os seus artigos sejam de origem bem antiga, acredita-se atualmente que o credo apostólico só alcançou sua forma definitiva por volta do sexto século,[2] quando são encontrados registros do seu emprego na liturgia oficial da igreja ocidental. De um modo ou de outro, parece evidente sua conexão com outros credos antigos menores; como os seguintes:

Creio em Deus Pai Todo-poderoso, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor. E no Espírito Santo, na santa Igreja, na ressurreição da carne.

Creio em Deus Pai Todo-poderoso. E em Jesus Cristo seu único Filho nosso Senhor, que nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria; concebido sob o poder de Pôncio Pilatos e sepultado; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai, de onde há de vir julgar os vivos e

os mortos. E no Espírito Santo; na santa Igreja; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo. [3] O Credo Apostólico, assim como os Dez Mandamentos e a Oração Dominical, foi anexado, pela Assembléia de Westminster, ao Catecismo. "Não como se houvesse sido composto pelos apóstolos, ou porque deva ser considerado Escritura canônica, mas por ser um breve resumo da fé cristã, por estar de acordo com a palavra de Deus, e por ser aceito desde a antigüidade pelas igrejas de Cristo."[4]

TEXTO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra.

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; na vida eterna. Amém.

NOTAS

***** Extraído de Paulo Anglada, Sola Scriptura: A Doutrina Reformada das Escrituras (São Paulo: Os Puritanos, 1998), 178-79.

[1] Alguns chegaram a sugerir que cada apóstolo teria contribuído com um artigo.

[2] Schaff, Creeds of Christendom, vol.1, 20. Citado por A. A. Hodge, Outlines of Theology (Edinburgh, & Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991), 115.

[3] O primeiro desses credos provém, provavelmente, da primeira metade do segundo século. O segundo, conhecido como Credo Romano Antigo, provém da segunda metade do segundo século. Ver O. G. Oliver Jr., "Credo dos Apóstolos," em Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, vol. 1 (São Paulo: Vida Nova, 1993): 362-63.

[4] Citado por A. A. Hodge, Outlines of Theology, 115.

O que fazer?

1. Orar pelos cristãos confessionais.
2. Ler 1Pedro 3.15-18, considerar quais as principais verdades do texto e aplicar aos dias atuais.
3. Avaliar como a Reforma Protestante pode influenciar o mundo contemporâneo.